

THE IT GIRL: GAROTA PROBLEMA

CECILY VON ZREGESAR

OP: K274 — PAGE MAKER 6.5

1ª PROVA — PRÉ-PAGINADA

LÁLLA
25/07/07

GABARITO PARA MONTAGEM:
dentro: 22 mm / fora: 20 mm



Nunca permiti que a escola interferisse em minha educação.

— Mark Twain

1

UMA WAVERLY OWL NÃO DISCUTE SEMINUA COM ESTRANHOS.

A bolsa de viagem Jack Spade xadrez de alguém bateu no queixo de Jenny Humphrey e a arrancou de um sonho. O trem Amtrak Empire Service das dez da manhã para Rhinecliff, em Nova York, tinha parado em Pughkeepsie e um rapaz alto, de uns 20 anos e queixo eriçado, usando óculos quadrados e marrons Paul Smith e uma camiseta da banda Decemberists, estava parado junto dela.

— Tem alguém sentado aqui? — perguntou ele.

— Não — respondeu ela meio grogue. Ele atirou a bolsa debaixo do banco e se acomodou ao lado de Jenny.

O trem gemia a quase um quilômetro por hora. Jenny cheirou o ar rançoso e meio suarento do vagão e sacudiu o pé, pensando que ia chegar superatrasada para o check-in na Waverly Academy. Ela teria chegado cedo se o pai, Rufus, a

tivesse levado de carro para lá com sua perua Volvo azul amassada — ele praticamente implorou a Jenny para deixar que fizesse isso —, mas Jenny não queria que o pai pacifista e que não fazia a barba a deixasse no novo e esnobe internato. Ela o conhecia e sabia que ele teria tentado dar início a um roda de poesia improvisada com as novas colegas de turma de Jenny e mostrado fotos antigas da filha, de quando ela era uma aluna idiota da quinta série e só usava suéteres de lã verde e laranja fluorescente Old Navy. Hum, não, obrigada.

— Vai pra Waverly? — perguntou o garoto. Ele ergueu as sobrancelhas para o *Guia de Ética da Waverly Academy* que estava fechado no colo de Jenny.

Jenny tirou um cacho de cabelos castanhos dos olhos.

— Vou — respondeu ela. — Vou começar este ano. — Sua voz não conseguia esconder o entusiasmo, estava tão animada para começar em seu novo internato que se sentia toda agitada por dentro, como se tivesse com vontade de fazer xixi.

— Caloura?

— Não. Segundo ano. Eu era da Constance Billard. Na capital. — Jenny estava meio satisfeita por ter um passado relativamente chique a que recorrer, ou que pelo menos desse essa impressão.

— Então você quer uma mudança de ritmo ou o quê? — Ele remexeu na pulseira de couro do relógio.

Jenny deu de ombros. Esse cara parecia ser da idade de seu irmão, Dan. Dan tinha acabado de partir para Evergreen College, na Costa Oeste, dois dias antes, só com duas bolsas de viagem, o laptop Mac G4 e dois pacotes de cigarros. Jenny, por outro lado, já mandara quatro caixas abarrotadas e algu-

mas bolsas de viagem enormes à Waverly, e estava levando com ela a mala gigantesca e uma bolsa estufada de coisas. Nos preparativos hiperempolgados para o colégio interno, ela praticamente comprou os produtos para cabelo, cosméticos e femininos de todos os corredores da CVS — quem sabia do que ia precisar no internato? Ela também fez uma farra de compras na Club Monaco, na J. Crew e na Barneys com o cartão de crédito que o pai lhe emprestara para as compras de volta às aulas.

— Mais ou menos — respondeu ela por fim.

A verdade era que ela foi convidada a sair da Constance — ao que parece, porque foi considerada uma “má influência” para as outras alunas. Jenny não pensava que era má influência alguma — ela só estava tentando se divertir, como todas as outras meninas da escola. Mas de algum jeito, todos os seus momentos de extrema diversão também foram muito divulgados e constrangedores: uma foto de seus peitos num sutiã esportivo apareceu em uma revista (ela achava que era uma sessão de fotos de roupas esportivas), um vídeo de sua bunda praticamente nua foi espalhado pela escola e ela tomou algumas decisões ruins sobre meninos com quem ficou em várias festas — e é claro que todo mundo descobriu.

A gota d’água veio depois que Jenny passou uma noite no Plaza Hotel com a banda do irmão mais velho, os Raves. Uma foto dela saindo do Plaza com nada mais que um roupão branco apareceu na *Page Six* online no dia seguinte. Voaram boatos de que Jenny estava dormindo com *todos* os Raves, *inclusive* o próprio irmão. Eca! Pais preocupados rapidamente apelaram à diretora da Constance, alvoroçados com a promiscuidade de

Jenny. Afinal, a Constance tinha uma reputação de excelência a zelar!

Embora Jenny não tenha ficado com *nem um Rave*, que dirá todos, ela não queria exatamente *negar* o boato — ela meio que adorou ser o assunto das conversas de todo o mundo. E então, enquanto estava sentada com a diretora da Constance Billard, a Sra. McLean, em sua patriótica sala vermelha, azul e branca em Nova York, Jenny percebera uma coisa ótima: não era o fim do mundo ser expulsa da Constance. Era sua chance de recomeçar, de reinventar a si mesma como a sofisticada que não fazia asneiras que ela sempre quis ser. E qual era o lugar de maior classe onde recomeçar? No internato, é claro.

Para grande pesar do pai — Jenny tinha certeza absoluta de que Rufus queria que ela morasse com ele no apartamento do Upper West Side para sempre — Jenny tinha pesquisado furiosamente um monte de escolas e visitou algumas. A primeira escola tinha um código de disciplina estrito e era chata demais, para resumir. Por outro lado, minutos depois de chegar à segunda escola, ofereceram-lhe *ecstasy* e ela tirou a blusa. Mas exatamente como a terceira cama da Cachinhos Dourados, a terceira escola que Jenny procurara, a Waverly, era exatamente a certa.

Bom, para falar a verdade, ela não chegou a visitar a Waverly realmente — ela estava sem tempo, já havia passado o prazo de matrícula e ela tomara algumas liberdades criativas com sua solicitação — mas ela viu milhares de fotos online e decorou todos os nomes de prédios e mapas do campus. Jenny tinha certeza de que seria perfeito.

— Eu era aluno de uma rival da Waverly — disse o rapaz,

tirando um livro da bolsa. — A St. Lucius. Nossa escola odiava a sua escola.

— Ah — respondeu Jenny baixinho, afundando na poltrona.

— Estou brincando. — Ele sorriu e se virou para o livro. Jenny percebeu que era *Trópico de Câncer*, de Henry Miller, um dos favoritos do pai dela. De acordo com Rufus, fora proibido porque era avançado demais com sua crítica social depravada do amor e do sexo em Nova York. Oba, cenas de sexo. Jenny sentiu o rosto ficar rosado.

Depois ela percebeu: estava agindo como a velha Jenny, nada sofisticada. E uma coisa era certa: a velha Jenny obviamente não a estava ajudando.

Jenny analisou o rapaz com calma. Ela não o conhecia e provavelmente nunca mais o veria de novo, então por que se importava com o que ele pensava dela? Na Waverly, Jenny ia ser a Nova Jenny, formidável e incrível, a garota que estava no centro de tudo.

Então por que não começar a se transformar na Nova Jenny *agora mesmo*?

Reunindo coragem, ela descruzou os braços e revelou os grandes seios tamanho 42, que pareciam ainda maiores uma vez que ela mal tinha 1,50 metro e meio de altura, e se endireitou na poltrona.

— E aí, humm, alguma parte boa neste livro?

O rapaz ficou confuso, os olhos disparando da cara inocente de Jenny para seus peitos e dali para a capa gasta do livro em brochura. Por fim, ele franziu o nariz e respondeu.

— Talvez.

— Lê pra mim?

O garoto passou a língua nos lábios.

— Tá legal. Mas só se primeiro você ler para mim uma frase daquele livro que estava com você. — Ele bateu na capa marrom do amado *Guia de ética da Waverly Academy* de Jenny.

— Claro. — Jenny abriu o livro de regras. Ela o recebeu havia algumas semanas e o devorara da primeira à última página. Ela adorou a encadernação em couro macio, o papel creme e o estilo de história infantil, um tanto condescendente e meio britânico em que era escrito. Parecia tão maravilhosa-mente respeitável e de elite, e Jenny tinha certeza de que depois de ter passado algumas semanas na Waverly, ela seria tão educada, graciosa e perfeita quanto Amanda Hearst, a jovem socialite, ou a falecida Carolyn Besette Kennedy.

Ela deu um pigarro.

— Essa aqui é boa. “As Waverly Owls não podem dançar de forma sexualmente sugestiva em público.” — Ela riu. Isso significava que podiam dançar de forma sexualmente sugestiva *em particular*?

— Eles realmente se referem a vocês como Waverly Owls, as Corujas da Waverly? — O rapaz se inclinou para ver a página. Ele tinha cheiro de sabonete Ivory.

— É. — Ao dizer isso, Jenny sorriu. Ela, Jenny Humphrey, ia ser uma Waverly Owl!

Ela virou a página.

— “Os Waverly Owls não podem ter intimidade sexual. Uma Waverly Owl não deve se envolver em atividades que possam ser perigosas, como pular da ponte Richards. Uma Waverly Owl não usa alças finas nem minissaia acima do meio

da coxa.”

O rapaz deu um sorriso sacana.

— Já que estão falando de uma menina, não deveria ser uma oulette, as “corujete”?

Jenny fechou o livro num baque.

— Tá legal. Agora é a sua vez.

— Bom, eu acabei de começar, então vou ler do início.

— O rapaz sorriu maliciosamente e abriu na primeira página.

— “Desde o início, treinei a mim mesmo para não querer nada desesperadamente.”

Engraçado, pensou Jenny. Ela estava com o problema contrário — ela queria *tudo* desesperadamente.

— “Eu era corrupto” — continuou ele. — “Corrupto desde o começo.”

— Eu sou corrupta! — soltou Jenny. — Mas não desde o começo. — A Velha Jenny não conseguia acreditar no que a Nova Jenny estava dizendo.

— É? — Ele fechou livro. — A propósito, meu nome é Sam.

— Jenny. — Ela olhou para ver se Sam queria apertar a mão dela, mas ainda estava enfiada por baixo da perna dele. Os dois sorriram meio sem-jeito.

— E aí, a sua corrupção tem alguma coisa a ver com o motivo para você sair de Nova York e ir para um internato? — perguntou Sam.

— Talvez. — Jenny deu de ombros, tentando ser ao mesmo tempo recatada e misteriosa.

— Diz aí.

Ela soltou um suspiro. Podia admitir a verdade, mas *Todo*

mundo pensou que eu tinha dormido com os caras daquela banda e eu não neguei parecia meio piranhudo. Definitivamente não era nem misterioso, nem chique. Então ela decidiu tomar algumas liberdades criativas.

— Bom, eu meio que me meti num desfile de moda indecente.

Os olhos de Sam brilharam de interesse.

— Como assim?

Ela pensou por um momento.

— Bom, aparentemente eu só estava de sutiã e calcinha. E saltos. Acho que foi meio demais para algumas pessoas.

Isso não era inteiramente uma mentira. Jenny *tinha mesmo* trabalhado como modelo no ano passado — para uma série de fotos de Les Best na revista *W*. Vestida. Mas as roupas não pareciam muito interessantes naquele momento.

— É mesmo? — Sam deu um pigarro e ajustou os óculos.
— Já ouviu falar de Tinsley Carmichael? Você deve conhecê-la.

— Quem?

— Tinsley Carmichael. Ela é da Waverly. Eu agora sou da Bard, mas eu a encontrei algumas vezes em festas no ano passado... Ela vem para a escola no próprio avião. Mas me contaram que ela decidiu sair da Waverly porque Wes Anderson lhe ofereceu o papel principal no próximo filme dele.

Jenny deu de ombros, sentindo-se estranhamente competitiva — e meio animada — com essa tal de Tinsley. Ela parecia a Nova Jenny ideal.

O cobrador de aparência exausta apareceu no corredor e pegou o bilhete no alto da poltrona de Jenny.

— Próxima parada, Rhinecliff.

— Ah. É a minha. — Jenny respirou fundo. Estava mesmo acontecendo! Ela olhou pela janela, esperando ver alguma coisa verdadeiramente mágica, mas só viu árvores verdes luxuriantes, um campo amplo e postes telefônicos. Ainda assim, árvores! Um campo! O único campo em Manhattan era o Sheep Meadow, no Central Park, e estava sempre cheio de traficantes e magricelas seminuas tomando sol.

Ela se levantou e pegou a bolsa LeSportsac vermelha de bolinhas brancas e a antiquada mala marrom Samsonite que pegara emprestada com o pai. Perto da alça, tinha um adesivo enorme ABRACE, NÃO JOGUE BOMBAS. Não era lá muito Nova Jenny. Enquanto ela lutava para colocar a mala no chão, Sam se levantou para ajudar, puxando-a do bagageiro sem esforço nenhum.

— Obrigada — disse ela, corando.

— Tudo bem. — Ele tirou o cabelo da frente dos olhos. — E aí, vou poder ver fotos suas do... desfile?

— Se procurar na Internet — mentiu Jenny. Ela olhou pela janela e viu, do outro lado do campo, um velho catavento de galo no alto de uma grande sede de fazenda esmaecida. — O nome do estilista é, humm, Galo.

— Nunca ouvi falar dele.

— Ele é meio obscuro — respondeu Jenny rapidamente, percebendo que o rapaz educado vestido de camisa pólo cor-de-rosa sentado atrás deles estava sem dúvida nenhuma ouvindo a conversa dos dois. Jenny tentou ver o que ele digitava em seu celular BlackBerry, mas ele cobriu a tela quando percebeu que ela estava olhando.

— Você... tem que ir na Bard um dia desses — continuou Sam. — A gente faz umas festas que são demais. DJs ótimos e essas coisas.

— Tá legal — respondeu Jenny por sobre o ombro, erguendo as sobrancelhas só um pouco. — Mas sabe como é, uma Waverly Owl não pode dançar de forma sexualmente sugestiva.

— Eu não vou te dedurar — respondeu ele, sem tirar os olhos dos peitos dela.

— Tchau, Sam — Jenny acenou, usando o tom de voz mais musical de azaração. Ela saiu do trem para a plataforma e respirou fundo o ar fresco do interior. *Caraca*.

Ainda vai demorar um pouquinho até se acostumar com a Nova Jenny!



RyanReynolds: Aí, Benster. Bem-vinda de volta, gata!

BennyCunningham: E aí, fofo! E a vida?

RyanReynolds: Fiz a pior viagem possível para cá no nosso avião. Meu pai tem um piloto doido e eles ficaram tagarelando um com o outro o tempo todo e acelerando cada vez mais...

BennyCunningham: Da próxima vez, vem no meu avião. Vou deixar você se aninhar comigo debaixo da minha pashmina.

RyanReynolds: Meu Deus, você é uma figura. Aí, viu a foto da Callie na Atlanta Magazine?

BennyCunningham: Não, mas soube que isso quase acabou com a mãe dela. Ela teve que controlar os danos no Good Morning Atlanta!

RyanReynolds: É, parece que a C bombou na foto.

BennyCunningham: Ela ainda está com EZ? Eu vou voar nele se não estiver.

RyanReynolds: Sei lá. Alguém me disse que viu o cara dançando com uma garota linda de olhos bem azuis e trancinhas pretas em Lexington.

BennyCunningham: Parece a Tinsley. A não ser pelas trancinhas.

RyanReynolds: Eu sei. Que droga, ela não vai na festa de hoje.

BennyCunningham: Fala sério.

**UMA WAVERLY OWL DEVE RESISTIR AO
IMPULSO DE LAMBER O NAMORADO
DA CABEÇA AOS PÉS.**

Callie Vernon baixou a mala na entrada do quarto 303 do alojamento Dumbarton e olhou em volta. O quarto estava exatamente do jeito que ela, Brett e Tinsley tinham deixado — a não ser pela ausência de garrafas vazias de Diet Coke, cinzeiros abarrotados de Parliament e caixas de CD espalhadas por todo o quarto. No último outono, como só estavam no segundo ano, Callie e as duas melhores amigas, Brett Messerschmidt e Tinsley Carmichael, tinham sido colocadas em um quarto horrível e apertado com uma só janela. Mas depois Tinsley subornou três veteranas bobalhonas para trocar com elas na primeira semana de aula com a promessa de que receberiam convites para as melhores festas secretas. Elas queriam este quarto porque era maior do

que a maioria, tinha janelas de batente dando para o rio Hudson e ficava perto da saída de incêndio — o ideal para escapulir depois do toque de recolher.

Brett ainda não havia voltado à escola e Tinsley tinha sido expulsa no final do ano letivo anterior. Elas foram pegas com ecstasy no meio do campo de rugby às cinco da manhã pelo Sr. Purcell, o severo professor de física, que gostava de sair para correr com seus três schnauzers gigantes impecavelmente bem-cuidados antes do sol nascer. Era a primeira vez que elas experimentavam E e elas precisaram de algum tempo para parar de rir dos cães de aparência ridícula antes de perceber em que encrenca enorme tinham se metido. As meninas foram chamadas à sala do diretor separadamente — primeiro Tinsley, depois Callie e em seguida Brett — mas a única a ter problemas de verdade foi Tinsley, que foi prontamente expulsa da Waverly.

Callie pegou seu reflexo no espelho recém-emoldurado acima da escrivaninha antiga de carvalho e endireitou o top branco Jill Stuart e a saia pregueada Tocca amarelo-limão. Ela perdera alguns quilos no verão e o zíper lateral ficava escorregando pela barriga. Callie agora era magra, talvez meio magra demais, e estava sardenta do sol. Seu cabelo era comprido e revoltado e os olhos castanhos redondos eram emoldurados por cílios grossos de pontas louras. Ela fez um biquinho, mandou um beijo para o espelho e sentiu uma palpitação de ansiedade no peito.

Por todo o verão, a mente de Callie rodou sem parar, pensando em por que Tinsley tinha sido expulsa e ela e Brett, não. Será que Brett armou tudo? Brett era superdiscreta com sua

vida em casa — a mãe e o pai nunca apareciam no Dia dos Pais e Brett nunca convidava ninguém para a casa dela em East Hampton para fins de semana prolongados. Tinsley certa vez deixou escapar que Brett tinha uns problemas familiares que ela não queria que ninguém soubesse. Será que Brett realmente tramara a expulsão de Tinsley para que ela não revelasse seus segredos? Parecia coisa de novela, mas às vezes Brett era tão melodramática que Callie não duvidava de que ela fosse capaz disso.

Callie se aninhou na cadeira da escrivaninha, feliz por voltar à escola. Além de as duas amigas não terem falado com ela — ela não ouviu um pio de nenhuma das duas — seu verão tinha sido um desastre. Primeiro, foi a foto de Callie no Club Compound que saiu na *Atlanta Magazine*, dançando em cima de uma mesa com um vanilla martíni na mão. A legenda dizia, *Bebida demais e idade de menos: Será este um comportamento adequado para a filha de uma governadora?* Nem é preciso dizer que isso não caiu muito bem com os eleitores georgianos e conservadores da mãe. Êpa.

Depois desse pesadelo, Callie fora de avião para o chalé da família em Barcelona — o Sr. Vernon era meio espanhol e passava os verões trabalhando com negócios imobiliários na Europa. Ela esperava que Barcelona compusesse o cenário perfeito para um encontro romântico com o namorado, Easy Walsh. Mas a visita dele foi tudo, menos romântica. Digamos que foi meio bizarra.

— Oi — disse uma voz cavernosa atrás dela.

Callie girou para ver quem era. Easy. Aqui estava ele, o 1,80 metro amarfanhado e sexy dele, parado na soleira da porta,

mais lindo do que nunca.

— Oh! — Ela sentiu as palmas das mãos ficarem escorregadias de suor.

— Como é que você está? — perguntou ele, puxando a bainha puída da camisa pólo. O cabelo desgrenhado e quase preto se encaracolava no pescoço e nas orelhas.

“Confusa” teria sido uma resposta razoável. A última vez em que ela vira Easy foi quando ela o deixou no aeroporto de Barcelona. Eles não deram um beijo de despedida e mal se falaram durante todo o último dia da visita dele.

— Legal — respondeu ela cautelosamente. — Como foi que entrou aqui? A Angelica te viu? — A diretora do alojamento, Angelica Pardee, era muito rigorosa para permitir que meninos entrassem no alojamento das meninas, a não ser durante a “visita”, que só acontecia por uma hora entre a prática de esportes e o jantar.

— Você está magra demais — disse Easy delicadamente, ignorando as perguntas de Callie.

Callie franziu a testa.

— Quer ter problemas já no primeiro dia de aula?

— Seus peitos sumiram — continuou ele.

— Que bom — murmurou ela, irritada. A verdade era que passou o verão todo sem fome, não teve apetite nem para *paella* à Barcelona, a preferida dela. Ela estava nervosa demais para comer, ou para fazer qualquer coisa, na verdade. Callie passou as últimas semanas na Espanha no sofá, parecendo uma palerma desestruturada, usando um biquíni branco Dior meio roto e um sarongue qualquer de *batik* rasgado e velho que ela comprara por uma ninharia em uma feira livre de Barcelona,

e vendo, por horas sem fim, *The Surreal Life* em espanhol. E ela nem falava espanhol muito bem. — Por que voltou tão cedo?

Easy em geral se atrasava elegantemente para o *check-in* da Waverly — outra proibição absoluta — porque ele chegava em um trailer com o puro-sangue, Credo, que ele mantinha no *campus*.

— O Credo vem na semana que vem, então não havia motivo para eu me atrasar.

Ele olhou para Callie. Eles estavam juntos desde o último outono, mas ele teve dificuldades para ficar louco para revê-la na escola depois que seus pais receberam um bilhete furioso do reitor Marymount no verão dizendo que ele ia observar Easy de perto este ano. Ao que parecia, havia regras a cumprir, e só porque Easy era um legado — o avô, o pai e três irmãos mais velhos dele freqüentaram a Waverly — isso não significava que podia quebrar essas regras. Então, em vez de ir para a escola com uma semana de atraso com Credo, Easy tinha pego um voo fretado sozinho do Kentucky para Nova York com os bancos reclináveis de couro e a champanhe ilimitada. Parece ótimo, né? Só que não era exatamente o que Easy tinha em mente.

Easy sempre fantasiava com sua expulsão da Waverly Academy — até que se lembrou da proposta do pai. Se Easy se formasse na Waverly, podia ficar um ano em Paris. Seu pai tinha um grande apartamento no Quartier Latin todo pronto para o ano de Easy no exterior. Paris — não seria legal? Ele ia tomar absinto, pintar cenas de rua da janela de seu quarto e andar pelo Sena em uma bicicleta Peugeot antiga e raquítica,

um Gauloise pendurado da boca. Ele podia fumar até morrer e ninguém daria a mínima para isso!

— Vai na festa no estar da Richards hoje à noite? — perguntou Callie.

Easy deu de ombros.

— Não tenho certeza. — Ele parou bem do lado de dentro da soleira da porta.

Callie tirou um pé do mocassim Burberry pontudo e passou os dedos dos pés pintados de rosa no chão. Uma sensação horrível de medo a inundou. *Por que* Easy não iria à primeira festa do ano? *Todo o mundo* ia à primeira festa do ano. Será que ele estava saindo com alguém? Alguém com quem ele quisesse ficar sozinho na primeira noite na escola?

— Bom, eu vou nessa — disse ele rapidamente, cruzando os braços.

Nenhum dos dois fez um só movimento na direção do outro. Mas com o cabelo com musse, os ombros largos e os antebraços dourados, Easy estava tão irresistível que Callie morreu de vontade de lambê-lo da cabeça aos pés.

— Teve um bom verão depois da Espanha? — disse ela, tentando parecer o mais indiferente possível.

— Acho que sim. Lexington estava um saco, como sempre. — Ele tirou um palito de dentes de trás da orelha e o colocou entre os lábios meio rachados.

Callie se recostou na guarda da antiga cama de madeira branca. A visita dele à Espanha foi uma droga desde o começo. Easy teve de viajar na classe econômica e, quando chegou, estava tenso e rude e foi direto para o bar — não um daqueles lindos cafés ao ar livre saídos de *O sol também se levanta*, mas

simplesmente o bar mais próximo possível, no aeroporto. Depois ele vomitou no sofá dos Vernon, o que foi um problema porque o pai de Callie *precisava* se sentar naquele sofá para ver o noticiário internacional da CNN a cada minuto em que não estava trabalhando.

Callie projetou os quadris para a frente e roeu a unha recém-feita do polegar.

— Bom, isso é legal — respondeu ela por fim. Ela queria poder passar os braços em volta dele e beijá-lo em toda parte, mas não podia exatamente fazer isso quando ele sequer tentara lhe dar um abraço.

Depois ela viu uma figura conhecida atrás de Easy e seu coração começou a disparar.

— Sr. Walsh! — gritou Angelica Pardee, a diretora do alojamento Dumbarton. Angelica não tinha nem trinta anos, mas parecia ter pressa para chegar à meia-idade. Hoje estava vestindo um cardigã caramelo fino e disforme, uma saia reta e preta na altura dos joelhos e sapatos Easy Spirits pretos. A barriga das pernas estava meio varicosa e meio azulada demais e ela não estava maquiada. — Já terei que fazer um relatório seu hoje?

Easy deu um pulo.

— Desculpe — disse ele, colocando a mão na cabeça, confuso, como se tivesse amnésia. — Eu não vinha aqui há tanto tempo que, tipo assim, esqueci de que alojamento eu era. — Ele olhou pelo quarto, diretamente nos olhos de Callie, e ela sentiu os braços se arrepiarem.

— A gente se vê depois? — murmurou ela por fim.

Ele assentiu ainda mais levemente.

— Estábulo? — sussurrou ela.

— Amanhã? — fez ele com a boca.

“Por que não hoje à noite?”, Callie queria perguntar. Mas não perguntou.

— Sr. *Walsh*! — Angelica praticamente cuspiu, pegando o punho da camisa dele. Seu rosto estava de um vermelho anormal.

— Tá bom! — gritou Easy. — Eu *já disse* que estava saindo.

Angelica sacudiu a cabeça e acompanhou Easy pelo corredor.

Callie se virou e olhou pela janela. Era no estábulo abandonado que eles costumavam ir no ano passado para namorar. Só alguns alunos tinham cavalos na escola, então várias baias estavam sempre vazias. Ela odiava que *ela* tivesse de sugerir que se encontrassem ali, e não ele.

Um bando de calouras subiu a escada do Dumbarton, carregando bagagem demais. Callie percebeu como as meninas pareciam oprimidas. Ela sabia como era. Havia tantas coisas no internato que não estavam nos seus planos. Elas logo descobririam que não iam precisar nem de metade dos trechos que trouxeram e que tinham se esquecido de coisas realmente importantes — como frascos de xampu vazios para esconder vodca. Ela observou o monte de calouras passar enquanto Easy descia a escada do Dumbarton, assentindo para as caras inocentes. Meu Deus, como era difícil namorar um galinha.

Ela pôs a cabeça entre as mãos. Era tão óbvio o que tinha dado de errado na Espanha. Na última noite que eles passaram juntos, ela admitira uma coisa a Easy que era grande demais e *apavorante* demais de se dizer. E qual foi a resposta dele?

Nada. Silêncio.

Callie suspirou. Eles iam ter de conversar sobre isso amanhã, embora ela esperasse que eles fizessem um pouco mais do que só falar.



BennyCunningham: Um amigo do meu irmão em Exeter me contou que tem uma garota nova na Waverly que era stripper em NY.

HeathFerro: ?!?

BennyCunningham: É. Uma boate chamada... Hen Party? Chicken Hut? Horse Stable? Acho que fica no Brooklyn. Pedi a um primo que mora no Village para ver — é o tipo de lugar onde vc tira tudo. Até a calcinha.

HeathFerro: Quando vou conhecer a garota?

BennyCunningham: Heath, você é terrível.

HeathFerro: Nem sabe como, baby!

UMA WAVERLY OWL DEVE MANTER O SUTIÃ
DE VELHA ESCONDIDO O TEMPO TODO.

— **A**qui está bom — disse Jenny ao taxista assim que viu a placa marrom discreta que dizia WAVERLY ACADEMY pendurada em uma árvore ao lado de um pequeno prédio térreo de tijolos aparentes. A Waverly não ficava longe da estação de trem, mas Jenny estava ansiosa demais para chegar ali.

— Tem certeza? — O taxista se virou, revelando um narizinho bicudo e um boné dos Yankees azul-claro e desbotado. — Porque a recepção fica...

— Sou aluna daqui — interrompeu Jenny, sentindo um estremecimento ondular por seu peito ao falar. — Sei onde fica a recepção.

O taxista ergueu as mãos, derrotado.

— Você é quem manda.

Jenny lhe passou uma nota de vinte, saiu do táxi e olhou em volta.

Aqui estava ela. Na Waverly. A grama parecia mais verde, as árvores mais altas e o céu mais claro e mais azul do que em qualquer outro lugar que ela conhecesse. Havia sempre-vivas luxuriantes em todos os lados e à direita havia um largo caminho de paralelepípedo serpenteando por uma colina. Um campo verde se espalhava à esquerda e a distância alguns meninos de shorts Abercrombie jogavam futebol. Todo o lugar *tinha cheiro* de internato. Como o bosque profundo, que ela só vira algumas vezes, antes de perceber que não precisava acompanhar o pai e seus amigos anarquistas meio pirados em viagens de acampamento ao sul de Vermont.

Um Mercedes creme conversível passou voando por ela. Ela ouviu a imponente badalada de um relógio de campanário bater a uma da tarde.

— É — sussurrou ela, satisfeita. Ela definitivamente chegara.

A verdade era que ela queria sair do táxi porque mal podia esperar um segundo a mais que fosse para colocar os pés no terreno da Waverly, não porque soubesse exatamente aonde estava ido. Olhando para o pequeno prédio de tijolinhos ao lado, ela percebeu que a hera tinha crescido pelas janelas e que as portas estavam fechadas e enferrujadas. Esta definitivamente não era a recepção, onde ela precisava fazer o *check-in*. Outro carro, este um Bentley cinza-militar, passou por ela. Jenny decidiu seguir o desfile de carros de luxo.

Ela arrastou a bagagem pelo morro de grama recém-aparada, os saltinhos gatinho afundando na grama molhada e

abundante. Uma pista de corrida passava a sua direita, ladeada por arquibancadas altas e brancas. Algumas meninas estavam correndo animadas pela pista, os rabos-de-cavalo balançando. No alto da colina, acima das árvores verde-escuras, ela podia ver o pináculo de uma igreja branca e o telhado de ardósia de outros prédios de tijolinho. Os meninos do futebol pararam de jogar e agora estavam se reunindo, olhando na direção dela. Estariam eles olhando para *ela*?

— Precisa de uma carona? — uma voz de homem interrompeu seus pensamentos. Jenny olhou e viu um homem bronzeado de meia-idade com dentes incrivelmente brancos saindo pela janela do motorista de um Cadillac Escalade prateado. Ela podia ver o próprio reflexo nos óculos de sol Rayban dele. Ela parecia desajeitada e boba vestida com uma camisa pólo Lacoste apertada demais e arrastando a bagagem morro acima com as sandálias de salto baixo cor-de-rosa. Ela comprou a blusa na Bloomingdale's porque tinha certeza de que a faria se sentir absolutamente parte do internato, e ela voltara para ver as sandálias várias vezes antes que finalmente entrassem em liquidação e ela pudesse comprar.

— Humm, claro. Vou para a recepção. — Ela entrou na traseira do 4x4, que tinha cheiro de carro novo. Um rapaz loiro com feições cinzeladas estava sentado no banco do carona com cara de mau humor, mas ele não se virou para falar com ela.

— Não sei não, Heath — disse em voz baixa o homem ao rapaz. — Pode ser que você não possa dar a festa... Talvez sua mãe e eu precisemos da casa de Woodstock nesse fim de semana.

— Mas que *porra* — sibilou o rapaz à meia-voz. O pai suspirou.

Jenny mal percebeu a grosseria do garoto. Só teve ouvidos para uma palavra: festa.

Mas ela não se sentia à vontade para perguntar ao garoto sobre a festa, porque ele parecia muito irritado. O carro parou no enorme prédio de tijolos aparentes com uma pequena placa marrom, ao lado do caminho de pedra, que dizia RE-CEPÇÃO. Jenny guinchou um agradecimento, pegou as malas e foi direto para a porta.

Lá dentro, a sala de espera era do tamanho de um salão de festas, com um piso reluzente de cerejeira escura. Um grande candelabro de cristal se pendurava do teto de pé-direito alto. Quatro sofás de couro manteiga estavam dispostos em quadrado em volta de uma pesada mesa de centro de teca e um lindo rapaz de cabelo âmbar estava estirado num deles lendo *FHM* e comendo um saco de Fritos.

— Posso ajudá-la? — perguntou alguém atrás dela. Jenny deu um pulo. Ela se virou e viu uma mulher mais velha vestida de Laura Ashley, com um coque cinza cheio de laquê e olhos azuis, usando uma plaquinha de OLÁ, MEU NOME É SRA. TULLINGTON e postada atrás de uma mesa, que tinha uma pequena placa branca que dizia “Check-in de novos alunos”.

— Oi! — piou Jenny. — Meu nome é Jennifer Humphrey. Sou aluna nova!

Ela estudou a agenda *Bem-vindo à Waverly*, colada na mesa. As aulas só começavam oficialmente na noite seguinte, no jantar de orientação e boas-vindas, mas os testes das equipes es-

portivas iam acontecer durante o dia. A Sra. Tullington digitou algumas informações em um imaculado *laptop* Sony cinza-revólver e depois franziu a testa.

— Temos um problema.

Jenny a encarou inexpressivamente. *Problema?* Não havia problemas na terra mágica de Waverly! Olha como o garoto comedor de salgadinhos Fritos é lindo!

— Você foi matriculada como menino — continuou a Sra. Tullington.

— Peraí, como é? — Jenny voltou à consciência num susto. — A senhora disse *menino*?

— Sim... Você está aqui como *Sr. Jennifer Humphrey*. — A velha parecia aturdida, vasculhando uma papelada de um lado a outro. — Alguns alunos têm sobrenomes muito antigos, entendeu, e talvez o comitê de admissão tenha pensado que Jennifer era...

— Ah — respondeu Jenny constrangida, girando para ver se o rapaz no sofá tinha ouvido, mas ele saía. Toda a correspondência da Waverly que ela recebera estava endereçada ao *Sr. Jennifer Humphrey*. Ela achava que era um erro de digitação. Que coisa burra de se pensar. *Tão Antiga Jenny*. — O que isso quer dizer? Eu mandei toda a minha bagagem para... o alojamento Richards, não é isso?

— Sim, mas esse é o alojamento masculino. — A Sra. Tullington explicou lentamente, como se Jenny fosse incapaz de entender. — Vamos ter que encontrar outro espaço para você. — Ela vasculhou mais alguns papéis. — O alojamento das meninas já está lotado... — Ela pegou o telefone. — Vamos resolver isso. Mas veja se suas coisas estão no alojamento

Richards. Eles teriam que mandar para a sala de estar no primeiro andar... É ali que fica toda a bagagem que chega pelo correio. Siga o caminho à sua direita, o quarto prédio. Tem uma placa. Vamos mandar alguém encontrá-la depois que resolvermos isso.

— Tudo bem — respondeu Jenny toda feliz, imaginando todos os meninos gatos sem camisa que estava prestes a ver zanzando pelo Richards. — Sem problema.

— A porta principal deve estar aberta. Mas não vá a nenhum dos quartos. É proibido! — disse a Sra. Tullington atrás dela.

— Claro — concordou Jenny. — Obrigada!

Jenny parou na varanda de pedra da recepção. Pelos estudos que fez do mapa do *campus*, ela sabia que os alojamentos, a capela, o auditório e as salas de aula da Waverly ficavam dispostas em um grande círculo, com os campos de futebol no meio. Atrás do círculo ficavam a casa de barco, o rio Hudson, a galeria de arte, o laboratório de botânica e a biblioteca. Todos os prédios pareciam ser de tijolos aparentes, com antigas janelas pesadas e remates brancos.

Trotando toda animada para os alojamentos, Jenny teve que se conter para não sair pulando. Meninas com jeans Citizens desbotados e chinelos rotos saíam de Mercedes 4x4 e peruas Audi, abraçando outras meninas e conversando empolgadas sobre o que aconteceu no verão em suas casas em Martha's Vineyard e nos Hamptons. Meninos com moletons de capuz e bermuda se esbarravam com os ombros. Um cara levando uma bolsa de viagem Louis Vuitton gritou: "Tomei tanto E no verão que meu cérebro torrou!"

Jenny sentiu o corpo enrijecido, repentinamente intimidada. Todo mundo era tão bonito — escovado, limpo e na moda sem sequer *tentar*, o que era muito mais legal do que passar horas se produzindo, como Jenny em geral fazia — e parecia que se conheciam desde sempre. Ela respirou fundo e continuou pelo caminho.

Depois, saída do nada, uma coisa gigante que parecia uma batata passou voando, soltando um grasnado horrível, e voou a centímetros da cara de Jenny.

— Aiii! — gritou ela, estapeando para a frente.

Ela viu a coisa voar para uma árvore. Que medo! Parecia um rato bombado de esteróides.

Atrás dela, Jenny ouvir uma risadinha e se virou. Todas as meninas ainda conversavam, mas dois caras com bonés com o “W” de Waverly virados para trás estavam sentados em um muro de pedra, observando. Depois ela percebeu que, no susto, largara a mala abarrotada no caminho e ela se abriu. *Ai, meu Deus*. O sutiã gigantesco com suporte reforçado, do tipo com colchete extra e alças acolchoadas que ela usava quando estava menstruada, estava esparramado no chão. Era um sutiã enorme e atarracado que podia ser usado pela vovó.

Ela rapidamente enfiou o sutiã de volta na mala, espiando para ver se os dois meninos sentados no muro tinham percebido. Eles já estavam se reunindo a outro cara de boné, fazendo aquele troço de meio aperto de mão e meio abraço que os meninos faziam, sem prestar nenhuma atenção em Jenny. Com o ar fresco e o cenário luxuriante, talvez os peitos gigantes e o sutiã não fossem o tipo de coisa que a galera da Waverly percebesse...

E então o recém-chegado virou-se para Jenny e tocou a pala do boné branco e puído com o indicador. Ele lhe deu uma piscadela, como quem diz: *O ar pode ser fresco, mas nós não somos inteiramente cegos.*

OS WAVERLY OWLS SABEM QUE PULMÕES
LIMPOS GERAM VAIAS SAUDÁVEIS!

Brandon Buchanan sentou-se em uma de suas Samsonites e olhou para Heath Ferro. Sempre que chegava no *campus*, independente de quando chegasse, ele via Heath primeiro. Embora eles fossem colegas de quarto, Brandon achava Heath muito irritante na maior parte do tempo.

— Trouxe um pacote de cigarros — vangloriou-se Heath enquanto abria o fecho da bolsa de viagem preta Tumi e mostrava a Brandon a beira de um pacote de Camel “sem filtro”. Eles estavam na sala de estar do alojamento Richards, esperando para saber para que quarto iriam. Era só uma sala comum, um local de encontro onde os meninos assistiam a *SportsCenter*, dividiam pizzas de salsicha do Ritoli’s e paqueravam as meninas bonitas durante a hora de visita. Mas ainda

assim, o lounge parecia inglês e aristocrático. O teto de reboco creme tinha 4,5 metros de altura, com vigas de madeira escura, e havia poltronas de couro confortáveis e gastas espalhadas por toda a sala. Uma velha TV de armário que só pegava três canais abertos e de vez em quando a ESPN assomava em um canto. No chão havia um enorme tapete oriental. Buracos descuidados de queimadura de cigarro o deixavam com uma aparência ainda mais histórica.

— Só vai durar uma semana com você — ridicularizou Brandon, empurrando o cabelo castanho dourado curto e ondulado para trás, com seu jeito deliberadamente desleixado. Heath fumava como uma chaminé do lado de fora do Richards, embora fosse proibido fumar no *campus*, mas o corpo docente costumava fazer vista grossa. Podia ser devido à beleza atordoante de Heath — ele era alto, magro e atlético, os olhos verdes com toques de dourado, maçãs do rosto pronunciadas e cabelo louro escuro e sedoso. Mais provavelmente, porém, era porque a família de Heath o livrava de problemas. O pai de Heath doara 4,5 milhões de dólares para o centro de natação olímpica e mais um milhão para um anexo de três andares   reformada biblioteca de botânica, então Heath podia muito bem fazer o que lhe desse na telha e nunca levava mais do que uma advertência.

— Você trouxe seu creme esquisito de mulherzinha este ano? — zombou Heath.

—   hidratante — esclareceu Brandon.

—   hidratante — ecoou Heath numa voz aguda.

E daí que Brandon cuidasse da pele? E que gostasse de roupas e sapatos bonitos e que seu cabelo ondulado estives-

sem bem? Ele era neurótico com o peso — só tinha 1,70 metro de altura — e depilava o peito porque odiava os pelinhos que cresciam na parte côncava do esterno. Os amigos menos limpos o sacaneavam sem parar. Mas e daí?

— Quem você acha que vai dividir o quarto com a gente? — perguntou Heath.

— Não sei. Talvez o Ryan. A não ser que ele consiga ficar sozinho de novo. — O pai de Ryan Reynolds tinha inventado uma lente de contato macia e usava acintosamente sua riqueza como alavanca para o filho. Muitos pais de alunos subornavam a escola, mas em geral isso era guardado em segredo.

Heath deu uma risadinha sacana.

— Talvez você vá fazer par com Walsh.

— Não, até a direção sabe que não deve — respondeu Brandon. Só o som do nome dele, Walsh, de Easy Walsh, gelava o sangue de Brandon.

— E aí, como é que tá a Natasha? — Heath recitou o nome dela com um sotaque russo vagabundo.

Brandon suspirou. Em abril passado, ele começou a sair com Natasha Wood, que foi para a Millbrook Academy, depois de Easy roubar a namorada dele, Callie Vernon.

— A gente terminou há duas semanas.

— Tá brincando. Traição sua?

— Não.

— O que foi, então?

Brandon deu de ombros. Eles terminaram porque ele ainda estava apaixonado por Callie. Ele e Natasha estavam transando na praia de Harwich, em Cape Cod, e Brandon por acaso chamou Natasha de Callie por engano. Êpa. Natasha subiu

no pequeno posto salva-vidas de madeira e se recusou a descer até que Brandon fosse embora. Para sempre.

— De quem são esses troços? — Heath olhou a sala e chutou o sofá de tweed marrom. Havia toda uma pilha de bolsas de lona cor-de-rosa L. L. Bean que ainda não tinha dono.

Brandon deu de ombros.

— Sei lá. — Ele pegou uma das etiquetas. — Jennifer Humphrey.

— Vai ter um cara chamado Jennifer Humphrey no alojamento? Que esquisito.

— Não, *eu* sou a Jennifer.

Uma garota baixinha de cabelo cacheado, usando uma saia lilás que era uma cópia barata da Marc Jacobs, estava parada na soleira da porta da sala. Brandon sabia que a saia era falsificada porque ele comprou a verdadeira no verão para Natasha. Esta Jennifer tinha um narizinho arrebitado e bochechas rosadas e usava sapatos cor-de-rosa de saltinho com uma pequena abertura na frente, então ele pôde ver os dedos dos pés dela se projetando para fora.

— Oi — disse ela simplesmente.

— Er — Brandon gaguejou. — Você não... Não devia ser...

— Não... na verdade... sou. — Ela riu um pouco. — Eu fui mandada para este alojamento.

— Então você é o *senhor* Jennifer Humphrey? — introduziu-se Heath, passando um pé por sobre o outro.

— Sou. A Waverly achou que eu era homem.

Brandon sabia muito bem o que Heath estava pensando naquele momento: *Com tetas assim, você certamente não parece em nada um homem.* Meu Deus, os amigos dele às vezes o irrita-

vam.

— Meu nome é Brandon. — Ele estendeu a mão educadamente, metendo-se na frente de Heath.

Jenny puxou a saia para baixo.

— Oi. — Ela se sentia meio aturdida. Dos sete meninos que estavam vagando pela sala de estar com suas coisas, ela escolheu os dois mais lindinhos. Brandon era lindo, com uma pele impecável, o cabelo louro escuro perfeito e os cílios longos e luxuriantes, mas ele era mais produzido do que ela! Jenny preferia homens que parecessem um pouco mais rudes e mais desleixados, como aquele sentado atrás de Brandon, cujo cabelo louro era meio sebooso e a camisa verde parecia ter sido usada para dormir. Ela o olhou novamente, percebendo que ele era o cara que tinha dado carona a ela para subir o morro. Aquele que ia dar a festa. Ele não a reconhecia?

— Acho que tenho que esperar até que eles saibam o que fazer comigo. — Ela olhou diretamente para trás de Brandon, tentando refrescar a memória do amigo gato. — Posso ficar com vocês? — Ela tentou manter a voz estável. *A Nova Jenny não guincha quando se convida para ficar com gatos do internato!*, repreendeu-se ela em silêncio, cravando as unhas na palma das mãos.

— Claro — respondeu o garoto, olhando diretamente para os peitos dela.

— O que vocês estão fazendo aqui, aliás? — Jenny olhou em volta. — Todo mundo não tem que ir para o saguão até que saiba para que quarto vai?

— Não, a gente se ferrou, então ficamos presos aqui até que eles nos digam para onde ir. — Ele sorriu, sacando um

celular BlackBerry do bolso da calça cáqui.

Jenny se sentou.

— O que vocês fizeram de errado?

— Não dê ouvidos ao Heath. — Brandon sacudiu a cabeça. — Os professores da Waverly são simplesmente uns babacas.

Jenny começou discretamente a limpar o melhor que pôde a lama dos sapatos rosa.

— Mas aí, eu estou meio apavorada. Uma coisa me atacou total quando eu estava vindo pra cá. Era tipo... Um gato voador gigante.

— Aaahhhh.... é o corujão-da-virgínia — explicou Brandon. — Estão em todo o *campus*. Alguém doou um casal tipo há uns cem anos e eles proliferaram. Mas embora praticamente mate crianças o tempo todo, o corujão é nosso mascote. Acho que é tipo assim, uma tradição da Waverly ter essas corujas por aqui.

— Elas cagam em toda parte — acrescentou Heath.

— Ah, eu adoro tradições — exclamou Jenny rapidamente. — Mas a coisa voou pra cima de mim como se não quisesse errar!

— Como *poderia* errar? — murmurou Heath, digitando em seu BlackBerry. Ele olhou de novo para os peitos de Jenny. A Antiga Jenny teria ficado sem-graça, pensou ela, mas não a Nova Jenny. Ela ia encarar o sujeito.

— Algum problema? — perguntou ela educadamente, cruzando as mãos no colo.

Heath sorriu timidamente, depois inclinou a cabeça de lado.

— Peraí um minutinho. — Ele parou. — Você disse que era da capital? Nova York?

— É. Do Upper West Side.

Os olhos de Heath se acenderam como um caça-níqueis.

— Já ouviu falar num club chamado Hen Party?

Jenny franziu as sobrancelhas.

— Não...

— Talvez eu te leve lá um dia.

— Não é adequado — murmurou Brandon. O Hen Party era um club de *strip* em Manhattan de que de repente todo mundo estava falando. Ele olhou para a aluna nova. Os dois pareciam estar numa espécie de guerra de encarada. Ela parecia magoada, mas não fazia diferença. Heath podia ser amigo de Brandon, mas era a versão humana de um Monet, só parecia bom de longe. De perto, depois de conhecê-lo, ele era muito... ridículo. *Espera só até você descobrir que ele tem o péssimo hábito de não cortar as unhas dos pés*, pensou Brandon, trincando os dentes. *Espera só até descobrir que ele fofoca mais do que uma mulher. Espera só até descobrir que as meninas o chamam de Pônei pelas costas dele, porque todo mundo já deu uma voltinha nele.*

A guerra de encarada continuava. Então um ruído agudo sem a atenção de Heath rapidamente se voltou para o BlackBerry. *Pop!* Campo de força desativado.

— *Senhor Jennifer Humphrey* — murmurou ele novamente — do Upper West Side. — Ele digitou mais algumas linhas e atirou o BlackBerry na bolsa. Depois tirou a camiseta e afagou o torso dourado e esculpido de passar o verão em Nantucket. — Vou tomar um banho. Quer vir?

Jenny abriu a boca para responder, mas Heath se virou,

achou uma toalha de banho branca na bolsa de viagem e saiu gingando para o banheiro.

Brandon suspirou e pegou o Motorola Razr prata. Ele rolou por uns e-mails — só umas mensagens de boas-vindas e fofoca especulativa sobre o que aconteceu com Tinsley Carmichael. Ele podia ver Jenny olhando-o e não pôde deixar de ficar todo formigando.

— Podemos ter telefone aqui? — perguntou Jenny.

— Bom, não. A gente não pode falar neles. Mas todo mundo manda texto e mensagem instantânea pelo telefone. É só fazer o *logon* na Owlnet e usar seu e-mail da Waverly, que é só seu nome e sobrenome, sem espaços. É um brecha que os funcionários ainda não descobriram.

— Droga. Eu não trouxe o meu. O manual dizia nada de celular.

— “Os Waverly Owls não usam celulares no *campus*” — recitou Brandon numa voz que fingia seriedade.

Jenny riu.

— É. Eu adoro todas essas coisas de Waverly Owl.

Brandon sorriu.

— Ao que parece, uma das ex-diretoras da Waverly escreveu o manual logo depois dos anos 1920, talvez, tipo assim, durante a Lei Seca ou coisa parecida, quando as boas maneiras e o bom comportamento eram realmente importantes. Acho que as corujas já eram mascotes nessa época também. Foi adaptado para a época atual, com celulares e essas coisas.

— Que engraçado. — Jenny sentiu-se relaxar um pouco. Seu rosto doía de sorrir tanto num só dia.

— Vai ter uma festa nesta sala hoje à noite. Quer vir?

— Uma festa? — Jenny ergueu as sobrancelhas, ansiosa.
— Claro.

— Quer dizer, é meio informal, mas é a tradição, sabe como é. — Brandon deu de ombros. Ele parecia menos tímido sem Heath por perto.

Jenny mordeu o lábio, o que Brandon achou irresistível. Ela era tão novinha e parecia tão animada de estar ali, diferente de todas as outras meninas cheias de frescura da Waverly, de suéter Fair Isle, óculos de sol Gucci do tipo Barbie-vai-para-o-internato, que não davam valor a nada. Agora, se ao menos ela pudesse ficar longe do Pônei antes que as aulas comessem...

— Bom — Jenny interrompeu o monólogo interior dele.
— Se é uma tradição, então vou ter que vir. O Heath também vem?

Heath apareceu na soleira da porta da sala. O cabelo louro pingava água no peito nu e a toalha de banho branca estava amarrada abaixo dos quadris esculpidos. Ele só segurava seu BlackBerry, e sorriu ao falar.

— Não perco por nada neste mundo.



HeathFerro: Já vi a stripper duas vezes.

RyanReynolds: ???

HeathFerro: Meu pai deu uma carona pra ela até a recepção. Depois eu e Brandon estávamos sentados no Richards e ela apareceu. Mas ela é legal. Bem inocente. Mas dá pra perceber que é uma pervertida.

RyanReynolds: Ela já se meteu no alojamento masculino? Ela mostrou a calcinha dela?

HeathFerro: Ainda não...

MESMO QUANDO PROVOCADA, UMA
WAVERLY OWL DEVE CONTINUAR CIVILIZADA
COM A COLEGA DE QUARTO.

— **M**ãe, dá por favor para dizer ao Raoul que ele não precisa entrar no alojamento comigo? Isso é *constrangedor*. — Brett Messerschmidt tentou equilibrar a bolsa acolchoada Chanel creme e uma pasta de *laptop* Jack Spade preta em uma das mãos e uma enorme sacola de compras Hermès na outra enquanto aninhava o Nokia platinado no ombro. O secretário dos pais, Raoul, que tinha uns 120 quilos e era careca, lutava para erguer algumas das malas aparentemente intermináveis sem amarrotar o terno preto. Por fim ele desistiu e tirou o paletó, revelando uma camisa branca manchada de suor e uma montanha de músculos.

— Querida, você precisa da ajuda dele — piou a mãe com o forte sotaque de Nova Jersey do outro lado da linha. — Não

pode carregar todas aquelas malas pesadas sozinha!

Brett gemeu e desligou o telefone de repente. Todas as outras levavam suas coisas — independente do peso que tivessem. Os motoristas só deixavam as malas no meio-fio, na frente do alojamento. Até parece que alguém ia fugir com suas porcarias. Mas os pais dela, Stuart e Becki Messerschmidt, de Rumson, Nova Jersey, mimavam-na como se ela fosse uma das minichihuahuas trêmulas deles.

Os pais dela — *cruz-credo*. O pai, o mais importante cirurgião plástico em três estados, era famoso por se vangloriar da mais alta porcentagem de gordura que podia tirar numa lipo de uma paciente em uma única sessão. E a única vez em que a mãe de Brett a acompanhou até Waverly, quando Brett estava na sétima série e visitava a escola, a Sra. Messerschmidt disse a uma determinada mãe bem careta e conservadora que o queixo dela era simplesmente *perfeito* e perguntou quem tinha feito. A mulher encarou a Sra. Messerschmidt com uma expressão confusa antes de finalmente entender e desaparecer de vista.

Desde que começara na Waverly, Brett mentia direto sobre os pais. Ela afirmava que eles moravam numa fazenda orgânica de East Hampton mas passavam o verão na Terra Nova, que o pai dela era cardiologista e a mãe promovia pequenos eventos de caridade no Canadá. Ela não fazia idéia de por que essa era a história que ela inventava, mas qualquer coisa era melhor do que a história verdadeira, que era a de que os pais eram novos-ricos e as pessoas mais bregas que Brett conheceu na vida. Todo mundo na Waverly engoliu, a não ser Tinsley, que no ano passado tinha atendido ao telefone de Brett

quando ela não estava no quarto e teve uma longa conversa sobre estampas de leopardo e de tigre com a Sra. Messerschmidt que, é claro, estava ligando de sua casa em Rumson, Nova Jersey — e não do East Hampton. Era bom que Tinsley não voltasse à Waverly: pelo menos seus pais constrangedores continuariam sendo um segredo.

— Você não precisa me ajudar, depois de dirigir isso tudo.
— Brett sorriu como quem se desculpa a Raoul. Ela teria que se lembrar de mandar a ele um creme All-Sport Muscle Rub da Kiehl quando ele voltasse para casa.

— Está tudo bem — respondeu Raoul com sua voz de barítono, mas Brett pensou ter detectado um leve gemido quando ele largou as malas e voltou ao carro para a rodada seguinte.

Quando ela abriu a porta do quarto, a melhor amiga, Callie, que vinha de uma linhagem perfeita e *nada brega* — a mãe era a encarnação de Scarlett O'Hara e era governadora da Georgia, pelo amor de Deus — deu um sorriso malicioso enquanto Raoul lutava para saber exatamente onde ficaria a mala Louis Vuitton gigante de Brett.

— Ah, qualquer lugar está bom! — disse Brett rapidamente. Depois ela se virou para Callie. — Oi.

— Oi, e aí. — Callie se recostou na janela e cruzou os braços.

Ela parecia ter passado o verão todo sendo contorcida e espicaçada por seu instrutor de Pilates, Claude, sem comer nada a não ser chiclete Trident. O cabelo estava puxado em um rabo-de-cavalo baixo e embaraçado e ela trazia nos olhos castanhos aquele jeito meio tonto de você-poderia-muito-

bem-pensar-que-ela-era-pateta-se-não-conhecesse-bem. Uma saia de algodão laranja claro e uma camiseta estavam em uma pilha amarfanhada no chão, e agora ela vestia uma camiseta azul-bebê desbotada, short Ralph Lauren terracota de menino e meias de ginástica com bolinhas felpudas cor-de-rosa nos tornozelos.

Onde Callie era bonitinha e produzida à sua própria maneira — ela era capitã do time feminino de hóquei, afinal — Brett era de aparência mais incomum. Tinha a pele clara e branca como leite e o cabelo curto muito ruivo. Os olhos verdes eram amendoados e o nariz e o queixo lhe davam uma aparência travessa.

Era estranho ver Callie de repente e compará-la consigo própria de novo. No ano anterior, Brett, Callie e Tinsley eram unha e carne. Mas depois aconteceu a história com o Ecstasy e tudo mudou. Ninguém sabia por que Tinsley foi a única a ser expulsa, mas Callie sempre teve um talento todo particular para a persuasão — no primeiro ano, ela convenceu Sarah Mortimer a sair com Baylor Kenyoir em vez de com Brandon Buchanan, só porque Callie queria Brandon para ela. E no ano passado Benny Cunningham, a linda morena bem-nascida da Filadélfia que era sua amiga, queria ficar com Erik Olssen, um sueco gato e branquinho, mas ele gostava da nojenta da Tricia Rieken — que tinha um senhor peito e usava as roupas mais piranhudas e mais de dominatrix de Dolce & Gabbana. De algum jeito Callie conseguira convencer Tricia a gostar de Lon Baruzza, que era o bolsista mas lindo e supostamente muito bom de cama, deixando Erik livre para Benny.

Evidentemente Callie era boa para conseguir que as pes-

soas fizessem o que ela queria, em especial quando tinha algo a ganhar pessoalmente. E, neste caso, talvez Callie ficasse melhor sem Tinsley por perto: na primavera passada, Tinsley e o namorado de Callie, Easy Walsh, foram vistos pelo time de futebol feminino atrás das casas de barco à noite — sozinhos. Tinsley e Easy negaram que alguma coisa tivesse acontecido, mas Callie podia ser bem territorialista quando se tratava dos namorados. Parecia loucura que Callie conseguisse a expulsão de Tinsley da escola por ela supostamente ter ficado com Easy, mas, bom, a Callie era meio maluca.

Callie pestanejou.

— Tingiu o cabelo de mais vermelho ainda?

— Mais ou menos — murmurou Brett. O colorista, Jacques, fez confusão e usou um vermelho azulado nela em vez do vermelho amarelado. Ela foi à Bergdorf para consertar, mas de algum jeito entrou no salão do estilista mais punk rock, que disse a ela que era perfeito e que mudar o cabelo contrariaria sua sensibilidade artística. Brett ficou preocupada que isso a deixasse muito parecida com Kate Winslet naquele filme, *Brilho eterno*, o que *não era* um bom visual.

— Gostei — declarou Callie. — Está incrível.

Mentirosa! Brett sabia o que Callie achava de cabelo pintado que parecia falso. Brett bateu a bolsa no chão.

— E aí, você não me ligou o verão todo.

— Eu... Eu te liguei — gaguejou Callie, arregalando os olhos.

— Não ligou não. Você só me mandou uma mensagem de texto. Em junho.

Callie se aprumou.

— Bom, você não respondeu!

— Eu... — Brett se calou. Callie tinha razão. Ela não respondeu. — E aí, tem notícias da Tinsley?

— Claro.

Brett sentiu uma pontada de inveja.

— Eu também — mentiu ela. Ela não ouvia falar da amiga glamorosa desde que ela foi expulsa, no final de maio.

As duas olharam para a cama vazia de Tinsley. Ficaria vazia durante todo o ano? Talvez elas a usassem como depósito extra ou a cobrissem com uma colcha indiana de batik e travesseiros bordados de uma das lojas hippies de Rhinecliff. Ou a Waverly as colocaria com alguma esquisitona com quem ninguém queria dormir?

— A Tinsley me ligou um monte de vezes — continuou Callie, meio agressiva.

— Pra mim também — mentiu Brett de novo, retirando uma das blusas da mala de couro creme. — E aí, e o Easy? — Ela mudou de assunto. — Você o viu no verão?

— Humm... Vi — respondeu Callie rapidamente, um toque de mágoa na voz. — Viu o Jeremiah?

— É, vi — murmurou Brett.

— Ainda odeia o modo como ele diz *mar*? — perguntou Callie enquanto examinava o brilho labial claro e um compacto Chanel preto laqueado.

— Ainda — gemeu Brett. Seu namorado, Jeremiah, era atacante do time de futebol do St. Lucius e, embora fosse de uma família endinheirada e tradicional de Newton, um subúrbio de elite de Boston, falava com um sotaque de cidade universitária, omitindo os *r*'s como Matt Damon em *Gênio*

indomável.

— Você foi na casa dele ou ele foi na sua?

— Bom, eu passei uma semana com a família dele em Martha's Vineyard. Foi bem legal. — Brett gostava de Jeremiah, mas ela amava de verdade a família dele. Eles eram os típicos ricos da Nova Inglaterra, tão discretos e de bom gosto, o extremo oposto de seus pais vulgares. Também não era ruim que Jeremiah fosse lindo, com um queixo anguloso e quadrado, cabelo castanho avermelhado nos ombros e olhos verde-azulados que a devoravam.

Brett prometera que, assim que chegasse à escola, ia ligar para ele e eles fariam sexo por telefone. Jeremiah queria transar no verão, mas ela ainda não estava preparada. Ela não sabia inteiramente o motivo, só que nunca transou com ninguém antes e realmente não tinha certeza se Jeremiah era o cara certo para a primeira vez.

É claro que a indecisão quanto a perder a virgindade não era o tipo de coisa que uma menina como Brett admitiria em voz alta. Ela contou a Callie que perdera a virgindade anos antes com um suíço de nome Gunther que conhecera em uma viagem de esqui com a família a Gstaad, embora na verdade ela sequer tenha permitido que ele tocasse nela. Brett cultivava uma imagem na Waverly: durona, experiente, sofisticada e meio putinha. A mãe era o oposto — incompetente, ingênua, infantil — e Brett não queria ser igual a ela.

Callie esticou as pernas compridas e perfeitamente lisas.

— Eu preciso mesmo de um banho. — Ela bocejou, levantou-se e calçou um par de tamancos de borracha. — Quer sair para jantar quando eu terminar?

Brett deu de ombros.

— Não sei. Tenho que ver a roupa perfeita para amanhã. Tem um orientador novo, então preciso estar preparada, essas coisas. — Brett tinha sido eleita monitora júnior no ano anterior, o que significava que ela faria as chamadas e agiria como líder júnior no CD, ou Comitê Disciplinar. Era um sinal de enorme popularidade, todo mundo de sua turma tinha que votar em você para o cargo. — Mas acho que posso matar. E temos a festa de hoje à noite também...

— Que seja. — Callie acenou com a toalha e se virou para a porta.

Brett se jogou na cama e olhou pela janela. A vista do rio, que em geral a acalmava como uma dose de uísque envelhecido, agora parecia sufocante. Ela imaginou que o primeiro encontro com Callie depois do longo verão seria diferente. Ela não esperava que as duas conversassem sobre Tinsley já de saída. E ela achava que Callie se comportaria como sempre — atirando-se na cama de Brett, abrindo um saco de biscoitos *Pirate's Booty* para dividirem e fofocando sobre todas as coisas malucas, românticas e indecentes que elas fizeram o verão todo. Elas iam rir, tomar um gim-tônica e sair para jantar, como no ano anterior.

Ela abriu o celular e rapidamente apertou a tecla de atalho para a irmã, Brianna, que morava em Nova York e trabalhava como editora de moda da revista *Elle*. Bree passara pelo triturador da *Waverly* seis anos antes e em geral podia tirar Brett de qualquer depressão. Infelizmente, o telefone de Bree caiu direto na caixa postal.

— Oi, sou eu — disse Brett quando ouviu o sinal. — Eu

me sinto... Sei lá. Confusa. Me liga.

Ela desligou e caiu de volta na cama. Assim que fez isso, o celular berrou. Pensando ser Bree, ela o abriu, mas estava enganada.

— Oi, Jeremiah — suspirou ela, apertando o telefone na orelha. — Como é que está?

— Muito bem, agora — murmurou ele na outra ponta.

Brett revirou os olhos. Depois ela o imaginou esparramado em sua cama de dossel no St. Lucius, à 15 quilômetros de distância, numa camisa de futebol esfarrapada e cueca sambacação, com os braços compridos e bronzeados e os olhos sensuais, e ela sentiu um jato quente de prazer.

— Então a gente vai fazer aquela... coisa? — perguntou ela, sem sequer se incomodar em fechar a porta do quarto. Pouco importa que as meninas barulhentas do segundo ano ouçam no quarto ao lado. Talvez elas aprendam alguma coisa.



HeathFerro: Tenho novidades. Falei com o amigo do meu irmão que trabalha com I-banking, e ele disse que o Fish Stick está bombando na cidade. As meninas tiram tudo por 99 cents!

CallieVernon: Humm, Heath? Acho que passou torpedo para a pessoa errada. Aqui é a Callie. Não quero saber de strippers. Especialmente não quando estou entrando no banho.

HeathFerro: Vc está no banho? Posso ver? Agora que você e Easy terminaram, vc está livre feito um passarinho, né?

CallieVernon: Como é? Quem te disse isso?

CallieVernon: Heath? Cadê você? Não é verdade!

CallieVernon: Ei!



- BennyCunningham:** Então a grande pergunta é, já montou no Pônei?
- CallieVernon:** Pônei?
- BennyCunningham:** É o novo apelido de Heath Ferro. Ele consegue mais bundas do que um pônei de feira do interior.
- CallieVernon:** Eca. De jeito nenhum eu fico com ele. Ele é nojento. E você?
- BennyCunningham:** Culpada da acusação.
- CallieVernon:** Aimeudeus. Quando?
- BennyCunningham:** Primeiro ano. A gente transou no armário de casacos do Stansfield Hall. Nunca mais. Totalmente tosco.
- CallieVernon:** Sem querer mudar de assunto, mas alguém te disse que eu e Easy terminamos?
- BennyCunningham:** Humm... talvez.
- CallieVernon:** Quem?
- BennyCunningham:** Não lembro. Tenha que me arrumar pro jantar!
- CallieVernon:** Porque não é verdade.
- CallieVernon:** É sério.
- CallieVernon:** Vc ainda está aí?

SE QUISER IMPRESSIONAR AS COLEGAS
DE QUARTO, UMA WAVERLY OWL PODE
FOFOCAR SOBRE A PRÓPRIA VIDA.

— **E**stou procurando por Jennifer Humphrey. — Uma magrinha com cara de passarinho, sotaque britânico e cabelo louro pegajoso estava parada se retorcendo diante de Brandon e Jenny, logo depois da porta da sala de estar do Richards. Ela vestia um suéter de algodão e gola rulê branco e sem mangas com um penacho triangular no bolso e uma calça cáqui muito mamãe-suburbana que apertava sua cintura e deixava a bunda enorme. — Acho que deve ser você.

— Sim — Jenny meio que guinchou, tentando não demonstrar a ansiedade na voz.

— Meu nome é Yvonne Stidder. — A garota estendeu a mão. Tinha um aperto de mão mole e uma espinha no quei-

xo. — Sou mentora das novas alunas. Achamos um quarto para você.

Brandon ergueu as sobrancelhas para Jenny e começou a se levantar.

— Foi um prazer conhecer você, Jenny.

— O prazer foi meu. — Jenny passou as bolsas L. L. Bean rosa no ombro. — A gente se vê hoje a noite — sussurrou ela quando Yvonne deu as costas.

— Desculpe por fazer você esperar tanto tempo — continuou Yvonne, levando Jenny pela escada de saída do alojamento Richards, passando por uma entrada cheia de mountain bikes usadas, skates, caixas vazias de PlayStation e uma dezena de bolas de futebol americano gastas.

— Não tem problema. — Jenny estava emocionada por ter conversado com dois garotos bacanas, mas estava meio aliviada por se afastar deles. Assim podia respirar um pouco.

— Em geral não permitimos a entrada no alojamento masculino, a não ser nas horas de visita. — Yvonne olhou longamente de lado para Jenny, mantendo a porta aberta para ela. Ela espirrou assim que as duas saíram. — Na verdade, humm, esta é a primeira vez que eu entro num alojamento de meninos. Apesar de eu saber tudo sobre os alojamentos masculinos, é claro. Sei todo o tipo de coisas sobre a Waverly, se quiser me fazer alguma pergunta. Qualquer coisa.

— Tudo bem. Obrigada. — Se Yvonne não parecesse tão monga, Jenny podia ter desconfiado de que ela estava cheirada, porque ela falava rápido demais. — E para qual alojamento eu vou? — perguntou ela enquanto atravessavam o gramado. Ela sentiu uma palpitação de nervosismo no peito.

Estavam indo para seu novo alojamento, onde ela ia morar por todo o ano letivo! Onde todo o tipo de coisas incríveis iam acontecer com ela! Assim esperamos.

— Dumbarton. Bem ali, está vendo? — Yvonne apontou para um prédio de tijolinhos e dois andares com janelas que se projetavam de um telhado nos fundos do *campus*. Além dele, brilhava o rio Hudson, que parecia muito mais bonito aqui do que em Nova York. Jenny podia imaginar a equipe de remo masculina deslizando tranquilamente por sua superfície com seus remos reluzentes, os braços fortes inchando enquanto remavam. — Uma garota, a Tinsley Carmichael... Ela ia morar com Callie Vernon e Brett Messerschmidt, mas foi expulsa, então tem um lugar vago. Minha amiga do grupo de jazz, Storm Bathurst, mora no quarto ao lado...

— Peraí. Você disse Tinsley? — perguntou Jenny. Ela reconheceu o nome, mas tinha absorvido tanta coisa em tão pouco tempo que não conseguia se lembrar de onde ou quando. — Por que ela foi expulsa?

Yvonne empurrou os óculos redondos de armação de metal mais para cima do nariz. Ela cheirava a Vick Vaporub.

— Não sei bem — respondeu ela categoricamente. — Não gosto de fofoca.

— Bom, pode me dizer *alguma coisa* sobre minhas novas colegas de quarto?

Yvonne fez uma pausa.

— Eu não as conheço bem. Mas elas são as meninas que todo mundo procura.

— Procura? — O coração de Jenny se acelerou.

— Sabe como é, aquelas que sempre dão festas, sempre

ficam com os garotos mais bonitos... — Yvonne riu e se virou para Jenny. — Não é que não tenha meninos bonitos no grupo de jazz. Você toca algum instrumento? O grupo de jazz está procurando por algumas pessoas.

— Humm, não, desculpe. Mas e Callie e Brett... Elas são, tipo assim, populares de verdade?

— São. — Yvonne assentiu, desviando-se de um colete marrom de jogo que alguém deixara no campo. — Tem uma galera que é o centro das atenções de todo mundo no *campus*.

Ah, é mesmo?, pensou Jenny toda animada. Ela tocou o pequeno jacaré de patricinha na blusa, satisfeita por ter se vestido tão bem para conhecer as novas colegas superdescoladas. Depois ela percebeu um cara alto e moreno com cabelo colado na cabeça, como se tivesse acabado de tirar um chapéu, andando pelo gramado. Ele levava um grande cavalete de madeira no ombro e seus jeans estavam manchados de tinta. A respiração de Jenny ficou presa na garganta.

— Quem é esse? — ela apontou.

— Ele? — murmurou Yvonne. — Esse é Easy Walsh.

— Easy. Que nome ótimo — refletiu Jenny. — Ele é artista ou coisa assim?

— Eu não o conheço muito bem, só sei que ele está sempre se metendo em problemas. — Yvonne franziu o nariz. — Fumando — cochichou ela. Para uma menina que não gostava de fofoca, ela certamente sabia de muitas.

O rapaz entrou pelas portas duplas da biblioteca. Jenny de repente queria poder largar as malas — e Yvonne — e ir atrás dele.

Em vez disso, ela seguiu Yvonne até o alojamento

Dumbarton. Era um prédio de tijolos aparentes de dois andares que tinha o nome inscrito em arenito acima de uma porta de madeira grande e branca de fazenda. Elas se enfiaram por uma passagem estreita e subiram um lance de escada de granito. Um dos degraus tinha a inscrição 1832, RHINECLIFF, NY. O alojamento era ainda mais antigo do que o prédio em ruínas em que sua família morava no Upper West Side.

Em volta dela, as meninas estavam fazendo a mudança. Rooney berrava de um quarto, No Doubt de outro. Ela viu uma asiática baixinha de rabo-de-cavalo desenrolando um pôster gigante de Jennifer Garner como Elektra, acabando com a raça de alguém.

Elas se aproximaram da porta 303, que estava entreaberta.

— ...e eu estou lambendo você todo e... peraí. Não. Meu Deus, Jeremiah, você ainda não tirou a calça. Tem que me acompanhar!

— Er, oi? — disse Yvonne, empurrando a porta um pouco.

Uma menina mais velha com um rosto notável e cabelo ruivo se levantou de um pulo de uma das camas do quarto.

— Preciso ir — disse ela ao telefone e o desligou. Ela olhou por um segundo para Yvonne e depois fixou os olhos penetrantes em Jenny.

— Ermmm, esta é Jenny Humphrey — explicou Yvonne. — Ela é sua nova colega de quarto. Ela é de... De onde você veio?

— Da Constance Billard — respondeu Jenny, erguendo a mão. — Em Nova York.

— Ah. Legal. Brett Messerschmidt. — A menina estava

com uma blusa de manga curta feita sob medida e engomada que Jenny tinha visto na vitrine da Soho Scoop o verão todo e aquela bermuda na altura do joelho que só a galera mais hype de Williamsburg usava.

Jenny entrou no quarto, que era maior e de certa forma mais simples do que ela imaginava. As janelas eram enormes e lindas, dando para o rio, enquanto as camas e a mobília eram simplesmente... velhas. Ela analisou a nova colega de quarto pelo canto do olho. O cabelo ruivo reluzente tinha um corte curto severo que terminava bem no queixo. Uma orelha tinha umas sete argolinhas de ouro e ela usava um relógio Cartier de ouro e diamante no pulso esquerdo. Ela era sensual, sofisticada e muito... familiar. Depois Jenny se lembrou: havia uma foto de Brett no site da Waverly. Ela era a Garota Curvada Sobre os Livros Parecendo Estudiosa. Ou pelo menos era como Jenny a chamava.

— E a Callie? — Yvonne deu uma olhada no quarto. — Ela já chegou?

— No banho — murmurou Brett.

Yvonne piscou com força, depois murmurou alguma coisa sobre uma aula de flauta e disparou para fora do quarto.

Jenny andou até o que parecia a cama vaga e se sentou, quicando algumas vezes.

— Este quarto é ótimo. Adorei a vista.

— É, é legal. — Brett cruzou os braços.

— Quem é *you*? — disse uma voz atrás delas. Jenny se virou e viu uma garota alta e incrivelmente linda, com olhos castanhos enormes e um cabelo louro escuro que parecia ter acabado de sair do secador. Jenny pensou que ela parecia ver-

são Disney da Cinderela. Depois de transformada em princesa, é claro.

— Oi. Meu nome é Jenny. Eu sou... Eles me mandaram para este quarto.

— Eles? Eles quem? — quis saber Cinderela.

— Bom... a Waverly — gaguejou Jenny. — Você é a Callie?

— Sou. Você é do segundo ou do terceiro ano?

— Segundo. E vocês?

— Terceiro. — Callie fez um biquinho com os lábios de batom rosa e baixou uma enorme bolsa de maquiagem Gucci na mesa. — Vai ficar com essa cama? — Ela apontou para a cama em que Jenny estava sentada.

— Acho que sim. Quer dizer, se não tiver problema para vocês duas.

— Acho que está tudo bem. — Callie olhou para Brett. — Parece que a Tinsley realmente foi embora.

Brett pareceu bufar pelo nariz. Jenny limitou-se a ficar parada, sem saber bem o que dizer.

— O que aconteceu com a... er... Tinsley? — perguntou ela por fim.

— É complicado — respondeu Brett rapidamente, abrindo o fecho de uma mala abarrotada de sapatos. Jenny viu as etiquetas em alguns. Jimmy Choo. Sigerson Morrison. Manolo Blahnik.

— Não foi nada — acrescentou Callie. Ela olhou pela janela, desviando os olhos das duas.

Jenny não era muito de fumar, mas queria ter um cigarro naquele momento só para ter o que fazer com as mãos.

Callie finalmente rompeu o silêncio.

— De que escola você era?

— Constance Billard. Fica em...

— Nova York. Só de meninas — interrompeu Callie numa voz sussurrada, chegando um pouco mais perto de Jenny como um gato que pode roçar na sua perna. Ela se virou para Brett. — A Tinsley não era da Constance?

— Não. Ela era do Trinity. Até a quarta série. Depois foi para algum lugar na Suíça, depois veio pra cá.

— É, pensando bem, a Tinsley não iria de jeito algum a uma escola só pra meninas. — Callie examinou as cutículas. — Eu me lembro de quando ela disse que teve toneladas de namorados.

— Bom, a Tinsley é bonita — acrescentou Brett sem muito interesse, tirando camisetas de outra mala.

Jenny se eriçou. Será que Brett estava dizendo que ela não era bonita? Quem era essa tal de Tinsley, aliás?

— Ela podia ter o cara que quisesse — continuou Brett. — Até os que tinham namorada.

— Isso não é verdade — rebateu Callie antes de se virar para Jenny.

Os olhos de Jenny dispararam de uma colega de quarto para outra. O que é que estava rolando com elas?

— A Tinsley deu a festa de 11 anos dela nas docas de Chelsea. Tipo assim, ela alugou o troço todo e instalou uma escola de trapézio na área de ginástica. Você foi?

Jenny deu de ombros.

— Não, desculpe. — Mas ela se lembrava dessa festa, é verdade. Quando Jenny tinha 10 anos, o pai ficou dias rabugento por causa de um artigo na seção Style do *New York Ti-*

mes que cobriu uma festa no Complexo Esportivo das Docas de Chelsea para uma menina um ano mais velha do que Jenny. O pai tinha sacaneado porque era uma festa complacente e um nojo de burguesa, mas Jenny achou que a menina era a criança mais sortuda do planeta. E agora ela ia dormir na cama dela! Isso *tinha* que ser um bom sinal.

Callie olhou para Jenny como um avaliador da Christie examinaria um vaso Ming e depois sorriu.

— Bom, bem-vinda à Waverly. Acho que vai gostar daqui.

Jenny pensou satisfeita: *Eu já estou gostando.*



Ow1Net

Caixa de Mensagem Instantânea

TeagueWilliams: Como é que é a garota de 99 cents mesmo?

HeathFerro: Cabelo castanho cacheado, praticamente anã, peitões.

TeagueWilliams: Deixa eu adivinhar... Vai levar a menina na capela?

HeathFerro: Pode apostar!



Ow1Net

Caixa de Mensagem Instantânea

CelineColista: Aí, a Callie e a Brett estão brigadas. As duas foram na sala de Marymount para pedir transferência de quarto.

BennyCunningham: Tudo por causa da Tinsley, né? Onde ela está, aliás? Alguém sabe?

CelineColista: Eu soube que ela está namorando um cara dos Raves e eles estão em turnê pela Europa.

BennyCunningham: Pensei que a garota nova da capital é que estivesse namorando os Raves...

Celinecolista: Qual deles!?

BennyCunningham: Todos. A banda toda.

CelineColista: Que tosco. Como soube disso?

BennyCunningham: Eu tenho as minhas fontes.

**A CAPELA NÃO É UM LUGAR ADEQUADO PARA
SOCIALIZAÇÃO DE NOVAS WAVERLY OLWS.**

— **A**í, olha só quem está aqui!
Jenny estava parada do lado de fora da sala de estar da Richards, reaplicando o gloss rosa transparente no espelho grande e embaçado estilo café do hall. Vestia um top APC verde-esmeralda de gola alta que estava ficando meio esticado demais nos peitos enormes e sandálias de couro com os saltos mais altos que tinha. Ela girou a cabeça e viu Heath Ferro, o cara que vira mais cedo com o BlackBerry e a barriga perfeita, parado na soleira da porta, um cigarro apagado na mão. Gotas pequenininhas de suor saíam de sua testa e os olhos estavam meio vidrados e tontos.

— Oi — respondeu Jenny toda alegreinha, passando as mãos no único jeans Seven que tinha, que por acaso deixava suas pernas um pouquinho mais compridas do que um toco

de árvore. — A festa é aqui?

— Sem dúvida que é — respondeu Heath galantemente. Ele passou o braço na cintura de Jenny.

Jenny sorriu. Heath parecia realmente feliz em vê-la. E ela também estava feliz em vê-lo. Ele vestia uma camisa azul-clara por fora da calça, bermuda do exército e estava descalço. Ela gostou de seus ombros largos e do corte de cabelo sou-um-mauricinho-completo. *Meio como Hamlet seria se fosse uma pessoa real*, pensou Jenny. Todo aquele sangue dinamarquês principesco, além de um brilho de rebeldia nos olhos.

E Jenny gostava de rebeldia.

Heath empurrou a pesada porta de madeira, abrindo-a para Jenny. Todo mundo congelou.

— Está tudo bem — anunciou Heath, a mão roçando por acidente no peito de Jenny. — É só a gente.

Jenny olhou a sala. Sua primeira festa na Waverly! Ela podia ter ficado no alojamento jogando xadrez com Yvonne, mas em vez disso estava quebrando as regras em sua primeiríssima noite no internato! Ela de imediato viu que tinha um clima diferente das festas a que foi em Nova York — ninguém estava se agarrando no quarto de hóspedes e eles não precisavam se preocupar com os pais chegando mais cedo de Paris. Alguém tinha reduzido as luzes e acendido um monte de velas. Todos pareciam ter saído de um catálogo da J. Crew — eles eram todos tão *lindos*, com a pele perfeita e brilhante, os corpos atléticos da prática de esportes obrigatória o ano todo. Cada um era mais lindo do que o outro. Todo mundo segurava grandes canecas térmicas de café, o que a confundiu um pouco, até que Jenny percebeu que as canecas continham álcool.

Do outro lado da sala, Brett estava sentada no sofá de couro rachado com Callie, a amiga delas Benny Cunningham, e Sage Francis, que estava deliciando a todas com as histórias do fabuloso safári na África que ela fez no verão. Não parecia muito bom para Brett. Moscas, malária e animais selvagens fedorentos. *Que divertido!* Ela olhou para a porta, viu a nova colega de quarto no braço de Heath Ferro e de imediato cutucou Benny nas costelas.

Benny era da Filadélfia, ia herdar 200 milhões de dólares e era bonita como uma amazona: alta e magra, cabelo castanho comprido e basto e enormes olhos castanhos. Ela era uma pudica e sempre culpava o lugar onde fora criada, como se a Filadélfia ficasse em um planeta diferente onde as meninas bebiam leite integral e se poupavam para o casamento. Benny sempre citava uma fala de Diane Keaton em um filme antigo de Woody Allen, *Manhattan*: “Eu sou da Filadélfia, e não fazemos coisas assim *lá!*” Ela não percebeu que a fala era uma piada. Apesar de seu puritanismo, ela também era uma tremenda fofoqueira que lia a *Page Six* religiosamente, mas agia como se soubesse de tudo de primeira mão.

— Olha só como o Heath está preparando o bote — disse a melhor amiga de Benny, Sage Francis, rindo e apontando. — Acho que ele sabia onde podia conseguir alguma coisa.

Brett deu de ombros. Ela não conseguia imaginar a nova colega de quarto ingênua sendo uma puta, mas *havia mesmo* alguma coisa aparentemente cintilante e fresca em Jenny que podia deixá-la irresistível a, digamos, toda uma banda de rock *indie*, como diziam os boatos que rolavam no *campus*. E Jenny tinha um certo ar de mistério, o que fazia Brett lembrar de

alguém. Tinsley, talvez?

— E aí, vocês estão mesmo pedindo transferência de quarto? — cochichou Sage, tocando o ombro despido de Brett.

— Transferência de quarto?

Sage bateu os cílios cheios de glitter. Ela sempre exagerava no glitter nos olhos, porque um francês gato que ela conheceu em St. Barts durante as férias de primavera do ano anterior disse que isso deixava os olhos dela enormes e sensuais.

— Pensei que você e a Callie estivessem quase arrancando os olhos uma da outra.

— Bom... — Brett hesitou. — Eu não estava pensando em pedir transferência... — Ela olhou a colega de quarto. Callie agora estava do outro lado da sala, conversando atentamente com Celine Colista, a outra capitã do time de hóquei. Todas jogavam hóquei juntas desde que chegaram na Waverly, mas Brett nunca levou o esporte a sério, como a maioria das meninas. Será que Callie realmente pediu transferência de quarto sem Brett saber? Tinha chegado a esse ponto? Ela se virou para a nova colega de quarto, que estava parada na porta de olhos vidrados, como se nunca tivesse ido a uma festa na vida.

Jenny estava meio impressionada — mas no bom sentido. Heath voltou, acenando uma caneca da Waverly com um cheiro forte diante da cara dela.

— Para você.

— O que é? — perguntou ela, pegando a caneca com as duas mãos.

— Isso importa? — Ele sorriu e virou o conteúdo da própria caneca garganta abaixo.

Jenny pôs a caneca nos lábios. O líquido amargo e forte tinha gosto de cerveja misturado com rum. Gorgolejou por sua traquéia, provocando lágrimas nos olhos dela.

— Ei, olha lá o Brandon! — ela conseguiu arfar. Brandon estava parado junto a uma das vidraças gigantes, cercado por três meninas minúsculas com rabos-de-cavalo louríssimos e iguais. Quando viu Jenny do outro lado da sala, seu rosto se iluminou e ele acenou. Ela ergueu a mão para retribuir o aceno, mas Heath a pegou e puxou para o lado dele.

— Está na hora de a garota nova passar por nosso ritual de iniciação — disse ele, sorrindo diabolicamente.

— Como é? — Jenny franziu a testa. — Nunca ouvi falar de rituais de iniciação.

— Então você não andou falando com as pessoas certas. — Heath tomou outro longo gole da caneca, depois a colocou no antigo radiador prateado do aquecedor. — Vem comigo. — Ele a levou para a porta.

Na saída, alguns rapazes o cumprimentaram batendo as mãos.

— Vai pra onde, Pônei? — perguntou um deles. Heath só ergueu as sobrancelhas. Os meninos começaram a rir, a ofegar e gemer.

— O que é tudo isso? — perguntou Jenny, olhando para os meninos que uivavam.

— Quem pode saber? — murmurou Heath enquanto abria a pesada porta de madeira para Jenny.

— Quem é Pônei? É você?

— Shhhh — interrompeu Heath. Jenny fez biquinho, sentindo uma pequena inquietação. Mas este era o colégio

interno. A terra mágica de Waverly. Ela estava segura aqui, não estava?

Do lado de fora, a noite estava um breu e silenciosa a não ser pelos sons de alguns grilos que restaram do verão. Heath parou diante da capela da Waverly, o prédio ao lado do Richards. A capela era atarracada mas imponente, com vitrais e uma porta de carvalho pesada.

— O que a gente...? — começou Jenny. Ela ainda não tinha entrado na capela — ia fazer isso no dia seguinte de manhã, para a chamada, os anúncios e as orações.

Heath apagou o cigarro em um dos vidros da frente.

— É tradição que os novos alunos da Waverly entrem na capela antes de as aulas realmente começarem.

— Você não vai me trancar aí dentro nem nada disso, vai? — perguntou Jenny numa voz trêmula, sem ligar se parecia a Velha Jenny.

— É claro que não. — Heath ergueu as sobrancelhas. — Eu vou entrar com você.

— Ah. — O coração de Jenny estava se acelerando. — Tudo bem, então.

Heath empurrou a enorme porta de carvalho até abri-la. A luz dentro da capela vinha somente de algumas velas. E estava silencioso feito... bom... uma igreja.

— É bem legal aqui — sussurrou Jenny.

— Senta aqui comigo. — Heath deu um tapinha em um dos bancos de madeira escura. À luz das velas, com as mãos dele cruzadas no colo e o cabelo penteado para trás com gel, Jenny se perguntou se o estava julgando mal. Talvez ele realmente fosse espiritual e sensível.

Ela deslizou no banco para junto dele.

— Então o ritual é esse, é?

— Ritual? — Heath olhou para ela como quem não entendia nada.

— Você disse que... — Jenny parou. É *claro* que não havia um ritual. Era um truque.

Eles ficaram em silêncio por um minuto, ouvindo o vento bater nas laterais da capela. Depois Heath pegou as mãos de Jenny.

— Você estava tão linda hoje de manhã — sussurrou ele, trocando o l e o m, então o que ele disse foi *minda e lanhã*. — Especialmente quando meu pai te deu uma carona para subir o morro.

— Ah — respondeu Jenny, radiante. Ele se lembrava *mesmo*! — Bom, obrigada.

— Você veio de uma escola só de meninas de Nova York, não é?

— É. — Ela havia dito isso de manhã? Jenny achava que não.

— Você foi expulsa?

— Não exatamente.

Depois Heath se curvou para ela. Ela pensou que ele só tivesse perdido o equilíbrio, mas a boca de Heath de repente estava toda na cara dela e sua língua se enfiava pelos lábios de Jenny. A primeira reação de Jenny foi empurrá-lo, mas um formigamento de prazer começou a percorrer suas costas. Heath beijava bem pra caramba, talvez melhor do que qualquer outro que ela tenha beijado. Ela pegou a nuca de Heath, fechou os olhos com força e se permitiu ser levada. O banco

de madeira estalou e gemeu um pouco. Os ruídos de beijo ecoavam no teto em nicho. A mão dele acompanhou o contorno dos dedos dela, mas depois rapidamente desceram até o antebraço e por fim terminaram no peito de Jenny.

Jenny se afastou dele, alarmada.

— O que foi? — Heath deu um sorriso sacana, os olhos disparando de um peito para outro de Jenny. Ele não parecia mais nenhum anjinho espiritual.

— Bom... Isso está meio rápido — Jenny conseguiu dizer. — É só isso.

— Ah, sem essa — insistiu Heath, a voz ficando mais sonolenta. — Jenny de Nova York. A Jenny doida.

— Eu não sou assim tão doida — replicou Jenny. Ela teve a sensação arrepiante de que Heath estava citando alguém. O que as pessoas diziam sobre ela? E de onde tiravam as informações?

Depois, de repente, Heath se deitou, colocou a cabeça no banco e começou a ressonar. Jenny se levantou. Heath estava de porre. Ela olhou a capela vazia, os roncoss dele ecoando no teto de vigas.

Tudo isso fez com que ela se sentisse a Velha Jenny. Ela suspirou e olhou em volta, vendo a capela mal iluminada. A escola só ia começar oficialmente amanhã, decidiu ela. A Nova Jenny só estava no aquecimento.



Para: EasyWalsh@waverly.edu
De: HeathFerro@waverly.edu
Data: Quarta-feira, 4 de setembro, 9:50h
Assunto: Cara...

Ease,

Perdeu uma festa do caramba. Nem consigo me lembrar do final, só que aquela baixinha do segundo ano e eu que ficamos juntos de verdade. Ainda estou na cama e acho que vou ficar aqui o dia todo. Aposto que você teve uma merda de desculpa qualquer para não ir. Era a Tinsley? Você viu a Tinsley nesse verão, não foi?

Aí, cara, responde aí se não a gente vai pensar que você morreu.

Tchau,

H



Para: BrettMesserschmidt@weaverly.edu

De: JeremiahMortimer@stlucius.edu

Data: Quarta-feira, 4 de setembro, 10:01h

Assunto: É melhor pessoalmente...

E aí, B. Você desligou o telefone rápido demais. Justamente quando a gente ia chegar na melhor parte! Não posso ficar outro dia sem ver você. Eu sei que suas aulas começam amanhã, mas você termina às 4, não é? E se eu pegasse o trem e aparecesse amanhã à tarde? Talvez a gente possa passar um tempinho debaixo daquele seu edredom macio...

UMA WAVERLY OWL NÃO DEVE BEBER
COM O PROFESSOR — A NÃO SER
QUE SEJA SNAPPLE.

— Uff! — Brett esbarrou em um cara alto enquanto andava pelo corredor do terceiro andar do Stansfield Hall. Estava tentando ganhar alguns minutos, vendo os e-mails na telinha do celular antes de se encontrar com um novo professor chamado Sr. Dalton, que devia ser o novo orientador do Comitê Disciplinar. A mensagem de Jeremiah tinha acabado de aparecer na tela. — Desculpa — murmurou ela para a pessoa que tinha esbarrado nela, sem olhar para ver quem era.

— É melhor olhar por onde anda. Você é a Brett, não é?

Ela olhou para ele. Um cara inacreditavelmente elegante, com cabelo louro escuro com musse, estava parado diante dela. Ele parecia o príncipe William, só que mais alto, mais bron-

zeado e melhor. Vestia uma camisa amarrotada de quadriculado pequeno Savile Row com os dois botões de baixo desencontrados. Brett não conseguiu deixar de imaginá-lo vestindo-a apressadamente sobre o peito duro e musculoso ao sair da cama.

— Eu a reconheço da foto da sua filha — prosseguiu o rapaz. — Sou Eric Dalton, o novo orientador do CD.

Êpa. Não era nenhum garoto.

— Ah! Humm. Oi, Sr. Dalton — gaguejou Brett, enfiando o celular no bolso. — Eu, er, peço desculpas por isso. — Ela estendeu a mão.

Ele passou uma caneca de café — a mesma caneca marrom e branca dos Waverly Owls que eles batizavam com álcool nas festas do alojamento — de uma mão para a outra para apertar a mão dela. Brett de repente ficou feliz por ter fetiche em hidratante e que a palma de sua mão fosse sedosa na mão dele.

— Não são permitidos aqui, você sabe disso. — O Sr. Dalton ergueu as sobrancelhas para ao celular dela. Por um segundo Brett pensou que ele estava falando a sério e começou a preparar uma desculpa. Depois ele cochichou: — Mas eu não vou contar... desta vez. Vá se sentar em minha sala e chegarei lá em um segundo.

Desnorteada, Brett sorriu, querendo ter alguma coisa espiritosa para dizer.

A porta para a sala dele estava aberta. Ela entrou e olhou em volta. Para um cara que tinha acabado de chegar à Waverly, ele certamente tinha muita tralha. Havia pôsteres enrolados em papel pardo no chão, um globo preto e grande que ainda

mostrava a Rússia como URSS e livros e papelada em toda parte. Ela percebeu uma garrafa cheia do que parecia vinho tinto na mesa de carvalho no canto e sua mente disparou.

Calma, disse ela a si mesma. Você está aqui porque ele é novo na Waverly e quer conhecer todos os membros do CD. Isso deve ser Snapple de framboesa, e não vinho.

Ela foi até um dos pôsteres que o Sr. Dalton tinha pendurado em uma moldura pesada e dourada. Era na verdade um pergaminho antigo, montado e emoldurado. Ela semicerrou os olhos para as palavras em grego arcaico e murmurou.

— Louve cada deus como se ele estivesse ouvindo.

— Como sabe disso? — disse uma voz atrás dela.

Brett deu um pulo. O Sr. Dalton estava parado na soleira da porta, sorrindo da timidez dela, como se ele soubesse de um grande segredo e estivesse pronto para revelar a todos.

— Eu passei algum tempo na Grécia — disse ela, insegura.

— Não quer se sentar? — perguntou ele. — Desculpe pela papelada. — Ele rapidamente pegou uma pilha de papéis em uma cadeira, curvando-se para tão perto de Brett que ela não conseguiu deixar de perceber como ele cheirava bem. Tipo Acqua di Parma, que era a única colônia que ela suportava num homem.

— Posso lhe servir alguma coisa? — O Sr. Dalton se sentou em sua cadeira de couro marrom e encosto alto. Ela fez um barulho de peido, o que os dois fingiram não perceber. — Eu tenho um frigobar, alguns copos, embora eu só tenha... Bom.... Na verdade, tudo o que eu tenho, eu acho, é um pouco de *pinot noir*. — Ele franziu a testa, depois piscou com força.

— Desculpe. Quero dizer, obviamente não podemos beber *pinot noir*. Nem sei o que ele está *fazendo* aqui, porque eu não ia beber nem nada.

Parece-me que o Sr. Dalton está a protestar demais, pensou Brett pervertidamente, observando-o afastar nervoso o colarinho do pescoço.

— Está tudo bem — declarou ela toda comportada, empoleirando-se na beira da cadeira.

Dalton ligou o Mac G5 de tela plana instalado em cima da mesa.

— Muito bem, Brett. Então eles me obrigaram a colocar todos os casos antigos do CD em um banco de dados. Me deram o trabalho chato porque eu sou novo aqui. — Ele mostrou nervoso os dentes perfeitos e ela se perguntou se ele tinha genes maravilhosos para os dentes ou se eles eram recapeados. Era parada dura, mas ela não se incomodaria de verificar mais de perto. Com, digamos, a boca.

Ele remexeu nuns papéis.

— Então, além de conhecer todos os nomeados para o CD, estou procurando por alguém para me ajudar a garimpar todo esse negócio do comitê disciplinar, chegar às informações pertinentes e depois me ajudar a entrar com os dados no computador. Mas tem que ser alguém que esteve no CD no ano passado, porque o material é confidencial para os alunos que não são do CD. Você foi do CD no ano passado?

Brett lambeu os lábios.

— Bom, não — respondeu ela, querendo mentir.

— Ah. — O Sr. Dalton pareceu decepcionado. Ele soltou um suspiro. — Isso é péssimo.

— Mas nós não contaríamos a ninguém, não é? — sugeriu Brett devagar. — Quer dizer, eu quero ajudar. Seria... Seria bom para meu histórico.

Claro. É por isso que quero fazer, pensou ela. *Meu histórico.*

— Não sei não... — O Sr. Dalton sacudiu a cabeça. Ele olhou para ela com um jeito indagador. Brett tirou nervosa um fio de cabelo no rosto. — Quantos anos você tem? — perguntou ele por fim.

— Dezesete.

— Ah. — Ele inclinou a cabeça e sorriu meio torto.

— Que foi?

— É que você não parece ter 17 anos. É só isso.

Os homens diziam isso a Brett o tempo todo. Sempre ficavam assombrados que ela ainda estivesse no ensino médio.

— E quantos anos *você* tem?

Ele se aprumou um pouco.

— Vinte e três. Acabei de me formar na Brown.

Brett inconscientemente roeu o esmalte Hard Candy Vinyl do dedo mínimo.

— Vou fazer pós-graduação, mas como estudei na Waverly, acho que devo isso a eles, vou ensinar aqui por alguns anos — continuou o Sr. Dalton.

— Eu quero ir para a Brown — soltou Brett.

— Posso imaginar você lá. — Ele assentiu.

Ela olhou fixamente o lindo professor de 23 anos e não desviou os olhos pelo segundo em que ele também a encanou.

— Muito bem. — Ele finalmente rompeu o silêncio. — Acho que talvez a gente possa bolar um jeito de você me aju-

dar... Quero dizer, se realmente quiser.

Eu quero, era o que Brett desejava dizer. *Quero muito, de verdade*. Mas ela continuou em silêncio.

— Talvez a gente possa se reunir amanhã de manhã, antes das aulas. Ah, e Sr. Dalton é muito esquisito. Talvez eu vá me acostumar com isso quando tiver cinquenta anos e administrar um negócio familiar. Mas por enquanto... — Ele baixou os olhos e depois olhou para ela de sob os cílios louros e grossos. — Pode me chamar de Eric?

— Claro — concordou Brett, sorrindo. Ela podia pensar em um monte de coisas de que gostaria de chamá-lo.

Exatamente naquele momento, os papéis que ele tinha retirado para que ela se sentasse começaram a escorregar da mesa dele na direção do colo de Brett. Ele avançou para a frente, pegando-os. Ao mesmo tempo, Brett se abaixou para pegar alguns papéis que tinham caído no chão. Eles se chocaram de cabeça.

Ai.

— Porra! — gritou Brett, vendo um breve lampejo de branco. Depois ela colocou a mão na boca. Embora a maioria dos alunos da Waverly fosse desbocada, não se deveria xingar na frente dos professores. Os Waverly Owls sempre devem ter boas maneiras, e os palavrões eram um sinal de indecência e má criação.

Ele esfregou a testa, estremecendo.

— Você está bem?

Brett engoliu em seco. E se o Sr. Dalton pensasse que ela era inculta e vulgar? Mas ela percebeu a expressão preocupada dele e concluiu que ele não ligava.

— Acho que vou sobreviver — respondeu ela por fim.

— Que bom — ele riu. — Porque eu sem dúvida quero que você fique viva.



Para: BriannaMesserschmidt@elle.com
De: BrettMesserschmidt@waverly.edu
Data: Quarta-feira, 4 de setembro, 10:53h
Assunto: Gato, gato, gato

Oi, mana

Acabo de conhecer o homem perfeito. Ele é inteligente, lindo, tímido, doce e mais gato do que os modelos das propagandas de Ralph Lauren Romance. Mas, problema: ele é professor. Do tipo que passa dever de casa. Do tipo que se senta no palco da Waverly durante as reuniões. Do tipo que dá notas e não deve tocar nas alunas... Tenho certeza de que você entendeu a essência da questão. O que fazer?

Bjs,

Maninha



Para: JeremiahMortimer@stlucius.edu
De: BrettMesserschmidt@waverly.edu
Data: Quarta-feira, 4 de setembro, 10:57h
Assunto: Re: É melhor pessoalmente...

J,

Claro, pode vir amanhã, mas não no meu quarto. A Callie está uma *prima donna*. Que surpresa.

A gente se vê.

B

UMA WAVERLY OWL NÃO DEVE PROCURAR
TER ENCONTROS SECRETOS. SEMPRE
TEM ALGUÉM VENDO.

Callie se curvou por cima das portas sujas de madeira do velho estábulo, tentando não pisar em esterco seco de cavalo com os sapatos novos Stella McCartney de ponta redonda e couro preto. O celeiro vermelho e desbotado ficava ao lado de um pasto de 12 mil metros quadrados, separado do resto do *campus* da Waverly por um bosque denso de pinheiros. Um apito soou a distância e Callie reconheceu a voz rude da treinadora Smail, técnica de hóquei feminino, gritando:

— Isso não é de equipe universitária, senhoras! — O primeiro dia de aula consistia em horríveis testes de oito horas para os times do outono, mas Callie estava isenta porque já era capitã de hóquei universitário.

O sol estava baixo no céu de final de tarde e Easy andava na direção dela. Ele vestia uma das camisetas que tinha trazido de casa — uma coisa verde e rota com uma ferradura, é claro — debaixo do paletó marrom surrado da Waverly. Sem gravata. O cabelo castanho escuro apontava em mechas desordenadas e havia uma mancha de tinta azul ao lado da orelha esquerda. Um sorriso enorme e sexy se abriu no rosto de Easy quando ele a viu. Ela o queria tanto. Talvez tudo entre eles estivesse bem, afinal.

— Você podia pelo menos ter trocado de camisa — brincou ela, pegando a bainha entre os dedos.

— Acho que sim, porque eu me sinto meio nu perto de você — brincou ele também.

— Eu não estou assim tão produzida.

— Está produzida demais. Olha só esses sapatos. — Ele apontou. — Posso imaginar você parada na frente do armário, angustiada com os sapatos mais novos e mais sensuais. Não é? — ele sorriu para ela. — Eu estou certo, não estou?

— Errado — rebateu Callie, embora, é claro, ele estivesse certo. Ela ficava irritada que Easy a conhecesse tão bem. E que fosse mais inteligente do que ela. Na verdade, quando se pensava bem no assunto, tudo nele a deixava ao mesmo tempo fervilhante e trêmula de prazer.

Easy acendeu um cigarro e se abaixou para ficar fora de vista da casa de Marymount, a grande mansão estilo Tudor bem na beira do *campus*. Callie atirou o cabelo louro-avermelhado atrás dos ombros. Por que ele ficava parado ali? Aqui estavam eles, sozinhos no estábulo abandonado, enquanto todos os outros estavam terminando os testes de esporte. Ela estava

louca para se deitar no feno infestado de carrapatos e arrancar as roupas dele.

— Eu senti sua falta na festa de ontem à noite — sussurrou ela com ternura.

— Humm. É. Eu estava muito cansado.

Ah, mas isso era de enfurecer. Ele *ainda* estava parado lá.

— E aí, quer vir aqui? — perguntou Callie finalmente, puxando o paletó dele.

— Só um minutinho. — Ele se afastou e deu outro trago.

— Deixa pra lá, então. Esquece. — Callie recuou, pegando o próprio maço de Marlboro Lights. Ela colocou um cigarro na boca e tentou acender o isqueiro verde-fluorescente, mas ficou lutando com a trava à prova de crianças.

— Não, não, sem essa — pediu Easy em voz baixa, virando-se para ela e atirando o cigarro no chão. — Não fique assim, toda...

— Bom, sei lá — começou Callie. — Quer dizer, você... Easy pôs a mão na nuca de Callie.

— Eu só estou meio desligado. — Ele beijou de leve o queixo de Callie, depois a comprimiu na porta do estábulo e a beijou com mais força. Suas mãos competentes voaram por todo o seu corpo. Callie tirou uma mecha de cabelo embaraçado do rosto.

— Eu já te disse como é bom ver você? — murmurou Easy entre os beijos.

Callie suspirou. As coisas de repente estavam bem de novo. Por que ela estava se torturando? Ela e Easy eram perfeitos juntos. Talvez ela não devesse se sentir tão apavorada com o que aconteceu na Espanha. Talvez ela não devesse dar atenção

alguma àquela mensagem instantânea idiota que recebeu de Heath dizendo que eles tinham terminado.

— Talvez a gente deva se deitar — sussurrou ela.

Easy a puxou para o pasto, onde a grama era verde e macia, beijando de leve sua clavícula. Ele a empurrou para o chão e beijou o pescoço. *É assim que deve ser*, pensou ela, olhando o sol se pôr. O estábulo abandonado era lindo e o sol estava baixo e rosado no céu. Não, não havia nenhum John Meyer tocando suavemente ao fundo como naquela noite na Espanha, mas isso definitivamente daria certo.

— Lembra do que conversamos na Espanha? — murmurou Callie, o coração estremeando no peito. A lembrança daquela noite voltou num jato: eles estavam na cama de Callie, debaixo dos lençóis, quase nus. Callie reunira toda a coragem que tinha e disse ao namorado lindo, desleixado, sensual, inteligente e beligerante: “Eu te amo.” Ela pretendia transar com ele: eles iam dizer que se amavam e depois fariam amor pela primeira vez. Todos os boatos do ano anterior sobre Tinsley se esclareceriam e Easy seria dela para sempre.

Em vez disso, ele a beijou em silêncio, por fim o beijo ficou mais lento e ele se acomodou no travesseiro ao lado do dela e dormiu. Ela ficou ouvindo sua respiração passar a um ressonar leve e se perguntou se ele realmente a ouvira. Será que ela falou baixo demais? Callie passou todo o verão esperando que fosse este o motivo de ele não responder.

Callie o amava, ela o amava de verdade. *Ele não a ama também?* Ela percebeu uma daquelas corujonas gordas observando-os de um galho de árvore. Parecia um dos desenhos idiotas daqueles antigos comerciais de chocolate Tootsie Roll. Ela se

sentiu constrangida, como se a coruja a estivesse julgando.

— Lembra do que eu disse na cama? — perguntou ela, insegura.

Easy de repente parou de beijar sua clavícula e tombou ao lado dela.

Ela pegou o braço dele.

— Que foi?

— Nada. — Ele respirou fundo e olhou por sobre o pasto. Os gritos dos testes do hóquei feminino ecoavam do campo de treino. — Isso simplesmente parece... Sei lá.

— O que quer dizer? — A voz de Callie saiu num guincho agudo e constrangedor. Ela recolocou o Stella McCartney no pé direito e se sentou. Uma mancha enorme de terra cinzenta corria por sua perna e ela rezou para que não fosse esterco de cavalo.

Uma figura masculina apareceu no caminho que levava ao estábulo, empurrando um carrinho de mão.

— Merda. — Callie pegou as mãos de Easy, puxando-o para cima. — É o Ben.

Ben era o velho zelador desagradável que sempre metia os alunos em problemas. Ele até portava uma câmera digital para ter as provas. No ano anterior, ele pegou Heath Ferro fumando um baseado na piscina coberta, mas Heath o subornou para deletar as fotos dando-lhe as abotoaduras Harry Winston de platina que herdara do pai.

Eles seguiram aos tropeços para o outro lado do estábulo e se espremeram na porta de madeira.

— Eu devia voltar para o meu quarto — sussurrou Easy.

— Tanto faz. — Callie enfiou o salto na terra, embora

soubesse que isso ia estragar totalmente os sapatos. Merda. Por que teve de falar da Espanha?

— Olha. — Ele pegou as mãos dela. — Desculpe. Vamos tentar de novo. No seu quarto. À noite. Depois do jantar de boas-vindas.

— Ah, é, tá legal — ridicularizou Callie. — Você já está na lista negra da Angelica.

— Vou encontrar um jeito. — Easy a puxou para mais perto e a segurou por um segundo. — Eu prometo — sussurrou ele, depois se afastou correndo.



AlanStGirard: Cadê o Heath?

BrandonBuchanan: Na cama ainda. Nem tomou banho. Fede pra caramba.

AlanStGirard: Cara, tá quase na hora do jantar!

BrandonBuchanan: Eu sei. Acho que tb está de porre.

AlanStGirard: Ele saiu com aquela garota nova ontem à noite.

BrandonBuchanan: Quem?

AlanStGirard: Cabelo cacheado curto? Peitões? Dizem que ela era stripper em NY.

BrandonBuchanan: Não. Ela quase não ficou lá ontem à noite.

AlanStGirard: Claro que ficou. Você estava ocupado demais secando a Callie pra perceber. Ela sumiu porque o Heath levou a garota pra capela. Acha que ela fez um showzinho particular pra ele?



AlisonQuentin: Essa capela fede. Por que o discurso de boas-vindas à Waverly de Marymount é sempre tão compriiiiido?

BennyCunningham: Nem me fala. Cadê vc-sabe-quem?

AlisonQuentin: Sei lá. Mas sabia que a Sage desenhou um pequeno pônei nos quadros de aviso de todas as meninas do alojamento dela que ficaram com ele? Até agora são seis, inclusive a garota nova. Isso só num andar do Dumbarton.

BennyCunningham: Como é que eu não tenho um pônei no meu quadro?

AlisonQuentin: Você ficou com ele?

BennyCunningham: A gente se beijou quando vim pra cá! Meio molhado demais, mas a técnica era boa.

AlisonQuentin: B! Pensei que você fosse minha amiga inocente!

EXISTEM COISAS QUE UMA WAVERLY OWL
NÃO PODE COMER PORQUE NÃO
PODE E PRONTO.

— **V**ocês fazem parte de uma longa tradição. — A voz grave e penetrante do reitor Marymount retumbou e estrondeou pela capela. Todo mundo dizia que Marymount tinha sido um grande ativista revolucionário nos anos 1970 e que ele era membro de carteirinha do Mensa, mas Jenny achava que ele mais parecia um técnico da Liga Juvenil que dirigia uma minivan Dodge do que o reitor de um internato de prestígio. Os cabelos grisalhos penteados estavam colados na cabeça suada. Atrás dele, estava sentado o corpo docente da Waverly, todos com o uniforme da escola: gravata marrom e azul-marinho, paletó marrom, camisa e calças brancas. Normalmente, os alunos só precisavam usar o blazer marrom da Waverly com qualquer coisa que

quisessem por baixo, mas para a primeira reunião do ano na capela todos tinham que vestir gravata, inclusive as meninas. O meio-nó Windsor de Jenny estava todo calombento. Ela suspirou. O pai só tinha uma gravata, cheia de teias de aranha. Ela nunca perguntou, mas ele provavelmente a possuía desde que *ele mesmo* estava no segundo ano do secundário.

Eles se reuniram para o discurso oficial de início de ano letivo do reitor Marymount antes do primeiro jantar oficial que congregava todo o *campus*. A capela estava apinhada e cheirava a ce-cê e o chulé de adolescente.

Na noite anterior, ela acordou Heath o suficiente para depositá-lo na escada da frente do Richards, depois ela se arrastou de volta ao Dumbarton, exausta. No meio da noite, ou Brett ou Callie tinha desligado o rádio-relógio de Jenny para usar a tomada para carregar o celular. Por sorte, os sinos da capela a acordaram, e assim ela pôde chegar aos testes de hóquei a tempo. Toda aluna da Waverly tinha de praticar um esporte e Jenny decidira pelo hóquei, uma vez que parecia o esporte de internato mais tradicional a jogar. Ela pretendia jogar lacrosse na primavera pelo mesmo motivo. Jenny nem tinha bastão de hóquei, mas a treinadora de cara de buldogue, Alice Smail, encontrara um bastão Cranberry sobrando para ela na sede e Jenny logo descobriu que era uma jogadora nata em campo.

— Você tem *certeza* de que não jogou na sua escola? — perguntou a treinadora Smail a ela. Como se Jenny pudesse ter se esquecido. A meio-campo de seu time, Kenleigh, que Jenny vira na festa da noite anterior, murmurou um “Boa jogada” enquanto Jenny trotava de volta às linhas laterais. Tal-

vez ela até passasse para o time universitário!

— Este ano, temos alguns novos membros no corpo docente que gostaria de apresentar — anunciou o reitor Marymount. Jenny olhou o relógio. Eles já estavam ali há quarenta minutos, cantando o hino oficial da Waverly e o hino desportivo da Waverly, recitando a oração da Waverly a São Francisco e aplaudindo enquanto Marymount apresentava os monitores da escola, que eram como os presidentes de cada turma. Jenny estava morrendo de fome.

— Primeiro, um ex-aluno de Waverly e recém-formado na Universidade Brown, o Sr. Eric Dalton. O Sr. Dalton será o novo professor de história do primeiro e do terceiro anos e orientador do Comitê Disciplinar. Ele também é o novo assistente de treinador da equipe masculina de remo. Seja bem-vindo. — Todos aplaudiram obedientemente.

Jenny espiou Brett, duas filas à frente, obrigada a ficar de pé e acenar para a turma porque era monitora do primeiro ano. Jenny ficou olhando enquanto Brett cutucava a morena ao lado dela e murmurava as palavras *Ai meu Deus*.

— Gostaria de estender calorosas boas-vindas a todos os novos calouros e alunos... A Waverly é sua nova casa e nós somos sua nova família — continuou Marymount. — E por fim... Aproveitem o jantar!

A multidão explodiu em aplausos e apupos enquanto saía da capela e atravessava o grande gramado na direção do salão de jantar. Jenny arfou quando entrou. O salão parecia o interior de uma antiga catedral inglesa. As paredes eram revestidas de telas clássicas datando de 1903 e tinha um monte de fotos de Maximilian Waverly, o fundador da escola.

Os alunos zanzavam por ali, beijando-se e trocando cumprimentos. Jenny não sabia bem o que fazer. Onde devia se sentar?

— Está meio doido aqui, né?

Jenny se virou, esperando que fosse Heath, finalmente dando o ar da graça; mas ao lado dela estava o garoto com o cavalete que ela vira no gramado no dia anterior ao passar com Yvonne. Easy. Pelo menos, era o nome que ela pensava que Yvonne havia dito.

O cabelo dele era tão castanho que era quase preto e os olhos eram de um azul profundo. Ele vestia uma camiseta surrada com a silhueta amarela de uma ferradura por baixo do blazer da Waverly. Uma camiseta meio chique, vendida na Barneys por 65 dólares, mas nele parecia decididamente descolada. A voz dele era grave, com um sotaque que ela não conseguiu reconhecer.

— É, é meio doido — concordou Jenny. Ela deu um passo para o lado para deixá-lo passar. Um caderno de desenho Smythson of Bond Street estava pendurado em sua bolsa de lona. Uma única folha de papel de olhos, narizes e bocas desenhadas estava presa na capa. — Aí, está estudando retratos?

— É, estou. E você?

— Ah. Humm, eu também. — Silenciosamente, Jenny tentou se recompor. *Você agora é a Nova Jenny*, ela lembrou a si mesma.

— Legal. — Easy bateu a mão na de um colega que acabara de passar por ele. — Então a gente se vê. — Ele sorriu para Jenny.

— Ei — chamou uma voz conhecida de trás dela. Ela se virou e sorriu para Brandon, que estava ainda mais gracinha e mais arrumadinho do que ontem — como se isso fosse possível, com o blazer marrom da Waverly e gravata listrada. — É um jantar formal. Os lugares são marcados. Você está na minha mesa.

— Ah. Obrigada. — Jenny sorriu graciosamente e o seguiu pelo salão de jantar abarrotado. — E aí, humm, quanto tempo durou a festa ontem à noite?

— Ah, o de sempre. — Os olhos de Brandon voltaram-se para o chão. — Eu praticamente não vi você lá. Foi para casa cedo?

Jenny mordeu o lábio inferior.

— Humm, é.

Eles chegaram a uma mesa já ocupada por dois alunos: um garoto muito alto com um piercing no nariz e uma menina muito alta cujo rosto anguloso, largo, de olhos castanhos separados e cabelo castanho basto anunciavam aos gritos a boa família de que provinha.

— Este é Ryan Reynolds e esta é Benny Cunningham.

— Eu te vi na festa ontem à noite. Meu nome é Jenny. — Ela sorriu para Benny.

— É verdade — Benny assentiu, lançando um olhar malicioso para Ryan.

Jenny tirou o quente casaco de lã da Waverly e o colocou na cadeira.

— Não pode fazer isso — sibilou Benny. — Os professores vão pirar.

— Ah. — Jenny rapidamente vestiu o casaco de novo. Ela

olhou a sala; a maioria dos alunos estava sentada a suas mesas vestida no blazer.

— Procurando por Heath? — soltou Benny. Ryan lhe deu um cutucão.

— Ah. — Jenny sacudiu o guardanapo marrom, esperando que seu rosto não estivesse da mesma cor. — É. Ele estava... ele estava meio... cansado ontem à noite. Tive que ajudá-lo a ir para casa.

— Você quer dizer doidão — Ryan riu. — Aliás, Brandon, está psicologicamente preparado para o Sábado Negro? — perguntou ele, furando a antiga mesa de madeira com a faca.

— O que é o Sábado Negro? — perguntou Jenny, curiosa.

— Não fique muito animada — Brandon riu. — É quando todas as equipes esportivas do St. Lucius vêm à Waverly e fazemos uma batalha campal. Os times levam isso muito a sério, porque a gente tem que odiar demais o St. Lucius. É outra tradição. Está jogando hóquei, não é?

— É. — Jenny sorriu. Ela nunca havia participado de um time antes. — Os testes foram hoje.

— Bom, o time feminino de hóquei joga junto com os times de futebol comum e de futebol americano. Mas aí, quando acaba, a galera das duas escolas comemora como astros do rock em um local secreto que só é revelado no dia.

— O Heath costuma dar a festa — disse Benny, fechando novamente a pulseira Tiffany de prata no pulso. — Mas talvez ele já tenha te dito isso.

Garçons com camisas brancas engomadas e calças de prega de flanela cinza baixaram travessas grandes e brancas carre-

gadas de salmão grelhado marinado em wasabi. Isto era bem melhor do que a lasanha experimental de cordeiro-e-abacaxi flambada na vodca do pai.

— Ai, meu Deus. O cheiro é *delicioso*. — Jenny pegou o garfo e tirou um pedaço enorme. — *Hummm!*

— Cara, você está comendo o salmão?

Um menino pôs os cotovelos na mesa ao lado da dela. Heath. *Até que enfim*.

— Oi. — Ela cobriu a boca cheia com a mão.

— Ninguém come o salmão — zombou Heath. Não havia o menor sinal da energia amorosa de você-é-uma-deu-sa-do-sexo que ele demonstrou na noite anterior.

Os olhos de Jenny se arregalaram. Ela olhou os pratos dos outros e, sem nenhuma dúvida, ninguém mais na mesa tocara no peixe.

— Por quê? Tem alguma coisa errada com ele?

Brandon virou-se para ela.

— Não... Ele é ótimo. As pessoas só... não comem. Não sei por quê. É, tipo assim, um *troço aí*.

— Jenny? — Alguém lhe deu um tapinha nas costas. Ela se virou e viu Yvonne, a menina que a acompanhara até o Dumbarton na véspera. Fivelas em formato de borboleta feitas de tartaruga prendiam mechas do cabelo louro escorrido nas costas, e seus olhos azuis-claros estavam tão parvos e malucos quanto ontem. — Posso falar com você? — Yvonne olhou nervosa para os outros na mesa. — No corredor?

Ryan e Benny trocaram outro olhar malicioso. Jenny deu de ombros e colocou o guardanapo no peixe. *A Nova Jenny não se deixa perturbar com facilidade*, disse ela a si mesma. Então,

e daí que ninguém comesse peixe? A Nova Jenny fazia o que queria!

Yvonne levou Jenny até a entrada da frente do salão de jantar.

— Espero que não seja sobre o grupo de jazz — declarou Jenny de cara. — Porque eu meio que não estou nada interessada. Sou basicamente surda para música.

— Não, não é isso. Eu, humm, ouvi umas coisas sobre você e achei que você devia saber.

— Hein? — Jenny prendeu a respiração. Ela já ouvira antes o discurso achei-que-você-devia-saber e quase sempre se tratava do que ela não queria saber.

— Todo mundo está trocando torpedos sobre você.

— Como é? — Jenny disse rapidamente.

Yvonne respirou fundo.

— Estão dizendo que você era stripper e tirava as roupas por, tipo assim, um dólar. E que você é tipo uma lenda do sexo em Nova York. E, er, que você já dormiu com alguém daqui da Waverly.

— Como é?! — guinchou Jenny. De repente o corredor parecia escuro e cheio de brumas. — Com quem?! Quer dizer, quem disse isso?

Yvonne olhou para baixo.

— O menino que estava na sua mesa. Heath Ferro. Não sei se você já o conhece, mas ele...

Jenny viu uma névoa vermelha diante dos olhos. Heath.

— Não acredito nisso.

— *Eu* é que não acredito nisso — protestou Yvonne, agitando a mão em círculo.

— Obrigada — gritou Jenny.

— Agora eu tenho que ir. Desculpe. — Yvonne se virou e disparou porta afora.

Jenny se recostou na parede, sentindo-se tonta e desorientada. *Heath*. Todo seu corpo tremia de pavor e raiva. Será que Heath arruinara sua carreira no internato antes mesmo que ela começasse?

Brandon apareceu na porta em arco, a testa franzida de preocupação.

— Você está bem?

— Tenho que... — Jenny girou antes de poder terminar a frase, voando do salão de jantar. Ela disparou pelo gramado verde e úmido, querendo poder alçar vôo como um daqueles corujões gordos. Os prédios antigos da Waverly assomavam dos dois lados, as janelas iluminadas. O pedaço de salmão se rebelou em seu estômago e Jenny reduziu o passo. Ela queria vir para o internato para começar do zero, tornar-se a garota que sempre quis ser, ser uma versão nova e incrível de si mesma. Mas isso seria muito mais difícil do que ela pensava.



OwlNet

Caixa de Mensagem Instantânea

EasyWalsh: Estou aqui fora. Vê se tá tudo limpo.

CallieVernon: Peraí.

CallieVernon: OK, acabo de colocar a orelha na porta da Angelica e ouvi a TV. Alta. Parece bom.

EasyWalsh: Legal. Te vejo daqui a pouco.

UMA BOA MANEIRA DE CONHECER UM
WAVERLY OWL: DESCUBRA DE QUE COR
É A CUECA SAMBA-CANÇÃO DELE.

— Você está *fedendo*.
Jenny acordou sobressaltada. Onde ela estava?
Ah, sim. Na Waverly. No quarto dela.

— Eu falei a sério, você está fedendo mesmo. Andou bebendo? — sussurrou alguém.

Será que Callie estava falando com ela dormindo? Jenny a ouvira entrar; felizmente, foi logo depois de ela parar de chorar no travesseiro. Ela tirou a roupa no escuro, disse “boa noite” e se aninhou debaixo das cobertas.

— Eu não estou bêbado — disse outra voz arrastada. Uma voz de homem.

— Bom, você está fedendo a vodca. Eca.

— Adoro quando você diz que estou fedendo — disse o

cara.

— Shhh. A Pardee vai ouvir.

Jenny se encolheu ainda mais debaixo do cobertor. A voz parecia um tanto conhecida. E quem quer que fosse estava mesmo fedendo — Jenny podia sentir um cheiro vagamente alcoólico, embora as janelas estivessem escancaradas e a brisa fria da noite entrasse no quarto.

— Bom, seria legal, Easy, se você *não* fedesse, porque então eu não teria que sentir esse gosto na sua boca.

Easy?

O estômago de Jenny desabou. Quantos Easys existiam nessa escola?

— Tem certeza de que não tem ninguém aqui? — perguntou ele.

— Está vendo alguém aqui? — sibilou Callie.

Jenny ficou enrolada feito uma bola. Callie a havia visto ali. Até desejou boa-noite a ela! Jenny queria deixá-los a sós, mas se levantar e fazer barulho agora seria muito deselegante. E se Easy a visse? Jenny tinha certeza de que a quedinha que tinha por ele brilharia nela, como se sua cara fosse um colete fluorescente do campo de hóquei. E pensar que ela de cara ficara a fim do namorado da colega de quarto! A Velha Jenny ataca novamente.

Seus olhos se adaptaram ao escuro e ela espiou de sob o cobertor. A cama de Callie ficava a menos de 1,50 metro. Houve um lampejo de pele nua à luz da lua.

— Camisinha — Jenny ouviu Callie cochichar.

Uma pausa. Depois a voz de Easy.

— Sério? Onde?

— Gaveta de cima.

Jenny ouviu um remexer no escuro. Depois uma luta e cobertas, e *tump!* Easy estava com metade do corpo no chão. Ele tentou manter o equilíbrio, mas segurou na mesa de cabeceira e terminou arrastando a mesinha com ele. Fez um barulhão terrível. Uma caixa de camisinhas Lifestyle Extra Lubrificada cuspiu para fora, junto com um vidro grande de loção hidratante para pele seca Lubriderm e um pacote de canetas Bic escrita fina.

Jenny se levantou da cama, encarando o corpo nu e esparramado de Easy.

— E aí — grunhiu Easy, sorrindo para ela. — Eu conheço você.

— Ih! — Jenny se enfiou de volta ao cobertor.

— Callie, você disse que não tinha ninguém aqui — sussurrou Easy meio alto.

Callie chutou o colchão, com raiva.

— Isso é ridículo — suspirou ela e saiu da cama. Jenny espiou de sob o cobertor e viu a silhueta do corpo pequeno de Callie. Ela estava com sutiã rosa com um jacaré da Lacoste bordado na alça. Onde estava a Brett, aliás? Callie olhou para o amontoado que era Jenny debaixo do cobertor.

— Desculpa, Jenny. — Ela deu de ombros, depois foi até Easy, pisando na mão dele ao seguir para a porta.

— Aaai! — ele gritou de dor. — Aonde você vai?

— Ao banheiro. — Callie deixou a porta aberta e o quarto se encheu da luz fluorescente do corredor. Jenny se enterrou mais fundo debaixo das cobertas, mortificada. *Ela está nos deixando sozinhos?*, perguntou-se, apavorada.

Ela ouviu Easy se sentar, estalar o pescoço, depois fungar.

— E aí, Jenny é a forma abreviada de Jennifer?

— Bom, é — resmungou Jenny, ainda aninhada nas cobertas.

— Não queria te deixar desconfortável, Jenny — continuou ele.

— Não tem problema — murmurou ela no travesseiro. Tinha cheiro de terra e calor, como a casa dela no Upper West Side. Ela ficou feliz por tê-lo trazido, mas de repente provocou tanta saudade de casa que ela quase explodiu em lágrimas.

— Pode parar de se esconder. Eu estou vestido.

Jenny espiou com um olho por cima do cobertor. Easy tinha vestido a cueca, mas era só. A barriga dele era lisa e musculosa. E a cueca samba-canção tinha um padrão de veleiro que a lembrou do catálogo da J. Crew. Ela fechou os olhos.

Estava sufocante de quente debaixo das cobertas. Ela se sentou um pouco, esperando que Callie voltasse a qualquer momento e levasse Easy para algum lugar para que ele não tivesse tempo de ver os olhos inchados e o cabelo amaranhado de Jenny. Ela nem podia imaginar como estaria sua aparência agora, em especial se comparada à de Callie.

Mas ao que parecia, Easy não se importou. Ele saiu do chão e se sentou na beira da cama de Jenny. Se ela não estivesse totalmente aturdida, podia ter dado espaço para ele. Mas ela ficou imóvel. Ele estava apertado junto dela.

— Eu estava me perguntando quando é que a gente ia se conhecer direito — murmurou ele tão baixinho que Jenny mal conseguiu ouvir.

— O quê? — perguntou Jenny, embora tivesse ouvido muito bem.

— Nada. — Easy olhou para cima. — Ah. As Sete Irmãs.

— Quê?

— A constelação. — Easy apontou para as estrelas de Starfix velho que alguém tinha colado no teto anos antes. — Mas a olho nu só seis estrelas são visíveis.

— Ah. — Jenny não sabia como responder, não só ao que Easy acabara de dizer, mas a esta situação e *ponto final*. Seu gato dos sonhos estava sentado na cama dela. A Velha Jenny ficou totalmente apavorada. A Nova Jenny estava praticamente vibrando. Misturadas, as duas Jennys ficaram imóveis e de língua colada.

Ela olhou o contorno dos pés compridos e atléticos de Easy. O segundo dedo de cada pé era mais comprido do que o primeiro. Isso era um sinal de novo? Peraí. *O que é isso?* Era a mão dele nas costas dela?

Tá legal. Estava tudo errado. Onde estava a Callie, afinal? Isso era muito errado. Jenny sabia que devia afugentá-lo. Mas ela simplesmente... *não conseguia*.

— Er, você entende muito de constelações? — perguntou ela.

Easy movia a mão lentamente, o polegar passando na base da coluna de Jenny. *Errado, errado, errado!*

— Não há muito mais a se fazer em Lexington à noite. — Ele suspirou. — A não ser que você que iria subir na caixa d'água ou atirar bosta nos trilhos do trem.

— Eu sou de Nova York — sussurrou Jenny, mordendo uma mecha do cabelo para evitar que os dentes batessem de

nervosismo. — Mas você já deve saber disso.

— Hein?

— Você deve saber — ela se mexeu, o rosto ficando quente. Era apavorante pensar que ele já ouvira coisas, coisas vulgares, a respeito dela.

— Nada. Não sei de nada. Você é famosa?

— Eu... — Ela deu um pigarro. Como Yvonne podia saber das fofocas sobre ela e esse cara lindo, não? — Não. Acho que não.

— Bom, isso é péssimo. — Easy sorriu. — E eu aqui pensando que estava na presença de uma celebridade.

Jenny sentiu a mão dele nas costas dela de novo. Estava quente através do lençol.

— Meu Deus!

Jenny e Easy se viraram rapidamente. O Sr. Pardee. O marido da diretora do alojamento, que por acaso também era o professor de francês mais babaca da Waverly, tinha aberto a porta completamente. Jenny viu um bilhete rabiscado em seu quadro branco: *Fui estudar no quarto da Benny — Brett*. O Sr. Pardee estava vestido no moletom com capuz do futebol da Waverly e uma calça de pijama vermelha quadriculada. O cabelo castanho meio desgrehado estava eriçado em calombos de gel e o pequeno brinco de prata brilhava na luz implacável do corredor.

Easy rapidamente pulou da cama de Jenny, vestiu os jeans e pegou a camisa.

— Cara. — Ele foi direto ao Sr. Pardee. — Eu não estive aqui.

— Você não esteve... Como é? — disse o Sr. Pardee, pis-

cando furiosamente.

— Você não me viu.

— Easy, eu *estou* te vendo. — Pardee parecia que estava tentando se convencer. — Você já usou essa fala comigo antes.

— Não — respondeu Easy. — Eu não estive aqui. — E disparou para o corredor.

— Espere... Aonde está indo? — gritou o Sr. Pardee. Mas era tarde demais. Ele sacudiu a cabeça e se virou para Jenny. Sem saber exatamente o que fazer, ela não se mexera. O Sr. Pardee podia ser o marido da diretora do alojamento, mas Jenny ouvira dizer que também era um drogado total. Supostamente, ele só se formou nas provas de francês depois de fumar um ou dois baseados.

Quem sabe ele não está chapado demais agora até para saber o que está acontecendo?

— Isso não foi legal. — O Sr. Pardee arrotou um pouco. — Os meninos só têm permissão para vir a este alojamento no horário de visita.

— Eu sei, mas... — gaguejou Jenny.

— Cara. — O Sr. Pardee estava encarando as camisinhas no chão. Ninguém se incomodara em pegá-las ainda. — Isso não parece bom.

— O que está acontecendo? — Callie estava parada na porta, bem atrás dele.

— Vou ter que reportar isso — anunciou o professor através de um bocejo de chapado. — Quer dizer, a Angelica terá que...

— Não, espera! — pediu Jenny. Ela não podia se meter

em problemas no primeiro dia de aula.

— Oi-ê! — repetiu Callie. — O que está acontecendo?
— Jenny percebeu que o Sr. Pardee olhava o pedaço de pele entre o short de cintura baixa American Apparel de Callie e a camisetinha amarrotada Only Hearts. O jacaré no sutiã espiava por seus buraquinhos.

— Easy estava aqui — declarou ele categoricamente.

— Easy?! — Callie respondeu num tom de voz chocado, como se o Sr. Pardee tivesse dito *eu vi uns macacos tomando cerveja!*

— Onde você estava? — perguntou Pardee.

Callie fez uma carranca e revirou os olhos.

— Eu estava na biblioteca. Acabei de voltar.

Jenny a encarou, incrédula. Pardee pareceu aceitar essa história, embora fosse o meio da noite e Callie estivesse praticamente nua, sem sapatos e não tinha mochila nem livro nenhum com ela.

— Então o que Easy estava fazendo aqui? — Callie olhou para Jenny como se dissesse, *Nem pense em foder com tudo.*

O Sr. Pardee ergueu uma sobrancelha.

— E então?

Uma expressão de suspeita e mágoa toldou a cara de Callie. Foi uma atuação digna de um Oscar.

— Estava acontecendo... *alguma coisa?*

O Sr. Pardee arrastou os pés.

— Eles estavam na cama juntos.

— Mas não estávamos *fazendo* nada! — defendeu-se Jenny.

— Então por que parece que uma caixa de camisinhas tamanho jumbo explodiu por aqui? — quis saber o Sr. Pardee.

Callie revirou os olhos.

— Não acredito nisso. Sua vagabunda! — gritou ela para Jenny, puxando a camiseta, de frustração, para expor a barriga. O Sr. Pardee encarou faminto a barriga tonificada pelo hóquei. Callie balançou as sobrancelhas para Jenny. *Continua*, murmurou ela.

Os olhos de Jenny se arregalaram. Ela não ia deixar que Callie pusesse a culpa nela por isso!

— Sr. Pardee, isso é um grande mal-entendido — alegou Jenny, sem se importar que sua voz estivesse virando um relincho. — Eu realmente não estava fazendo nada!

Mas o Sr. Pardee deu de ombros.

— Vamos descobrir isso no CD.

— O quê? — disse Jenny.

— Comitê Disciplinar, sua *puta* — cuspiu Callie.

— Callie, chega! — exigiu o Sr. Pardee. — Jenny, sabe quem é seu orientador?

— É, humm, o Sr. Dalton? — Pelo menos era o que dizia a carta de boas-vindas à Waverly que fora mandada ao senhor Jennifer Humphrey.

— Muito bem. Ele é novo. Tudo bem. Vou relatar à sala do Sr. Dalton no Stansfield Hall às nove da manhã. Não tenho certeza de que sala ele ocupa, mas vou ver o mapa no primeiro andar. Ele vai avaliar sua situação antes que chegue ao CD. — Ele mexeu no brinco. — Entendeu? Ótimo. Agora tenho que encontrar o Easy...

Quando teve certeza de que ele foi embora, Callie fechou a porta e soltou um suspiro enorme.

— Ai, meu Deus. Foi por pouco.

— *Putá?* — A voz de Jenny tremia.

— Desculpe por isso — suspirou Callie, sentando-se na cama e encarando Jenny com os enormes olhos castanhos. — Eu precisava ter certeza de que o Sr. Pardee acreditava que eu estava irritada...

— Bom, ele acreditou em tudo mesmo.

Callie deu de ombros.

— Não é grande coisa.

Jenny esfregou a cara.

— Não é grande coisa? Vou ter que aparecer perante... um comitê! O que está rolando aqui, afinal?

Callie se curvou e pegou um dos pacotes de camisinha.

— Você é nova, é mulher e eu soube que é inteligente. Eles vão pegar leve com você. — Ela esfregou o pacote quadrado entre os dedos. — Talvez você possa usar suas ligações com os Raves.

— Do que você está falando? — Será que Callie estava sendo sarcástica? Jenny nunca contou nada a Callie sobre os Raves. E o que o Comitê Disciplinar ia fazer com ela? Coloca-la para catar lixo no Hudson de snorkel? E se isso fosse para seu histórico?

— Olha aqui — começou Callie. — A Brett é do comitê. Ela vai tratar de livrar a sua cara. Se eu fosse pega com o Easy, eles iam me expulsar. Eu já fui flagrada fazendo umas coisas aqui.

— Ah, sim? — disse Jenny, curiosa.

— É, eu já tive, tipo assim, duas advertências. Na terceira, você está fora.

— Ah. — Jenny se sentiu meio aliviada. Então essa era

sua primeira advertência. Não era assim tão ruim.

— Ia ser uma droga *de verdade* se eu fosse expulsa. — Callie abriu o pacote de camisinha com a unha. — Meus pais me mandariam para uma escola pública em Atlanta. A galera contrabandeia armas e latas de Miller Lite pelos detectores de metal de lá. E todo mundo só fala na NASCAR. Até as meninas! — Ela olhou para Jenny. — Dá para me imaginar na NASCAR?

Callie era linda demais para ir para uma escola pública. Depois Jenny se conteve, lembrando-se de que não devia ficar toda puxa-saco com uma garota mais velha, como a Velha Jenny ficava com Serena van der Woodsen na Constance. Ela fechou os olhos e se obrigou a parar. *Nova Jenny, Nova Jenny, Nova Jenny.*

Callie tirou a camisinha amarela e inseriu o indicador na abertura.

— Preciso atravessar esse ano sem ser pega.

Jenny suspirou, resignada. Ela adorava tudo na Waverly — o ar silvestre, os prédios de tijolinhos no estilo Nova Inglaterra, que os professores usassem blazer na aula e em geral tivessem o título de doutorado, até o salmão wasabi suculento que todo mundo evitou. Ela queria remar no rio, conhecer meninos de outras escolas preparatórias e voltar a Manhattan triunfante, porque ela agora era uma aluna de internato. Ela não queria ferrar com tudo já de saída, e no entanto aqui estava ela de novo, a mais falada garota do *campus* e já metida em encrenca antes que as aulas sequer tivessem começado.

Callie girou a camisinha no dedo.

— Vai ficar tudo bem — garantiu ela a Jenny. — É sério.

Eles vão te mandar para o estudo restrito. Ou proibir as visitas. Mas a Brett é do CD. — Ela sorriu com doçura como se dissesse: *Eu vou ser sua melhor amiga para todo o sempre se você me ajudar a sair dessa.*

— Não sei não. — Jenny cruzou as mãos no colo. Da mesma forma que queria ser amiga de Callie, ela não queria ter problemas. — Vou ter que pensar no assunto.

— Eu entendo totalmente! Leve o tempo que quiser! Pense nisso! Mas você não vai ter problemas. Não é nada, *realmente* não é grande coisa.

— É, mas... — Jenny mordeu o lábio. — Não sei...

Callie saiu da cama, disparou para o closet e abriu a porta.

— E olha aqui... Para sua reunião com o orientador amanhã, você vai precisar ficar o mais profissional possível. Quer alguma coisa minha emprestada? É sério. Qualquer coisa. — Ela passou a mão pelo trilho de lindas roupas de grife perfeitamente bem-passadas.

— É mesmo? — Jenny se levantou e olhou o closet de Callie com ela. O peso da situação aos poucos começava a ceder. Será que Callie teria lhe oferecido alguma coisa de seu armário antes que o Sr. Pardee pegasse Easy no quarto? De jeito nenhum. Jenny sentiu um afluxo estranho e arrojado de poder, um jorro tão forte que meio que a assustou.

— É sério. O que eu puder fazer. Esse ano vai ser o melhor de sua vida — disse Callie entusiasmada.

Jenny pegou um vestido preto e macio DKNY do cabide de cetim branco e o segurou diante do corpo. O melhor ano da vida dela? Ela podia mesmo ter um ano assim...



0w1Net

Caixa de Mensagem Instantânea

HeathFerro: E aí, eles transaram mesmo?? Deu pra vc ouvir pela parede?

EmilyJenkins: Estava tão ALTO que tive que colocar minha sound machine com ruído de trânsito para bloquear o barulho!

HeathFerro: Eles estavam batendo na parede?

EmilyJenkins: Total. Não dormi nada.

HeathFerro: Legal.



0w1Net

Caixa de Mensagem Instantânea

SageFrancis: Vc sabia que umas calouras estão desenhando pôneis nos quadros de aviso? Elas nem conhecem H. Só acham que é legal fazer isso!

AlisonQuentin: H está ficando sem opções... Deve passar para as calouras da próxima vez...

UMA BOA WAVERLY OWL OLHA
OS SUPERIORES NOS OLHOS.

Na manhã seguinte, Jenny estava perto dos armários, olhando o quarto silencioso e banhado de sol. Era apenas quinta-feira, o primeiro dia de aula, mas o quarto já parecia usado há muito: livros e papel por toda parte, roupas empilhadas pelo chão, maquiagem, vidros de xampu e de esmalte espalhados em cima das mesas ao lado de monitores de tela plana, pilhas de cadernos e livros didáticos, pacotes fechados de marcadores luminosos e uma grande planta oscilando no peitoril estreito da janela. Jenny tinha chegado há quase dois dias, mas ainda não sentia que estava no quarto *dela*, uma vez que mal teve um momento a sós nele. A cama de Brett estava vazia — ela entrou de mansinho depois de toda a comoção da noite passada e deve ter acordado cedo. Havia uma marca no colchão onde seu corpo estivera. Callie ainda dor-

mia profundamente, enroscada em posição fetal.

Jenny passou a mão em uma pilha de cardigãs de *cashmere* macios de Callie. Todas as roupas de Callie eram lindas, mas nesta manhã Jenny se sentia estranha para pegar alguma emprestada. Em vez disso, ela vestiu a própria saia cáqui brilhante Banana-Republic-mas-que-parecia-Theory, a única blusa Thomas Pink e sapatilhas de balé rosa-bebê Cynthia Rowley. Ela pôs o blazer da Waverly e avaliou o visual. Definitivamente Inocente.

Jenny foi para o corredor na ponta dos pés e fechou a porta do quarto depois de sair. Ao lado do recado de Brett sobre estudar no quarto de Benny, alguém tinha escrito SALVE A TINSLEY! em grandes caracteres magenta no quadro de avisos pendurado na porta. Também havia um desenho do que parecia um pônei pequeno no canto inferior. Andando pelo corredor, ela percebeu que alguns quadros de outras meninas também tinham o desenho do pônei pequeno. O internato estava se revelando uma pintura de Chagall — cheio de brincadeiras, jogos mentais e mistérios.

Jenny seguiu pelos antigos caminhos de paralelepípedo que serpenteavam pelo *campus* da Waverly em direção ao Stansfield Hall, uma enorme estrutura de tijolos aparentes que abrigava os escritórios da administração e algumas salas de aula. Poucos alunos já estavam acordados, mas a turma de manutenção cuidava do campo de futebol e dos jardins. O ar tinha cheiro de grama recém-aparada.

Dentro do Stansfield Hall, havia intrincados frisos de gesso representando videiras trepadeiras e flores nas paredes, vitrais na escada e gravuras nos corrimões de madeira. Jenny

subiu a escada para o terceiro andar e foi até o final de um corredor imponente com piso de mogno. Uma placa de bronze na porta fechada da sala dizia ERIC DALTON. Lá dentro, Jenny ouviu risos e deu um passo para trás.

— Já ouvi essa antes — ela ouviu uma voz de mulher dizer. — Todo professor de inglês desde a quarta série me disse que eu tenho o mesmo nome da mulher de *O sol também se levanta*.

— Lady Brett Ashley — disse a voz de homem. — Ela era uma encrenqueira.

— Bom, então é do nome — Jenny ouviu Brett responder numa voz de quem estava paquerando.

— Mas, humm, olha, temos que conversar com aquela aluna, então não vamos conseguir tratar de algumas coisas da administração que eu queria discutir. Está livre para almoçar hoje? Podemos lidar com isso depois.

— Acho que sim — respondeu Brett. — Eu te encontro aqui?

Jenny bateu na porta. Ela ouviu um remexer de papéis e o bater de copos.

— Entre — gritou o Sr. Dalton. Jenny entrou na sala, que estava abarrotada e uma bagunça. Brett estava sentada na beira de um sofá de couro marrom, as mãos cruzadas no colo, parecendo empertigada e inocente demais.

O Sr. Dalton se sentou em sua cadeira à mesa e mexeu nuns papéis.

— Jenny, não é? Sente-se, por favor. — Ele fez um sinal para o sofá. Jenny se sentou o mais distante que pôde de Brett. — Esta é a Brett — continuou ele. — Ela é do Comitê Disci-

plinar e está me ajudando com umas coisas da administração.

— É, ela é minha...

Brett se virou para o Sr. Dalton.

— A Jenny e eu já nos conhecemos. Nós duas moramos no Dumbarton.

É, no mesmo quarto. Jenny se perguntou por que Brett não disse que elas eram colegas de quarto.

Dalton sorriu.

— Ah, bom, então tudo bem. Brett está me ajudando aqui com alguma questões do CD e, como membro do CD, está ajudando a cuidar deste caso. — Ele deu um pigarro. — Então, Jenny, eu sou seu orientador e também estou reunindo informações gerais sobre o caso CD, então vamos matar dois coelhos numa cajadada só. — Ele folheou mais alguns documentos como se pudesse absorver o que estava escrito sem sequer lê-los.

Jenny percebeu que Brett não estava usando o blazer da Waverly, mas um lindo top de seda berinjela e uma saia de lã preta na altura dos joelhos. Em seus pés havia sandálias Marc Jacobs de tira. As pernas compridas e magras estavam cruzadas sensualmente e voltadas para o Sr. Dalton.

O Sr. Dalton se empoleirou no canto da mesa com um bloco tamanho ofício na mão.

— Tudo bem, então, o que aconteceu ontem à noite? Soubemos que você estava no seu quarto com um rapaz chamado Easy Walsh. O Sr. Pardee disse que vocês estavam deitados na cama juntos. É isso?

— Bom, o caso é o seguinte — respondeu Jenny com humildade. Ela ficou acordada a noite toda pensando qual seria

a melhor opção: confirmar a suspeita dos alunos da Waverly de que ela era uma tremenda puta ou fazer inimizade com a colega de quarto. — Eu não... Eu não acho que esteja pronta para contar o que aconteceu ao senhor.

O Sr. Dalton ergueu uma sobrancelha.

— Oh?

— Quer dizer, eu tenho que fazer uma declaração bem agora? Ou posso esperar até que, sabe como é, tenha uma audiência de verdade? Porque não estou preparada para falar agora.

— Bom, tecnicamente, você não precisa me contar nada — admitiu o Sr. Dalton, a caneta postada acima do bloco. — Mas, como seu orientador, gostaria de *sentir* que você pode falar comigo.

— Eu não estou preparada. Eu...

— O que quer dizer com não estar preparada? — interrompeu Brett, descruzando as pernas e olhando para Jenny. Seu cabelo parecia ainda mais vermelho quando ela ficava com raiva.

Jenny fechou a boca com força e deu de ombros. Estava com medo de falar.

Brett examinou Jenny criticamente. A blusa listrada de rosa e branco era apertada demais no peito e seu rosto estava todo rosado, como se tivesse atravessado o campo correndo.

Brett tinha chegado tarde na noite anterior, depois do flagra do Sr. Pardee, mas Eric a colocou a par quando ela chegou à sala dele de manhã — não que Brett realmente acreditasse na versão de Pardee. Era totalmente idiota da parte de Jenny não dizer alguma coisa para tirar Easy e ela de problemas. Coitada

da Jenny. Ela era a escada perfeita para Callie. Meu Deus, a Callie era uma cretina.

Jenny percebeu Brett examinando-a como se ela fosse um espécime biológico em uma lâmina de vidro. Ela sentiu o rosto arder. *Eu sou a Nova Jenny, eu sou a Nova Jenny, eu sou a Nova Jenny*, repetiu ela para si mesma, enchendo-se de coragem.

— Bom. — O Sr. Dalton esfregou as mãos. — Acho que se você não quer dizer nada agora, certamente não precisa. Mas será que há outra pessoa no corpo docente com quem você se sinta mais à vontade para falar?

Jenny deu de ombros novamente, impotente. Hoje era o primeiro dia de aula. Ela ainda não tinha conhecido os professores.

— Então, tudo bem — continuou o Sr. Dalton. — Obrigada por vir aqui, Jenny. Acho que vamos ter um julgamento na semana que vem. Que tal na segunda?

— Sim, está ótimo — respondeu ela num tom neutro. — Humm, obrigada. — Ela olhou para Brett ao sair da sala do Sr. Dalton, esperando um sorriso de estímulo, mas Brett estava examinando as pontas do cabelo vermelho-bombeiro, parecendo totalmente entediada.

Jenny fechou a pesada porta de carvalho depois de sair, perguntando-se se foi realmente uma idiotice dizer que não estava preparada para declarar nada. O que era isso, *Law & Order: Colégio Interno*?

De repente, ela estava cara a cara com Easy Walsh, parado do lado de fora da sala do Sr. Dalton, esperando para entrar. Assim que seus olhos se cruzaram, o coração dela começou a disparar.

Ela ficou tão absorta com a possibilidade de ter problemas e possivelmente ser considerada a maior puta da Waverly que tinha empurrado para o fundo da mente a pequena sessão íntima de afagos dos dois. Agora ela se lembrava da agradável sensação de calor do corpo de Easy ao lado do dela.

— Oi. — ela engoliu em seco rapidamente.

— Hein? — Easy olhou para ela inexpressivamente, os olhos azuis caídos e parecendo cansados. Ele vestia uma camiseta amarela esfarrapada que dizia LEXINGTON ALL-STARS. — Ah! — Ele arregalou os olhos.

— Humm, como vai? — insistiu Jenny timidamente.

— Eu... — ele oscilou para a esquerda, os olhos ainda arregalados. Um forte cheiro de vodca saía dos poros dele. — Eu... Você estava aí dentro?

— Estava. — Jenny ficou tonta só de respirar o mesmo ar de Easy.

Ele ia começar a dizer alguma coisa, mas a porta se abriu e o Sr. Dalton colocou a cabeça para fora.

— Sr. Walsh, é sua vez.

Sem se despedir, Easy cambaleou para dentro da sala. Jenny se virou e desceu a escada, entrando na forte luz do sol. Em um galho de árvore baixo bem no caminho estava um daqueles corujões. Seria o mesmo que tinha tentado matá-la só há dois dias? Ela semicerrou os olhos.

A coruja finalmente piscou lentamente para ela, como se estivesse chapada, depois olhou para o outro lado.

Jenny passou por ela correndo a caminho da primeira aula. Era o primeiro e possivelmente único momento de triunfo do dia. Ela deu uma encarada na coruja e venceu.

EM ÉPOCAS DE AFLIÇÃO EMOCIONAL,
UMA WAVERLY OWL DEVE OUVIR
SUA CORUJA INTERIOR.

— **F**ico feliz em ver você aqui — Dalton recebeu Easy. O porre de Ketel One da noite anterior deixou Easy se sentindo como a gosma que ele tirou dos pés de Credo antes de uma corrida. Ele se jogou numa cadeira de escritório de couro preto e olhou sem expressão a colega de quarto de Callie, Brett, que estava sentada na frente dele com uma blusa roxa totalmente transparente. O novo orientador parecia ter uns 18 anos, uma mudança bem-vinda com relação a seu antigo orientador, o Sr. Kelley, que era tão velho que mal conseguia se lembrar do próprio nome e tinha finalmente se aposentado no último ano com uns cem anos de idade.

— Oi, Easy — Brett o cumprimentou com um tom de

autoridade exagerado, tomando algumas notas em um bloco amarelo. — Teve um bom verão?

— Arrã — resmungou Easy, encarando o teto. Brett podia pensar que ela era a Srta. Eu-tenho-poder-sobre-você-porque-sou-perfeita, mas Easy não ia cair nessa. Antigamente, ele e Brett eram próximos. Eles foram da mesma turma de francês no primeiro ano em Waverly e, para a apresentação final, em vez de ficar na frente da turma e ter uma conversa oca, Brett teve a idéia de fazer um curta metragem mórbido e godardiano em francês com uma antiga câmera Super-8. Easy era parceiro dela na aula e portanto foi o astro existencialista do filme. Ele tinha que dizer coisas estranhas em francês, como “*Mon omelette du jambon est mort*”, e “*Les yeux* — os olhos — doem.” Monsieur Crimm adorou e deu A para os dois.

— Er, Francis Walsh — Dalton dirigiu-se a ele, olhando o arquivo com atenção. — O que tem a me dizer sobre a noite passada?

— Com ela aqui? — Ele apontou o polegar para Brett. — Pensei que essas coisas fossem confidenciais.

— Sou assistente dele — Brett se intrometeu rapidamente, sentando-se mais ereta.

— Ela está me ajudando com os procedimentos do Comitê Disciplinar — explicou Dalton. — Acho que isto a qualifica.

Easy olhou de um para o outro. Caraca. Dalton foi fispado — por Brett Messerschmidt!

— Diz aqui que você teve alguns problemas com o reglamento nos últimos anos, Easy. — Dalton deu um pigarro. — Castigo disciplinar três vezes. Duas suspensões. Você qua-

se foi expulso uma vez no ano passado por não aparecer na aula depois das férias de primavera. Discussões incontáveis com os professores. Atitude desagradável. — Ele fez uma pausa e passou a uma nova página do arquivo. — Interrompeu aulas. Notas abaixo do padrão. Quase nenhuma atividade extracurricular. Pego com álcool quatro vezes. Matando o treino esportivo. Sem espírito de equipe... — Ele virou para outra página.

Brett deu um sorriso malicioso.

— Mas... — O Sr. Dalton manteve o indicador no arquivo e ergueu as sobrancelhas. Ele mostrou o papel a Brett e ela inclinou a cabeça de lado, cética. Easy revirou os olhos. Sem dúvida era aquela porra de pontuação PSAT de novo. Então ele gabaritou quase todas as três sessões, grande coisa. Era o tipo que coisa que deixava os pais babando, embora Easy não desse a mínima. Escapular do alojamento para ver estrelas cadentes no meio dos campos de treino às duas da manhã ou andar descalço no riacho atrás do prédio de belas-artes ao amanhecer, essas eram as coisas com que ele se importava, coisas de que ele podia se lembrar quando estivesse velho e trêmulo. E não um teste de aptidão escolar idiota. Infelizmente, todas as regras imbecis se intrometiam na vida dele, quando só o que Easy queria era momentos mais perfeitos na Waverly, como aqueles.

— Você é um legado — prosseguiu Dalton, olhando para as abotoaduras fechadas. — Mas isso não deve significar nada. Quero dizer, eu também sou um legado da Waverly.

— É mesmo? — guinchou Brett. — Eu também!

— Meu pai foi aluno daqui e meu avô também. E o ir-

mão dele também. — Dalton se voltou para Brett. — Basicamente, os homens da família Dalton foram a primeira turma a se formar na Waverly Academy.

— Como se eu precisasse saber disso — murmurou Easy sarcasticamente. Qual era a desse professor, tentando impressionar a Brett?

Danton estreitou os olhos.

— Olha, eu nunca esperei ser tratado de forma diferente dos outros. Na verdade, acho que os professores eram mais duros comigo porque eu era um legado... Eles esperavam que eu fosse um exemplo para os outros alunos.

— Tá. — Era *essa* a besteirada. Easy trincou os dentes. Ele era um legado, o que devia ser uma coisa especial, mas ele sabia como funcionava: se sua família tivesse dinheiro suficiente para mandar os filhos (ou as gerações) sucessivamente à Waverly, a direção puxaria seu saco pelo resto de seus dias. Não havia nenhum padrão moral envolvido nisso, só o dinheiro. Heath Ferro era um maldito legado, afinal, e olha a merda toda em que ele se metia!

Danton se curvou para a frente.

— Zombe do que quiser, mas você não devia estar no Dumbarton ontem à noite e você certamente não devia estar... er... com aquela garota nova, a Jennifer Humphrey.

— Você estava com a Jenny? — Brett se curvou para a frente, parecendo muito interessada.

— Foi isso o que a Jenny disse? — perguntou Easy.

— Ela não disse nada. — Brett franziu a testa. — Ela disse que não estava preparada para fazer uma declaração.

— Ah. — Easy coçou o nariz. Ele não tinha certeza do

que fazer com a Jenny e do que tinha acontecido na noite anterior. Depois de conversar com ela no refeitório, ele se convenceu de que ela era só uma miragem. Ela não parecia usar muita maquiagem, se usava, e era baixinha, enquanto Callie era alta. Jenny tinha mãos e pés minúsculos, cílios longos e portava uma bolsa que não trazia o G de Gucci colado em toda parte. E ela perguntou a ele sobre arte. Callie nem sonhava em perguntar a ele sobre arte. E a noite passada, bem que pode ter sido uma miragem também, já que ele estava bêbado. Ele estava prestes a transar com Callie e tinha se arrastado seminu para a cama de Jenny, com o Pardee na cola dele.

Agora Jenny — a lindinha Jenny — estava encrencada por causa dele. Mas ele precisava ficar perto dela. Ela parecia tão rosada e nova, meio como aquela tela de Boticelli que ele viu em Roma no ano passado. *O nascimento de Vênus*, com a mulher sensual saindo da concha de ostra. Ele não queria que ela ficasse encrencada. Mas ele não queria que Callie descobrisse que ele tocara em Jenny. Easy colocou a cabeça entre as mãos para evitar que o cérebro de ressaca saísse pelas orelhas.

— Olha só, eu não sei o que está acontecendo aqui, mas como seu orientador, tenho que alertar a você: esse tipo de infração, acima de sua miríade de outras infrações, pode levar à expulsão.

Brett respirou fundo e sacudiu a cabeça, fingindo realmente se importar.

Easy mal piscou.

— Tudo bem.

— Você ouviu o que eu disse? — perguntou Dalton. —

Você pode ser expulso.

— É. Eu ouvi.

— Se eu fosse você, passaria mais tempo pensando em por que estou aqui — sugeriu Dalton com severidade — e menos tempo se metendo em problemas.

Esse era o tipo de coisa idiota que um dos irmãos dele podia dizer. Easy era o mais novo de quatro e os três irmãos também foram alunos da Waverly. Sempre que Easy reclamava disso com eles, eles diziam que ele só entenderia a importância da Waverly quando saísse de lá. E essa era uma daquelas besteiras que as pessoas diziam quando ficavam mais velhas e descerebradas. Os irmãos dele já se formaram na faculdade e se pós-graduaram em direito; dois estavam casados e o outro era noivo. Eles eram adultos chatos e frouxos e não sabiam o que era viver *de verdade*.

— Tá legal — respondeu Easy entredentes. — Você já me orientou, então? — Sem esperar por uma resposta, ele se levantou vigorosamente, abriu a porta e saiu.

Do lado de fora do Stansfield Hall, ele de repente se sentiu tonto. *Você pode ser expulso*. Será que ele falou a sério? Se Easy fosse expulso da Waverly, podia esquecer seu ano em Paris. Ele seria obrigado a morar em casa, sozinho com os pais irritadiços, onde teria aulas com um professor particular e seu único contato com o mundo exterior seria com a mulher pavorosa de cabelo louro e duro da correspondência que gostava *meio demais* de Easy. Easy precisava se sentar. Talvez fosse a vodca da noite anterior, mas ele sentiu um jato de náusea.

Vaia, vaia.

Easy olhou para as árvores. Um dos corujões o estava ob-

servando, os olhos redondos e amarelos. Easy fez um som de pio para a coruja, como o que ele fazia quando precisava que Credo se acalmasse, e pegou uma garrafa amassada de Sprite na bolsa da escola. Ele tomou um gole do que restava da Ketel One da noite anterior. Todo mundo estava indo para as primeiras aulas do ano, mas Easy precisava pensar.

Ele vagou pelo caminho de pedra gasta em direção ao estábulo, querendo que Callie estivesse ali para se deitar com ele em uma baia úmida e fazer com que ele se esquecesse da ameaça de Dalton. Eles se esticariam em uma velha manta para cavalo e ficariam o dia todo ali, sem se importar em matar aula. Mas imaginar Callie nua no estábulo abandonado não o estava deixando excitado — ele não conseguia impedir que a Callie de Fantasia reclamasse do feno no cabelo e de insetos imaginários na manta.

Easy se fechou na baia quente e meio úmida, e fechou os olhos com força. Mas quando revisitou sua fantasia, não era Callie que estava esparramada na manta, olhando para ele.

Era Jenny.



Para: Alunos de Waverly
De: ReitorMarymount@waverly.edu
Data: Quinta-feira, 5 de setembro, 9:01h
Assunto: Dano de propriedade

Caros alunos,

Chegaram a minha atenção os pôneis desenhados que apareceram em todo o *campus* — nas calçadas, em quadros de avisos e nas paredes do box do vestiário feminino.

Por favor, entendam que danificar a propriedade da Waverly é uma infração grave e não será tolerada. Alguns alunos também relataram anonimamente perturbação emocional com eles. Por favor, observem que o centro de saúde mental fica aberto 24 horas por dia e que qualquer um visto danificando propriedade da escola enfrentará consequências disciplinares.

Tenham um bom primeiro dia de aula,

Reitor Marymount

**NENHUMA WAVERLY OWL ESCAPA
DO INTERROGATÓRIO — NEM A
FILHA DA GOVERNADORA.**

Callie estava voando na aula de latim do primeiro tempo quando a Sra. Tullington, a administradora da escola, interrompeu a aula.

— Srta. Vernon — o Sr. Gaston, o professor, voltou-se para ela. — Sua orientadora quer vê-la.

A sala da orientadora ficava a apenas um andar da sala de latim. Callie esfregou as mãos de nervosismo. Ela e a Srta. Emory não eram exatamente boas amigas. A Srta. Emory era uma cretina meio sapata de meia-idade e cabelo curto de Connecticut que foi aluna da Vassar com a mãe de Callie. As duas mulheres foram rivais, sempre competindo pelas notas mais altas e a admissão na sociedade Pi Beta Kapa. Elas também brigaram pela mesma vaga na Faculdade de Direito de

Harvard — e a mãe de Callie venceu. Amargurada, a Srta. Emory decidiu abandonar a faculdade de direito e fazer mestrado em educação na Universidade de Nova York. Ela deixou muito claro a Callie que o fato de não ter ido para Harvard afetara todo o rumo de sua vida, e Callie desconfiava de que ela colocava toda a culpa por isso na mãe dela. Era outra brilhante combinação aluna-orientadora arranjada pela administração da Waverly.

A sala da Srta. Emory era singular. Não tinha absolutamente livro algum nem objetos pessoais em suas prateleiras, e a única coisa presa no quadro de avisos era a lista de telefones da Waverly, que relacionava todos os números e ramais de outros membros do corpo docente da escola. Um laptop Sony Vaio solitário estava na mesa de madeira escura e uma sacola de compras com a palavras RHINECLIFF YARN BARN pousava em uma mesa vazia atrás dela. Agulhas de tricô de madeira e alguns fios de lã se projetavam do alto. A Srta. Emory fazia tricô? Que coisa estranha.

Callie se sentou rapidamente na cadeira Aeron preta na frente da mesa da Srta. Emory. Junto das espartanas blusa de gola rulê preta e da calça preta prática, a saia rosa Diane von Furstenberg e o relógio Chopard rosa com diamantes pareciam ridículos.

— Queria me ver?

A Srta. Emory desviou os olhos da tela do computador. Ela semicerrou um olho e contorceu a boca enorme em um esgar. Parecia uma Popeye louca de saias. Por que Callie não podia ter uma orientadora legal, como a Sra. Swan, que lhe dava permissão para ir ao Metropolitan Opera três vezes por

ano, ou o Sr. Bungey, que dava festas de Natal regadas a uís-que escocês com os filhos e ouvia todos os seus problemas de relacionamento? Mas não, Callie tinha que ficar com a Popeye maluca, que provavelmente usava aquelas agulhas de tricô para espetar a bunda das alunas quando elas se comportavam mal.

— O Sr. Pardee me disse que eu devia conversar com você — anunciou monotonamente a Srta. Emory. — Ele disse que seu namorado foi pego no seu quarto ontem à noite. Depois do toque de recolher.

Callie respirou fundo para se preparar. Tinha anos de experiência distorcendo a verdade para a mãe, mas isso sempre a deixava nervosa.

— Bom, o caso é o seguinte — começou ela. — Meu namorado foi lá, sim. Mas não foi me visitar. Ele estava visitando minha colega de quarto, a Jenny.

— E como você sabe disso?

Callie franziu o cenho.

— Porque... Porque eu não estava lá.

A Srta. Emory a olhou com descrença.

— *Hummmmmmm*. — Ela começou a digitar alguma coisa no teclado. Callie percebeu que a Srta. Emory tinha unhas muito grossas, roídas até o sabugo.

Que merda. Será que o *hummmmm* da Srta. Emory significava que Jenny a entregara? Callie não acreditava nisso: ela vira o brilho nos olhos dela — Jenny estava ansiosa para se misturar. Por que ela apareceria na festa do alojamento Richards, basicamente sem ser convidada? Se ela não ligasse para a ordem social da Waverly, ia ser amiga daquela parva da Yvonne. Não, a Jenny queria mais do que isso, Callie tinha certeza.

— Olha. — Callie deu de ombros. — Eu não sei o que aconteceu. Eu estava estudando. Foi logo antes do toque de recolher, eu voltei e só Jenny estava lá. Easy tinha ido embora. O Sr. Pardee estava falando com ela.

— Hummm. Então é assim. Você e Easy não estão mais namorando?

Callie estremeceu. Com aquele horrível *Eu te amo* ainda vagando por ali, sem resposta, cada segundo que se passava sem que ele dissesse a mesma coisa a fazia se sentir ridicamente vulnerável. Se eles não transassem logo e comesçassem a falar do quanto se amavam, Callie podia ter que pedir exames no centro de saúde mental junto com todas as meninas traumatizadas com os pôneis nos quadros de aviso.

— Não — mentiu Callie. — Nós não estamos juntos.

— Sei. — A Srta. Emory a encarou por sobre os óculos pretos e quadrados. — Porque alguém viu você e o Sr. Walsh no estábulo ontem mesmo.

— Nós... Estávamos terminando — Callie conseguiu gaguejar, a voz seca. — Eu... Eu não quero falar nesse assunto, se não tiver problema. — *Droga de Ben!* Droga de funcionários que moram com os alunos no *campus* e sabem de cada detalhe íntimo da vida deles!

— Humm — respondeu a Srta. Emory, parecendo não acreditar em nada do que Callie dizia. — Bem, comporte-se. Nós não nos esquecemos do ano passado.

— Tudo bem — guinchou Callie.

Depois a Srta. Emory começou a digitar furiosamente. Em geral esta era a deixa para Callie sair. Ela queria loucamente torcer o pescoço para ver o que ela estava digitando — prova-

velmente um plano de três pontos para arruinar a vida de Callie.

Ela correu de volta à aula, ansiosa para retornar ao mundo tranquilizador das declinações em latim. Sentada em sua carteira, ela esfregou as mãos. Se a Srta. Emory descobrisse que ela mentira e que Easy foi até lá para vê-la, ela sem dúvida seria expulsa, em especial depois do episódio com o Ecstasy do ano passado. E aí a mãe dela a deserdaria e ela teria que se mudar para a casa da tia Brenda, que fedia a peixe, no subúrbio mais tedioso de Atlanta. Ela seria obrigada a ir a uma escola católica com crianças pálidas e cheias de espinhas que achavam que uma grande noite de balada era beber Smirnoff Ice no estacionamento do Dairy Queen e trocar cartões da NASCAR. O estômago de Callie se revirou.

Callie tinha dois desafios diante de si: primeiro, certificar-se de que Jenny não ia falar e, segundo, convencer a Srta. Emory de que ela e Easy não eram mais nada. Sua vida na Waverly dependia disso.



Para: JennyHumphrey@waverly.edu

De: KissKiss! Online

Data: Quinta-feira, 5 de setembro, 12:50h

Assunto: Surpresa!

Cara Jenny Humphrey,

Hoje é seu dia de sorte! Sua amiga Callie Vernon escolheu uma linda cesta de presentes para você, cheia de maquiagem, no valor de 50 dólares. A cesta vem com uma bolsa Le SportSac gratuita! Por favor, vá ao site para escolher a cor que preferir.

Kiss kiss,

A equipe de KissKiss



CallieVernon: Vem comigo na Pimpernels. Meio-dia.

EasyWalsh: Fazer compras? Não.

CallieVernon: É importante. Precisamos conversar.

EasyWalsh: Não dá pra ser no campus?

CallieVernon: Vc pode entrar na sala de provas comigo...

EasyWalsh: A gente já não está com problemas demais?

UMA WAVERLY OWL SEMPRE DEVE
PEGAR A ESTRADA DA MORAL.

Easy viu Callie apoiada na frente da loja, remexendo nervosa na bolsa Gucci de alça de bambu e segurando um cigarro apagado. Era uma tarde quente e ela vestia uma blusa fina colorida e saia igual. Os moradores de Rhinecliff — principalmente artistas *hippies* de cabelo desgrenhado — andavam pela rua de paralelepípedo, tomando sorvete de morango de casquinha e parando para falar com Hank, o cara que vendia camisetas de *batik* e incenso na calçada. Mas Easy duvidava de que os *hippies* estivessem falando com Hank por causa do incenso. Hank vendia maconha a muitos alunos da Waverly, inclusive a Easy. Ele já acenava para ele.

— Bom, olha quem está aqui — disse Callie sarcasticamente.

Easy não respondeu. Eles estavam na frente da Pimpernel's,

uma loja cheia de frescuras onde Callie fazia a concessão de comprar roupas. Era a única loja em Rhinecliff que não vendia blusas de *batik* — e quando vendia, eram de seda, com lantejoulas e custavam trezentos dólares. Da última vez em que esteve ali, Easy passou o tempo todo examinando uma coisa que parecia uma meia de tricô rosa minúscula e custava 360 dólares, tentando entender o que poderia ser. Um aquecedor de nariz? Uma bolsa para maconha? Uma camisinha aconchegante? Callie finalmente informou a ele que se tratava de uma botinha de *cashmere* para cachorro.

Mas era importante que ele conversasse com Callie, então aqui estava ele.

— Nós temos um problema — anunciou ele categoricamente.

Callie examinou as unhas recém-pintadas.

— *Nós*, né?

Easy fez uma carranca.

— É claro que somos *nós*. E por que foi que eu vi a Jenny Humphrey saindo da sala do Dalton? Foi pela noite passada? Ela não tem nada a ver com isso.

— Bom, a Srta. Emory também falou comigo. E se quer saber, sim, a Jenny estava lá por causa da noite passada. Eu é que não posso assumir a culpa. A história do Ecstasy, lembra? Meus pais iam me deserdar e me mandar para a escola NASCAR!

— Do que é que você está falando? — quis saber Easy, esfregando as laterais do rosto que ele não barbeou.

Callie sacudiu o cabelo louro da nuca.

— Olha, eu não quero ser expulsa. Então eu disse que você

estava lá com a Jenny e que a gente terminou.

— *Como é que é?* — perguntou Easy, aturdido. Callie deu de ombros e abriu a porta da loja. Tocaram sinos para anunciar sua chegada.

— Querida! Bem-vinda de volta! — guinchou uma mulher muito alta e muito magra de cabelo louro lambido assim que eles passaram pela porta.

— Oi, Tracey! — piou Callie. Elas se beijaram no rosto em uma rotina bem ensaiada. Easy recuou, querendo sair. Imediatamente. Fazer compras, mulheres gritando, botinhas de *cashmere* para cachorro. Não era a praia dele. Por que ele veio? Ele devia estar curtindo os últimos dias na Waverly.

— Tenho umas coisas para você do verão. — Tracey aceitou, conduzindo Callie e Easy para um pequeno nicho nos fundos. Ela puxou uma arara de vestidos, saias e blusas. Ergueu um vestido Donna Karan marfim. — Não é lindo?

Easy virou a cabeça de lado para ler a etiqueta de preço: US\$2.250.

— Ah, sim — Callie arfou. Ela não parecia nada preocupada por ter metido a nova colega de quarto em problemas ou que ela tivesse mentido para a administração. Nada disso. Só estava preocupada se a loja tinha o vestido no tamanho dela.

— Você praticamente pode usar esse vestido no seu casamento! — Tracey colocou o vestido no corpo de Callie.

— Se você fosse uma piranha — acrescentou Easy grosseiramente. Ele se jogou no sofá lavanda, tirando uma almofada rosa de renda e franjas de sob o traseiro.

Callie revirou os olhos.

— Homens — ela suspirou para Tracey. — Eles não sa-

bem de nada! — Depois ela se aproximou e afagou o braço de Easy. — E aí, o Dalton foi mau com você?

— Ele disse que eu podia ser expulso.

— Ah, mas não vai. Você é um legado. Eles nunca expulsam os legados. — Easy viu um lampejo de preocupação atravessar o rosto dela enquanto ela pegava as roupas que Tracey trouxera para experimentar.

— Não sei não — respondeu ele enquanto ela fechava a porta rosa da sala de provas. — E se decidirem criar um precedente?

— Não vão — insistiu Callie determinada, atirando o sutiã La Perla por cima da porta da sala de provas. Ele parecia franzino e meio triste. — Você está totalmente seguro.

— Então você simplesmente vai deixar a Jenny levar a culpa no seu lugar?

— E por que não? O Sr. Pardee pegou a Jenny, afinal. E ela está preparada. A gente conversou sobre isso.

Easy suspirou.

— Sabe de uma coisa, Dalton me disse que ela não falou uma palavra do que aconteceu. E se ela falar?

— Ela não vai — respondeu Callie, a voz estalando de determinação forçada.

Easy se recostou. A vendedora, Tracey, encarava seus All Star cano longo, que ele apoiou no divã de veludo lavanda da loja. Que foi, ele não devia colocar os pés ali? Saco.

De repente, Callie enfiou a cabeça para fora da porta da sala de provas.

— Amorzinho? Preciso de um favorzinho seu.

— O que é? — Se era para ajudar a desenroscar a calcinha

ou fechar alguma coisa, ele realmente não estava no humor para isso.

Os olhos de Callie encontraram os dele.

— Bom... — Ela enrolou uma mecha de cabelo louro no indicador. — Se a Jenny assumir a culpa por mim... e eu tenho certeza de que ela vai... a gente precisa parecer... crível.

— Crível?

— Sabe como é. Como se alguma coisa *realmente* tivesse acontecido entre vocês dois.

Easy mexeu o queixo sem acreditar, encarando Callie.

— Aí — Callie continuou —, isso pode parecer estranho, mas eu estou me perguntando se você pode paquerar a garota um pouco. Sabe como é, talvez se os dois agirem como se gostassem. Só um pouco.

— Está me pedindo para dar mole pra outra garota? — Easy riu, tirando os pés do divã de veludo. — Já se esqueceu de que você é a pessoa mais ciumenta do mundo?

Callie fechou a porta novamente e atirou o vestido que acabara de provar no alto da porta.

— Eu não sou ciumenta — retorquiu ela.

— O que quer que eu faça?

— Sei lá. Dá em cima dela. Seja legal com ela. Como amigo.

Com a porta da sala de provas fechada, a visão que Callie tinha de Easy ficou obscurecida. Mas se ela pudesse vê-lo, teria ficado confusa com o sorriso aparentemente enorme na cara dele e a cor que subia do pescoço para as bochechas.

Quando ela colocou a cabeça para fora da porta de novo, ele tinha conseguido se recompor.

— Isso é assim tão ruim? Você não vai ser expulso da escola. É idiotice. Mas você já foi visto pelo Sr. Pardee no alojamento, então *já* está encrencado. Não ia doer tornar tudo um pouquinho mais real, ia?

— Bom, eles estão certos! — Easy ergueu as mãos, impotente.

Ela deu pulinhos de frustração e Easy olhou para o peito dela por um segundo.

— Amorzinho, por favor? Não seria horrível se eu fosse expulsa?

— Mas e se *eu* for expulso?

Callie franziu a cara.

— Não vai — disse ela com firmeza. — Eu já disse que não vai.

Easy hesitou. Seria possível que Callie o tivesse visto sentado na cama de Jenny ontem à noite, tocando as costas dela, e que tudo isso fosse só um teste? É melhor fingir que ele não tem certeza da idéia — embora por dentro, é claro, todo o seu corpo parecesse ter sido atingido por um raio. Seria realmente possível que a namorada estivesse pedindo a ele para azarar a garota que ele queria?

— Isso não parece muito moral — respondeu ele estoicamente, tirando o sorriso bobalhão da cara.

— Moral? — Ela bateu a porta de novo. — Está se esquecendo de como você me roubou de Brandon Buchanan no ano passado? Bem na cara dele?

— E daí?

— Isso não foi lá muito moral, foi?

Easy deu de ombros.

— De qualquer forma — continuou Callie —, eu vou falar nesse assunto com a Jenny também. Até parece que estou te pedindo para transar com ela ou coisa assim. Você pode *por favor* fazer isso por mim?

— Eu... — Easy gaguejou. Ela não o estava testando. Estava falando a sério. Ele realmente era a porra do cara mais sortudo do mundo.

Callie abriu a porta, usando o vestido Donna Karan branco. Parecia a Barbie Piranha-do-Internato no dia do casamento.

— E aí, vai fazer? — perguntou ela. Ele assentiu devagar e ela abriu um sorriso. — Obrigada, amorzinho. Vai ser uma ajuda imensa.

Não, não, pensou Easy. Eu é que agradeço.



Para: RufusHumphrey@poetsonline.com
De: JennyHumphrey@waverly.edu
Data: Quinta-feira, 5 de setembro, 12:15h
Assunto: Saudade

Oi, pai

Acabo de sair de minha primeira aula de inglês. Meu professor leu parte de "Hoel" em voz alta e me fez lembrar de quando a gente comeu seus biscoitos de aveia de aparência horrível mas deliciosos naquele cinema esquisito e vimos o documentário sobre o Allen Ginsberg. Eu adorei aquele dia.

Os testes de hóquei aconteceram ontem e você não vai acreditar, mas sou uma atleta nata. Você treinou escondido um time de hóquei de poetas beats ou coisa assim? Porque eu não sei de onde tirei isso...

Ainda estou me adaptando a tudo por aqui — é diferente da cidade e da Constance em muita coisa. O cheiro é melhor e não tem baratas, mas tem um monte de REGRAS — ainda estou aprendendo quais são... Só espero que eu aprenda com a mesma rapidez com que aprendi hóquei.

Soube alguma coisa do Dan? Tenho que admitir que às vezes sinto saudade dele.

Beijos e abraços!

Te amo,

Jenny

P.S.: Pode me mandar meu celular? Achei que eles eram proibidos, mas por acaso todo mundo aqui tem. Está em cima da minha escrivaninha, no meu quarto. E se por acaso ele se transformar magicamente num Treo 650, bom, eu não vou mandar de volta... Obrigada, pai. Te amo de novo.

UMA WAVERLY OWL INTELIGENTE PODE
LIDAR COM QUALQUER COISA.

— E aí, me fala desse professor gato — piou a irmã de Brett. Brett tinha se enfiado atrás do Stansfield Hall para dar uma ligada rápida para a sede da *Elle* antes de se juntar a Eric no almoço. — Você vai ter que *almoçar* com ele?

— É um almoço de *trabalho* — disse Brett. — Ficamos sem tempo hoje de manhã. Não *quer dizer* nada.

— Claro que quer! Qual é o nome dele, aliás?

— Eric Dalton.

— Como é? Você sumiu um segundo.

— Eric Dalton — continuou Brett em voz alta e depois afastou o celular da orelha para ver a tela. A tela piscava CHAMADA PERDIDA. Ela enfiou o Nokia de volta na bolsa.

Brett não conseguia deixar de ficar nervosa. Ela não con-

seguira parar de pensar em Eric desde que eles se conheceram no dia anterior. Ele era meio complicado e indiferente, o que era um desafio. Brett também tinha a sensação de que ele gostava dela, mas que sabia que não devia — outro desafio. Brett adorava desafios.

Nesta manhã, na aula de cálculo, enquanto o Sr. Farnsworth explicava o conceito de infinito, Brett os imaginou escapulindo para Nova York, pegando a suíte presidencial do Sherry-Netherland, pedindo champanhe Veuve Cliquot e ovos Benedict do serviço de quarto e passando horas sem fim de sexo suarento com as cortinas abertas para que pudessem ver as carruagens puxadas a cavalo no parque.

Na única vez em que ela e Jeremiah foram à capital, Brett queria tomar um martíni no Harry Cipriani, que ficava bem à direita do Sherry-Netherland Hotel. Mas Jeremiah exigiu que eles fossem ao Smith & Wollensky porque ele sabia que o jogo dos Yankees-Sox ia ser exibido aos berros na TV de tela de plasma deles. Seu estômago se revirou quando ela pensou na vinda de Jeremiah esta tarde. Ela não estaria com a estrutura psicológica certa para vê-lo.

Brett trincou os dentes enquanto subia a escada para a sala de Eric. Só o que ela queria fazer era ficar sentada na cama de Callie, tomando um shake sabor daiquiri de banana direto do liquidificador, e contar a ela sobre cada sarda no rosto perfeito de Eric. Mas desde que elas se mudaram, ela e Callie mal se falavam. Ela tentou perguntar a Callie sobre a história de Jenny/Easy quando parou no quarto depois das reuniões da manhã, mas Callie rapidamente correu para o banho sem responder. E daí que elas não fossem amigas agora? Ou talvez Callie es-

tivesse com medo de, se deixasse a guarda baixa, confessar o que tinha feito a Tinsley? Era provável mesmo.

Brett bateu na porta da sala de Eric e sentiu cheiro de chá de camomila lá dentro. Ele abriu a porta e lhe deu um sorriso adorável.

— Oi — disse ele, recuando para ela passar.

Brett sorriu para ele, contendo-se para não se atirar no pescoço sexy e bronzeado de Eric. Ele estava lindo, da gravata elegantemente colocada às suas... meias. Sem sapatos, só meias verdes que pareciam macias. Ela tremeu por dentro. Porque afinal, bem abaixo daquela camada do que ela apostava que era *cashmere* Brooks Brothers, estavam os pés dele. Ele estava basicamente a um passo de ficar nu.

— Obrigada — respondeu ela, recuperando a compostura. Depois ela percebeu uma bandeja enorme de queijo, caviar, azeitonas, salmão defumado, bolachas e *tea cakes* balançando na beira do aparador. Era exatamente o tipo de arranjo opulento de comida *gourmet* que as clientes do pai dela mandavam à casa deles numa cesta como agradecimento por suas lipos perfeitas.

— Gosta de queijo? Manchego? Coach Triple Cream? Até parece que ela ia conseguir comer.

— Claro. Tudo isso.

— Azeitona também? — Ele apontou. — Gosto de fazer uns piqueniquezinhos.

Brett pegou recatadamente uma fatia minúscula de queijo e a colocou entre os lábios grossos. O sal cobriu sua boca e ela engoliu com um ruído.

— Peguei esse jeito de comer com a minha família. — Eric

coçou a lateral do pescoço magro e barbeado. — Minha família, cara. Eles são loucos por queijo.

— É — concordou Brett, encantada com o clássico sotaque da Nova Inglaterra. Ela não fazia a menor idéia de onde ele era, mas tinha que ser de algum lugar da Costa Leste. Boston, talvez, mas ele definitivamente não falava com sotaque de cidade universitária. — O que os seus pais fazem? — Finalmente ela conseguira falar.

Ele deu uma pausa.

— Er, bom, meu pai trabalha no editorial de uma revista. Minha mãe... Ela tem seus pequenos projetos, eu acho. E os seus?

Mas que coisa mais vaga.

— Meu pai é médico. — Brett deu de ombros. Ela não ia contar a Dalton que tipo de médico era. — E minha mãe... É. Ela também tem seus pequenos projetos. — Um destes projetos era comprar suéteres de grife para os sete chihuahuas da família.

— Mas então, minhas fontes me disseram que você foi à Itália — disse Eric, espalhando brie em um wafer Breton e sentando-se de novo na cadeira.

Brett olhou para ele.

— É. Como você soube disso?

Ele baixou a cabeça, meio tímido.

— Bom, quer dizer, eu vi no seu arquivo.

Ela sentiu a cor subindo pelo rosto. Dããã. É claro que ele olhou arquivo dela. Foi assim que ele a reconheceu, antes de tudo. Será que isso significava que ele sabia dos pais dela?

— Desculpe — acrescentou ele rapidamente. — Eu não

quis dizer que...

— Não! — disse ela. — Meu Deus. Eu não ligo. Fui à Europa para estudar. Passei algum tempo na América do Sul também, com a família. — Ela não acrescentou que sua família tinha comprado a maior e mais brega casa em Búzios, no Brasil, e mandou todos os chihuahuas de primeira classe para passar o verão com eles.

Ele olhou sério pra ela.

— Está sendo modesta. Você foi à França com os alunos de francês avançado... principalmente da oitava série... quando ainda estava na sétima... e foi a Creta com o programa de distinção quando ainda era caloura.

Ela deu de ombros. Era estranho ter alguém repetindo suas realizações para você. Mas também era meio legal. Provavelmente Jeremiah não fazia idéia de onde ficava Creta.

— Você é inteligente. — ele sorriu. — Eu preciso de uma mulher inteligente por perto para me ajudar a passar por esse primeiro ano.

— Bom, esta sou eu — disse ela timidamente, achando um pouco engraçado que ele a tenha chamado de mulher em vez de garota. Ela observou enquanto ele depositava graciosamente um caroço de azeitona na beira da bandeja de cerâmica azul, que parecia italiana. Jeremiah teria cuspidido o caroço na mão.

— Então, vamos começar. — Ele abriu a pasta de papel-manilha e revelou uma grande pilha de documentos. — Quero te mostrar isto... Estes são alguns dos arquivos de caso. Têm umas novecentas páginas. E é sério, guarde isso para você. Lembre-se, tecnicamente você não devia estar fazendo esse

tipo de trabalho, uma vez que não era do CD no ano passado. Tudo nestes arquivos é confidencial. Acha que pode lidar com isso?

— Claro que sim — garantiu-lhe Brett. Ela riu um pouco. — Eu sou boa com segredos.

— É mesmo? — Ele olhou para ela e abriu um sorriso lentamente. Brett se sentiu derreter por dentro. Ele passou uma pilha de papéis a ela, os dedos roçando no dorso da mão de Brett. Brett quase engasgou com o Manchego. Ele não ia se afastar muito rápido também. O tempo se desacelerou. Brett contou: *Um Mississippi, dois Mississippi...*

Três segundos. As mãos dos dois ainda estavam se tocando. Um formigamento percorreu as costas dela e sua mão zumbiu, como se ela estivesse tocando uma cerca eletrificada.

— Era o que eu esperava de você — murmurou ele, finalmente quebrando o silêncio.

Brett olhou para baixo, querendo que os lábios não se abrissem num sorriso enorme.

OS WAVERLY OWLS DEVEM TER CUIDADO
COM QUEM OUVES SEUS SEGREDOS.

Brandon olhou Jenny de longe, vindo pelo morro de gramado molhado de orvalho do Hunter Hall, o prédio da aula de inglês. Ela arrumara cuidadosamente o cabelo cacheado em duas marias-chiquinhas e vestia uma blusa rosa e branca, o blazer da Waverly e uma saia cáqui bonitinha. Brandon quase podia imaginá-la como uma fazendeira indo ordenhar uma vaca ou cantar no alto da colina.

Duas garotas louras de rabo-de-cavalo abraçaram os livros no peito e sorriram para ele quando passaram.

— Oi, Brandon — piou Sage Francis, vestida numa saia pregueada cinza ultracurta e sandálias prateadas. Brandon sorriu distraído. — Vi você jantando ontem à noite com aquela menina, a Jenny. Ela realmente dormiu com cara dos White Stripes?

— O quê? — perguntou Brandon, coçando uma sobrancelha.

— Ouvi dizer que ela dormiu com o vocalista dos Raves, Jack White, e com o Easy Walsh... Tudo na mesma semana!

— E não se esqueça de que ela montou no Pônei! — guinchou a amiga de Sage, uma garota chamada Helena que era famosa por estrelar as peças da escola e se agarrar com o diretor dos alunos nas festas do elenco. Brandon estava meio cansado do termo *pônei*. As meninas não paravam de falar nele e agiam de uma forma totalmente ridícula. Pior ainda, o Heath adorava que tivessem bolado um apelido sexual para ele. Na noite passada, antes de ir para o jantar, Heath cutucara Brandon na barriga tonificada de power ioga, vangloriando: “Quer apostar que posso botar o pônei pra passear entre a primeira e a segunda aulas?”

— Ela não disse que alguma coisa aconteceu entre ela e Easy — responde Brandon tranquilamente, tentando parecer calmo.

— Ela é pior do que a Tinsley! — Sage e Helena riram, depois deram-se as mãos e se afastaram.

— Ela não... — começou Brandon. Mas elas já haviam ido embora. Pessoalmente, Brandon se sentia nauseado com todos os boatos sobre Jenny. Ele ouviu dizer que ela foi flagrada num sexo ruidoso com Easy Walsh na noite passada, vestida só com um sutiã de renda no terraço do alojamento, os boatos estavam por toda a Waverly. Não que ele acreditasse que Jenny tenha feito isso, ela era doce demais para uma coisa assim. Em especial com um cachorro como o Easy Walsh.

Jenny vinha na direção dele, parecendo ainda mais ino-

cente e arregalada do que quando Brandon a conheceu. Ele estendeu a mão e pegou o braço dela quando ela passou.

— Oi.

Jenny parou, completamente confusa.

— Ah! — exclamou ela. Agora que ela o olhava, ele podia ver olheiras escuras sob os olhos dela. Ele queria poder passar suavemente seu Open Eyes Magic Eye Balm da L'Occitane na pele delicada de Jenny. — Oi.

— Você está bem?

— Humm, claro.

— Eu trouxe isso pra você. — Ele vasculhou a maleta de camurça caramelo John Varvatos e encontrou um sanduíche de peru e brie embrulhado em um guardanapo. — Eu não te vi no almoço e achei que podia estar com fome.

— É, estava mandando um email pro meu pai. — Jenny apertou os lábios, sem o olhar nos olhos. — É só que... Eu meio que estou a ponto de explodir por causa da pressão — admitiu ela, os lábios tremendo. — Eu não sei o que fazer.

— O que aconteceu?

— Deixa pra lá. — Jenny sacudiu a cabeça, o queixo tremendo. — Eu estou bem. É só que tenho que pensar numas coisas por um tempo, entendeu?

Brandon se perguntou o que ela quis dizer com isso. Será que significava que ela afinal ficara com Easy? Ou que alguém estava espalhando boatos maldosos e infundados a respeito dela? Easy, provavelmente. Meu Deus, ele odiava o Easy.

— Não deixe que ele atinja você — disse Brandon, tentando olhar nos olhos castanhos de Jenny.

— Quem?

— Você sabe quem. O Easy.

— Easy? Não é culpa do Easy. — Jenny chutou a grama perfeitamente bem-cuidada.

— Não? Então é a história do Pônei? Porque, sabe de uma coisa, praticamente todas as meninas da Waverly cometeram o erro de ficar com o Heath. — Brandon sorriu um pouco. — É sério. Elas vão encontrar outra pessoa de quem falar logo.

Jenny sacudiu a cabeça e olhou para ele através dos cílios escuros e grossos.

— Eu nem sabia que ele era chamado de Pônei — confessou ela, abatida. — Mas pelo menos agora eu sei o que aqueles desenhos significam. De qualquer forma, não, não é só o Heath. Isso foi só o começo.

— Então o que é?

— Eu me sinto... — Jenny engoliu em seco. Ela estava meio sem-graça em admitir isso a alguém que ela mal conhecia, mas ela sentia que podia confiar em Brandon. — Eu sinto como se o Easy e eu tivéssemos uma ligação verdadeira. É esquisito. Não posso explicar.

Brandon sentiu a garganta se fechar. *Mas. Que. Porra.*

— Então — disse ele por fim. — Você... Gosta dele?

— Bom, eu... — A voz dela falhou.

Brandon sacudiu a cabeça vigorosamente.

— Não pode gostar do Easy.

Jenny deu de ombros.

— Bom, é. Eu sei. Ele é namorado da minha colega de quarto.

É, ele estava bem ciente disso, muito obrigado. *Mas não, você não deve gostar dele porque ele é a maior roubada. Afinal, Easy*

tinha tirado Callie dele no ano passado e desde então nada mais foi o mesmo. Num minuto, ela estava ao lado dele na festa da biblioteca, pedindo Grey Goose e tônica. No outro, ela estava subindo a escada da biblioteca, com a língua de Easy praticamente descendo pela garganta dela em público.

Agora Jenny tinha uma espécie de ligação com ele? Ora, francamente.

— Mas isso não importa. — Ela olhou os sapatos e fechou os olhos com força. — Eu não devia ter dito nada.

— Não... — disse Brandon, inseguro. — Fico feliz que tenha falado.

— Eu tenho que ir — disse ela, ainda chutando o chão. — Espero que seu dia seja bom. — A voz dela tremeu novamente, como se estivesse prestes a chorar.

Talvez pela segunda vez em sua vida, Brandon queria socar alguma coisa. Por que Easy roubava todas as garotas legais? E será que isso significava que alguma coisa *tinha* acontecido mesmo entre os dois?

A aula seguinte de Brandon era de biologia celular e molecular e ele estava dois minutos atrasado. Ele se sentou na carteira e olhou de um jeito maligno para a menina de cabelo louro comprido que estava sentada na frente dele. Ela usava um anel de ametista cintilante na mão direita e cheirava vagamente a cigarros e perfume Jean Patou Joy. Ela se virou e torceu os cantos da boca bonita, num beicinho de batom Chanel, em um meio-sorriso.

— Oi, Brandon — cricrilou Callie. — Conheceu alguma garota legal no verão?

Brandon deu de ombros, desviando os olhos para janela

panorâmica da sala de aula e vendo um bando de gansos a caminho do sul, grasnando de cabeça esticada. Ele não conheceu garota legal alguma no verão, mas conheceu uma no primeiro dia de volta à escola. Como podia evitar que a Waverly estragasse a Jenny como tinha feito com Callie?



Ow1Net

Caixa de Mensagem Instantânea

- BennyCunningham:** E aí elas não estão se falando mais.
- CelineColista:** Viu o SALVE A TINSLEY! no quadro delas?
- BennyCunningham:** Acho que as duas queriam que ela fosse embora — vc sabe que o Easy estava amarradão na Tinsley.
- CelineColista:** Agora C está sendo legal com aquela putinha da Jenny, embora ela praticamente tenha transado com o namorado dela. Só para irritar a B.
- BennyCunningham:** Meu Deus, essas cretinas são malucas!



Ow1Net

Caixa de Mensagem Instantânea

- SageFrancis:** Então o quadro de avisos de Angelica Pardee levou um pônei! Você acha?
- BennyCunningham:** Ela é casada. E velha.
- SageFrancis:** Talvez ela tenha uma paixão secreta por Heath...
- BennyCunningham:** Quer apostar como eu pergunto isso a ela no check-in da noite?
- SageFrancis:** Aimeudeus, pergunta!

UMA WAVERLY OWL NÃO DEVE SE PRENDER
AO PASSADO — ESPECIALMENTE SE FOI
CHEIO DE EX-NAMORADOS.

Callie se sentou na aula de biologia e sentiu olhos que claramente não eram de boas-vindas. Não era o encarar vago dos gatos mortos e emaciados que estavam dispostos nas bandejas metálicas de dissecação no laboratório. Brandon Buchanan não parava de encará-la.

Já havia se passado quase um ano desde que eles terminaram. Ela foi a uma festa da revista de literatura da Waverly, a *Absinthe*, na biblioteca, sem pretender terminar tudo. Mas a festa foi classicamente romântica — eles reduziram as luzes da biblioteca e cobriram as paredes com uma tela de gaze grossa. Uma música antiga e melindrosa dos anos 1920 saía baixa dos alto-falantes e todos foram instruídos a usar um traje de gala criativo. Easy estivera lá. Ela conhecia Easy, é claro — o

círculo eclético da elite da Waverly era pequeno — mas não muito bem. Ela sempre o achou sensual e misterioso, com um jeito de artista sensível, e ela o pegou olhando-a algumas vezes na capela. Quando Brandon saiu para pegar uma bebida para os dois, ela fez contato visual, pensando que ia azarar inocentemente Easy do outro lado da sala. Mas ele se aproximou dela. E foi como naqueles documentários sobre o mundo natural da PBS em que o leão ataca uma gazela. Aconteceu tão rápido que ela nem sabia o que a atingira.

Ela teria alegado que Easy colocou alguma coisa em seu copo, mas ela ainda nem tinha bebido nada. Só alguns segundos depois, eles escapuliram para a sala de livros antigos da Waverly como se precisassem desesperadamente encontrar aqueles volumes empoeirados dos sonetos perdidos de John Donne. Afundando em uma das poltronas de couro gasto, eles se beijaram por horas, comunicando-se por telepatia enquanto suas línguas se retorciam. No dia seguinte, Brandon soube — todo o mundo soube — e Callie e Brandon terminaram na hora do almoço.

— No final do semestre, vocês terão examinado os vários sistemas corporais do gato e identificado cada órgão. — O professor elegantemente desgastado de biologia, o Sr. Shea, andou pela sala. — Em dezembro vocês terão uma prova oral final, durante a qual deverão identificar corretamente todos os órgãos.

Dos fundos da sala, Heath Ferro riu baixinho das palavras *prova oral*. O Sr. Shea ligou o projetor no alto e começou a apontar um diagrama de um gato. Callie olhou para Brandon novamente. Os olhos dele continuavam fixos nela e ela virou

a cabeça rapidamente. Ela rabiscou *Pare de me encarar, seu pervertido*, numa letra cursiva elaborada em uma folha de papel em branco de seu bloco. Assim que terminou as letras, ela rabiscou por cima com traços pretos e largos.

De repente o celular dela vibrou no bolso de trás. Ela o pegou devagar e discretamente o colocou no colo para que ficasse escondido pelo tampo da mesa. Era uma mensagem de texto de Benny, que estava sentada a três filas de distância.

Já pensou no grito de torcida?

Não, respondeu Callie.

Todo ano, no Sábado Negro, as veteranas do time de hóquei feminino davam um grito de torcida. Primeiro todo o time dava um grito padrão e chato. Depois era tradição que as meninas mais velhas escolhessem uma titular mais nova do time para dar outro grito mais maluco e constrangedor, levando-a a acreditar que todas as meninas iam acompanhá-la. Compreensivelmente, a garota ficava totalmente mortificada quando se via dando o grito sozinha. Às vezes ela parava de falar com as outras jogadoras por semanas. Mas assim que a temporada começava, ela invariavelmente acabava rindo da história, feliz por ter uma ligação com as meninas mais velhas e descoladas. Era um trote ritual que começou nos anos 1950 e, como co-capitã deste ano, Callie era responsável por ele.

O telefone vibrou novamente. *Acho que devemos pegar sua nova colega de quarto*, era o texto de Benny.

Callie congelou, o coração pulando na garganta. De jeito nenhum. Passar um trote em Jenny podia deixá-la puta da vida e Callie tinha que manter Jenny feliz. *Acho que não*, escreveu ela. *Ela nem é titular!*

Benny mandou outra mensagem rapidamente. *É sim, soltaram a lista hoje. Já viu a garota jogar? Ela fica meio que em toda parte, mas é boa.*

Ela não, respondeu Callie rapidamente.

Callie viu enquanto Benny digitava furiosamente no minúsculo Nokia. *Mas você não está puta com ela por causa do EZ? A gente pode deixar a garota totalmente sem-graça.*

Callie se endireitou na cadeira. Toda a escola estava falando de Jenny e Easy e cochichando sobre Callie enquanto passavam por ela nos caminhos de pedra do *campus*. Ela não contou a ninguém a verdade sobre Easy e Jenny — era arriscado demais. Constranger Jenny era a última coisa de que Callie precisava. *Não sei*, digitou ela em resposta.

Sage, Celine e eu achamos que é ela. O que a Brett acha?

Como se ela e Brett tivessem discutido o assunto. Ou qualquer coisa, aliás. Ela suspirou e largou o telefone na bolsa amarelo-clara da Coach, indicando que a conversa estava encerrada.

A sineta final tocou. Callie se levantou rapidamente e pegou o bloco, esperando que seu cabelo não estivesse com cheiro de formaldeído. Ela sentiu uma mão no ombro e se virou. Era Brandon, vestido em calças verde-oliva Zegna elegantemente passadas e mocassins Prada sem meias. Seu cabelo estava cheio de reflexos dourados e ela se perguntou se ele tinha usado um kit de luzes caseiro na noite anterior ou coisa assim.

— Oi — ela o cumprimentou.

— E aí, o que o diabo fez, o diabo leva, hein? — Os olhos castanhos de Brandon estavam frios.

— Como? — perguntou ela cautelosamente.

— Como se sente em ver alguém roubar seu namorado debaixo do seu nariz?

Callie o encarou por um momento e sorriu por dentro. *Boa, Easy!* Ele já deve ter azarado a Jenny em público. Mesmo antes que ela tivesse a chance de falar com Jenny sobre isso.

— E aí? — insistiu Brandon.

— É, é um horror — Callie engoliu em seco, tentando parecer magoada.

— Você não acredita em mim. — Brandon deu de ombros. — Mas eu sei de uma coisa que você não sabe — cantolou ele.

— E a gente é o quê, aluno do primário? — zombou ela, de repente odiando a perfeição das sobrancelhas de Brandon. — Preciso ir.

Passando em disparada por um grupo de calouras que pareciam muito novinhas, Callie parou no segundo andar.

Os alunos passavam por ela enquanto ela se encostava na parede de tijolinhos da escada. Será que Brandon *ainda* espera voltar com ela? Sem chances. Era quase tão provável quanto Easy realmente se apaixonar pela baixinha Jenny Humphrey. Até parece que *isso* jamais pudesse acontecer.



- RyanReynolds:** E aí, soube alguma coisa de onde vai ser a festa do Sábado Negro? Ouvi dizer que a Tinsley vai dar...
- CelineColista:** É mesmo? Eu soube que ela está tendo um caso secreto com aquele cara do Entourage.
- RyanReynolds:** Meu Deus, espero que não. Eu morreria por essa garota, ela é tão gostosa.
- CelineColista:** Você e todos os outros caras da escola.
- RyanReynolds:** Quer dizer do planeta.

AO SER CORTEJADA COM PÉTALAS DE ROSAS,
UMA WAVERLY OWL DEVE NO
MÍNIMO AGRADECER.

— E i! — gritou Jeremiah, pulando do morro comprido dos campos de treino da Waverly para o gramado. Brett pestanejou. Ele estava com uma camiseta preta desbotada, calças de veludo bege amarrotadas e Pumas verdes. Ele sorria tanto que Brett podia ver a fila torta dos dentes de baixo. Jeremiah provavelmente estava delicioso para todas as outras garotas do *campus* mas, para Brett, ele parecia imaturo e sujo.

— Oi — gritou ela, notando o tremor inegável na voz. Jeremiah disparou numa corrida, o cabelo ruivo e macio voando atrás dele. Ele lhe deu um beijo e passou os braços fortes em sua cintura.

— Gata — murmurou ele agressivamente. — Parece que

não vejo você há um milhão de anos. Sinto que estamos tão longe um do outro.

Argh.

— Bom, isso é idiotice — Brett corou, pegando a mão dele. — A gente se falou ontem.

— Você está bem? — Jeremiah a apertou. — Parece tão... sei lá. Nervosa.

— Ah, não. — Brett tentou sorrir. — Só estou feliz.

Ah, é, ela estava feliz, mas não por Jeremiah. Com o almoço perturbador e absolutamente mágico com o Sr. Dalton. Antes de sair da sala dele, ele tocou no ombro dela e a convidou para ir jantar um dia. Os lábios nervosos e retorcidos dele quando fez o convite, os olhos brilhando quando ela disse sim. Jantar, jantar, jantar com Eric! E eles iam sair *esta noite!*

— Vamos para o gazebo, né?

Brett voltou a prestar atenção nele.

— É — guinchou ela. O antigo gazebo branco ficava aninhado em um grupo de salgueiros-chorões e se postava na margem do Hudson. Era um local famoso da Waverly para os namorados. Na verdade, era tão popular que na primavera passada os alunos distribuíram uma ficha de reserva do gazebo para que ninguém interrompesse a vida de outro casal. Tinha um confortável balanço para dois. Havia um espaço aberto no alto do gazebo, então à noite era possível ver as estrelas. — Mas não podemos ficar muito tempo, porque tenho que me preparar para o jantar.

— Tudo bem.

Eles andaram juntos pelo caminho de pedra, de mãos dadas, pelos hectares de gramado e antigos prédios de tijolos

aparentes com ornamento branco reluzente de cada lado deles. O céu estava ficando nublado e Brett não tinha certeza se era a umidade ou seus nervos, mas ela definitivamente estava suando um pouco. Jeremiah de repente parou e pegou as mãos dela. Os alunos andavam pelo *campus*, seguindo para os alojamentos para a hora de visita antes do jantar, todos olhando Brett e o namorado gato de cabelo macio.

— Eu senti muito a sua falta. — Ele a beijou na testa. — Queria que as escolas ficassem mais perto, sabia?

— Elas só ficam a 15 quilômetros de distância — disse Brett rudemente, olhando frenética em volta. Eles estavam parados bem no meio do gramado, em plena vista do Stansfield Hall. Se Eric olhasse pela janela da sala dele, veria os dois. — Não é assim tão longe.

— Bom, é bem longe para mim.

— Vamos para o gazebo. — Ela pegou o braço dele rapidamente. — Podemos conversar lá.

— Tudo bem. — Jeremiah pôs o braço grande e aconchegante em torno dela. — E aí, como está aqui? Tem algum professor novo que seja anormal?

— Humm...

— Eu soube que vocês têm um cara novo. Um que é rico de verdade?

— Não sei... — Brett meio que achava que todos os professores ou eram ricos de verdade e não precisavam de empregos remunerados ou eram realmente pobres e desesperados.

— Eric Dalton. Já o conheceu?

O coração dela parou. Ela olhou Jeremiah na cara. *Ela a*

estava testando?

— Er...

— Você saberia se o tivesse visto. Ele é um Dalton.

— Como assim, um *Dalton*?

Jeremiah olhou para ela como se estivessem saindo vermes pelo nariz de Brett.

— Isso é uma coisa só de Massachusetts? Sabe. Um Dalton. O avô dele era Reginald Dalton. Tem... Tem, tipo assim, um complexo gigantesco com o nome dele em Boston. Aquele que sempre tem a árvore de Natal grande, sabe?

Na casa dos Messerschmidt em Rumson, havia uma foto de Brett aos quatro anos, num vestido de veludo vermelho, segurando um chihuahua de pelúcia, parada debaixo da árvore de Natal de Dalton. Dããã! *Meu avô era do ramo de ferrovias. Minha família tinha uma casa em Newport.* As palavras de Eric voltaram a ela. Ela nunca pensou que ele era um Dalton Dalton.

Brett vira especiais na TV sobre eles, de biografias históricas na PBS a fofocas escandalosas do tipo eles-são-piores-do-que-os-Kennedy no *E!*. Ela soube que o avô dele, Reginald Dalton, era herdeiro de uma fortuna em ferrovias. A família possuía Lindisfarne, a *maior* mansão de Newport, e isso há uns cem anos. O pai, Morris Dalton, era dono de uma editora internacional que ganhava zilhões de dólares e só publicava os livros e revistas de maior classe. E sim, ela sabia que havia um filho, mas ele era tímido demais e não gostava dos refletores. Brett achava que ele era feio, ou um desajustado social, ou as duas coisas e que a secretária de RP da família queria manter a privacidade dele. Mas que erro cometeu!

— Acho que ele foi apresentado na capela — murmurou

ela por fim a Jeremiah.

— Ah. Bom, até que enfim está chegando o Sábado Negro — Jeremiah mudou de assunto rapidamente. — Vai ser divertido, né? A gente nunca vai a uma festa juntos, tipo assim, durante as aulas.

— É. — Brett tirou a mão dele, fingindo precisar coçar o braço.

— Ei, agora fecha os olhos. — Eles se aproximavam do gazebo. A mão cheia de calos de lacrosse de Jeremiah cobriu metade do rosto de Callie. — Eu tenho uma surpresa.

Ele a conduziu por alguns passos ao longo do gramado, respirando excitado. A cada passo, Brett tinha uma sensação cada vez mais pesada de medo. O que ela realmente precisava era que Jeremiah fosse embora para ela poder se sentar e pensar. Eric era Eric *Dalton*? De verdade?

— Tá legal, pode abrir agora. — Jeremiah retirou a mão do rosto dela. Brett arfou. No meio do gazebo de madeira branca, havia um enorme buquê de tulipas negras cercado por montes de pétalas de rosa cor de vinho. Ela nunca vira tantas flores em um só lugar antes. Devia haver centenas delas ali.

— Eu gosto das pretas — disse ela num tom agudo. *Como é?* Mais parecia que ela era obcecada por elas.

— Você disse uma vez quando passamos pela floricultura em Manhattan. — Ele fez uma mesura, dando um pulo animado, como um garotinho que acaba de levar o café-da-manhã na cama para os pais.

— Eu... — começou Brett. Este era o tipo de coisa que Callie sempre rezou em segredo para que Easy fizesse para ela, e ele nunca fez.

— E aqui. — Jeremiah estendeu um envelope branco da United Airlines. Brett o abriu e viu que era uma passagem de ida e volta de primeira classe para San Francisco. Ela olhou para ele de um jeito interrogativo.

— Meu pai está abrindo um restaurante na Newbury Street em Boston, e ele vai viajar a Sonoma para provar vinhos. Ele disse que eu podia te levar. Mas ele vai deixar a gente totalmente a sós. Vai ser no Dia de Ação de Graças.

Brett abriu a boca, mas não saiu nada. Passear de carro pelos vinhedos da Califórnia parecia ótimo, mas Jeremiah bebia cerveja. Ela fechou os olhos e tentou imaginar os dois juntos em uma vinícola. Você devia cuspir o vinho depois de provar, mas Jeremiah era o tipo de cara que preferia engolir e ficar de porre. Ele estava se esforçando muito. *Meio* demais. Além disso, o Dia de Ação de Graças parecia tão longe. E se... E se ela passasse o Dia de Ação de Graças com Eric?

Como é que é? Eles ainda nem se beijaram. Mas ela ainda podia sonhar...

— Que ótimo. — Ela forçou um sorriso, olhando maravilhada para as flores novamente.

Jeremiah a abraçou por trás e beijou seu pescoço com delicadeza.

— É meu jeito de dizer a você que eu senti saudades suas, gata.

— Bom, definitivamente é... *alguma coisa*. Não sei o que dizer.

— Que tal obrigada? — A voz de Jeremiah parecia meio tensa de repente, como a de uma mãe repreendendo um filho.

Brett riu, nervosa.

— Tudo bem. Obrigada — respondeu ela, fazendo biquinho para dar um beijo tenso no rosto dele.

Ele virou a cabeça e pegou o beijo dela na boca.

— Não há de quê, sem dúvida alguma.



SageFrancis: Então eu vi Brett e o namorado gato dela de St. Lucius indo para o gazebo, mas ela parecia infeliz. Benny me disse que ela acha que Brett gosta de outro. Vc sabe de quem?

CallieVernon: Humm...

SageFrancis: Eu soube que ela está saindo escondido com um cara entre as aulas.

CallieVernon: Um cara dessa escola? Quem?

SageFrancis: Sei lá, mas ele pode ser mais velho. Tipo veterano. É o que a Benny acha.

CallieVernon: Sei.

SageFrancis: Vc não sabia? Vocês estão brigadas total?

CallieVernon: Mais ou menos. Acho que sim.



Para: Todos os Novos Alunos
De: ReitorMarymount@waverly.edu
Data: Quinta-feira, 5 de setembro, 17:01h
Assunto: Bem-vindos!

Caros novos alunos,

Bem-vindos à Waverly! Espero que seu primeiro dia de aulas tenha sido bom.

Estão convidados para um sorvete para todos os calouros e alunos transferidos na sexta-feira à noite, depois do jantar. A festa do sundae vai começar às 20:00h. É uma ótima oportunidade para fazer novos amigos!

Lembrem-se, é um evento obrigatório.

Não se preocupem, vou levar os confeitos!

Reitor Marymount

UMA WAVERLY OWL DEVE RESISTIR À TENTACÃO —
EM ESPECIAL SE A TENTACÃO FOR O NAMORADO
DA COLEGA DE QUARTO.

N aquela noite, antes do jantar, começou a chover muito. Jenny se enfiou embaixo do *mohair* azul-claro que a avó tricotara para o pai dela quando ele estava na faculdade, em Berkeley, e leu trechos de *Madame Bovary* para a aula de inglês. O novo aluno ficara ao fundo, no canto, atrás da porta, quase fora de vista, começava um capítulo. Lágrimas melancólicas encheram os olhos de Jenny. Ela leu o livro no ano passado na Constance Billard e sabia que não tratava deste rapaz — tratava de Emma Bovary, que só queria ir a festas e dormir com homens que não eram o marido dela — mas ainda assim, ela simpatizou com esse novo aluno rústico que estava sendo ridicularizado pelos meninos da escola preparatória. Ela se perguntou se o aldeão um dia foi acusado

injustamente e teve que escolher entre a popularidade e ter um X disciplinar grande e preto ao lado de seu nome.

Uma chave tilintou na porta e Callie entrou de repente, carregando várias sacolas de compras. Jenny rapidamente enxugou os olhos na lã áspera da manta, deixando-os ainda mais vermelhos do que já estavam.

— Surpresa! — cantarolou Callie, puxando uma bolsa de maquiagem de couro Louis Vuitton de uma das sacolas. — Comprei um esmalte novo e um monte de maquiagem também. Vai ficar um tempinho por aqui?

— Er, vou. — Jenny fez uma pausa, confusa. Será que Callie estava falando com ela porque Brett não estava ali, ou isso fazia parte da festinha de puxa-saquismo de Callie? Jenny ganhara outro certificado de presente digital de Callie esta tarde: cinquenta dólares em iTunes. Estava começando a parecer os 12 dias de Blackmail Christmas.

— Legal. — Callie desligou o CD player, Jenny estava ouvindo uma música horrível de Yo La Tengo, e colocou Modest House. — E aí, como foi seu primeiro dia de aula?

— Humm, foi bom — respondeu ela mecanicamente, recostando-se na parede atrás da cama.

— Olha, eu só quero agradecer a você por me salvar da escola NASCAR. — Callie riu, dando a Jenny um potinho de Ben & Jerry's Phish Food, o sorvete preferido dela. Como é que ela sabia?

— Bom, quer dizer... — Jenny gaguejou. — Eu não disse nada, de um jeito ou de outro.

— Eu sei — respondeu Callie alegremente. — E está tudo bem. Você não precisa dizer nada ao Sr. Dalton. Quando fala-

ram que vai ser a audiência do CD, aliás?

— Na segunda.

Callie abriu o próprio pote de Phish Food e mergulhou nele uma colher de plástico. Ela tombou a cabeça de lado e analisou Jenny com cuidado.

— Sabe de uma coisa, seu cabelo fica lindo desse jeito — disse ela por fim.

— Ficou maluca? — Jenny tocou a cabeça. Estava chovendo e seu cabelo explodira em uma bola frisada. Ela o prendera em um rabo-de-cavalo, mas mechas cacheadas se projetavam para todo lado, dançando em volta de seu rosto.

— É, eu gosto mesmo dele. É meio... desconstruído — disse ela. — E aí, a reunião com Dalton foi boa?

Jenny grunhiu.

— Acho que sim.

Callie tentava tirar uma colherada de sorvete do potinho, mas estava gelado demais e a colher de plástico ficava se curvando.

— Então você acha que talvez vá me dar cobertura no CD?

— Talvez — disse Jenny. — Eu não...

— É claro que vai — interrompeu Callie. — E eu preciso que você me faça outro favor. Bom, não é bem um favor. Vai ser divertido.

Jenny a encarou. *Outro* favor? Será que Callie não devia estar puxando o saco *dela*? Claro que ela não tinha exatamente devolvido a cesta de beleza nem o certificado de iTunes, mas espera aí!

Callie dava estocadas no sorvete com a colher fazendo, por fim, um talho.

— Pode parecer meio estranho, mas eu estou me perguntando se você pode azarar meu namorado um pouco.

Jenny se interrompeu e respirou fundo.

— Quer dizer... O Easy?

— É. É só que, para que isso dê certo, precisa parecer crível que vocês dois se gostam, entendeu?

— Você quer que eu... Dê mole para ele? — repetiu Jenny.

— É. Tipo assim, sei lá. Vai jantar com ele. Talvez um encontro entre as aulas. Nada muito grande. Só para que os professores vejam vocês dois.

Jenny a encarou. Ela devia estar irritada — azarar Easy a incriminaria mais, não é? Mas em vez disso, seu coração martelava febril.

— Você não quer fazer isso, quer? — Os ombros de Callie arriaram. — Então ele bebeu meio demais, mas ele é um doce, você só precisa conhecer.

— Eu...

Houve uma batida na porta de repente.

— Oiêêêê! — gritou Benny Cunningham, entrando no quarto. — Estou interrompendo?

— A gente só estava, humm, tomando um sorvete — explicou Callie em voz baixa. — Eu te ofereceria um pouco, mas ainda está gelado demais.

— Aqui está a garota que eu queria ver — exclamou Benny, apontando para Jenny.

— Eu? — perguntou Jenny, apontando para si mesma.

— É. — Benny puxou as mangas do *cashmere* verde. — Você vai jogar hóquei de campo como titular, não é?

— É, entrei no time hoje. — Jenny ainda não acreditava

que ia jogar hóquei pela Waverly. Era tão surreal.

— Ótimo! — guinchou Benny. — Estávamos pensando se você queria fazer parte de nosso grito de torcida do Sábado Negro. Em geral é para veteranas, mas escolhemos umas meninas mais novas também. Você é do segundo ano, não é?

— Sou. — Jenny olhou para Callie. — Grito de torcida?

Callie vacilou. Quando Jenny lhe deu as costas, ela murmurou para Benny, *Eu disse que não quero*.

Benny a ignorou.

— É. É bem divertido. A gente faz um novo todo ano e atormenta o St. Lucius com ele. Mas é só um grupo pequeno de meninas, entendeu?

— Jóia. — A cara de Jenny se iluminou. — Isso parece bem divertido.

— Jóia? — perguntou Benny. — Você sinceramente disse *jóia*, não disse? — Ela riu, mas Jenny sentiu que não foi nada simpático.

— Humm, quer dizer, legal — Jenny se corrigiu, constrangida. *Jóia!* Como a Velha Jenny pôde sair com essa?

— É? — Benny ergueu as sobrancelhas para Callie. Callie fez uma carranca. — Demais!

— Você também vai dar o grito? — perguntou Jenny a Callie.

— Na verdade, como Callie é capitã, é ela que escreve o grito — explicou Benny.

— É mesmo? — perguntou Jenny, curiosa. Agora lhe ocorria que estar no time de hóquei seria como pertencer a uma irmandade. Jenny tinha toda uma nova família de irmãs. Era meio bacana.

Callie engoliu em seco.

— Estou trabalhando nisso.

— Só termine antes do sábado — acrescentou Benny. — Tá legal, tenho que ir na reunião da revista de literatura. Eu só queria ter certeza de que a Jenny estava nessa. Tchauzinho!

— Ela bateu a porta.

Jenny se virou para Callie.

— Vocês fazem coisas bem divertidas por aqui.

— É — respondeu Callie baixinho. — Eu não levaria muito a sério, sabe? É só um grito de torcida idiota.

Jenny deu de ombros e lambeu um pouco do sorvete gelado demais na colher de plástico. Deixando de lado os boatos da piranhagem, as titulares do time de hóquei queriam que ela desse o grito de torcida com elas. Isso não era o máximo?

A porta se abriu novamente e Brett entrou, o gorro azul de *tweed* Eugenia Kim ensopado e o cabelo ruivo curto colado na cara. Assim que viu as duas, um olhar de irritação se instalou no rosto perfeitamente cinzelado.

— Pensei que vocês estivessem estudando à noite.

— Não — respondeu Callie. — Estamos fazendo uma festinha de sorvete e maquiagem.

— Ah. — Brett atirou o gorro no chão.

— Por que você está toda molhada? — perguntou Callie, parecendo mais cretina do que o necessário.

Brett tirou a capa de chuva Burberry cáqui que chegava até a coxa e a atirou no chão.

— O Jeremiah veio aqui. A gente ficou preso na chuva.

— Jeremiah? — Callie se endireitou, pensando na mensagem instantânea que tinha recebido de Sage mais cedo. —

Vocês conversaram a sério?

Brett olhou para ela sem entender.

— A sério? A gente... Sei lá. A gente ficou.

Callie a encarou, um meio-sorriso na cara. *Sem essa*. Elas eram grandes amigas. Se Brett gostava de outro cara, certamente ia contar a Callie. Havia muitos veteranos gatos na escola — Parker DuBois, por exemplo. Parker era meio francês, tinha olhos azuis grandes e penetrantes e fazia fotografia, tendo passado o verão tirando fotos de artistas novos e nervosinhos para o suplemento de moda da edição de domingo do *New York Times*. Callie podia ver Brett gostando de Parker. Ela esperou, fitando com os olhos castanhos os olhos verdes de Brett. Até que Brett baixou os olhos em silêncio.

— Quem é Jeremiah? — Jenny rompeu o silêncio.

— Acho que o Jeremiah é o namorado da Brett. — Callie tentou pegar os olhos de Brett de novo, mas não conseguiu. Ela suspirou. — Ele é lindo e atlético, é um doce e dá as melhores festas do St. Lucius.

— Jóia — Jenny não conseguiu deixar de exclamar novamente, tentando esconder sua surpresa. Pelo modo bajulador como Brett agira na reunião da manhã na sala do Sr. Dalton, Jenny achava que ela estava sozinha.

— Por que você não trouxe o Jeremiah ao quarto? — perguntou Callie. — Ou vocês dois só ficaram pegando chuva no meio dos campos de treino?

Jenny observou Callie falar com Brett. Ela estava fazendo uma coisa que algumas pessoas faziam quando queriam parecer legais, animada e interessadas, enquanto no fundo estavam pensando coisas bem ruins, e não se pode chamar a

atenção delas porque elas se limitam a te chamar de paranóica.

Brett revirou os olhos.

— Não, a gente não fez nada lá. Por que alguém ia querer ficar no campo? Que tosco. Você e Easy já transaram no campo? Você e Brandon já transaram no campo? — Brett marchou para o armário e pendurou o casaco.

— Caraca. Alguém está na TPM — zombou Callie, examinando as unhas.

Jenny ainda pensava em como Brett tinha paquerado o Sr. Dalton quando ouviu o nome de Brandon.

— Ela disse Brandon? — perguntou Jenny a Callie. — Tipo assim, Brandon Buchanan?

— É. Eu fiquei com ele por quase um ano. Ele não te contou isso?

— Não.

— Tá. Achei que tivesse contado a todo mundo. Uma vez, no inverno passado, todo um bando de alunos foi a Park City para fazer snowboard e Brandon conheceu um grupo de turistas suíços e contou a eles todos os detalhes de nosso relacionamento atormentado, embora a gente já tivesse terminado àquela altura. E depois ele me pediu a noite toda para ir à sauna com ele.

Jenny torceu o nariz. Isso não parecia nada típico de Brandon.

Callie sacudiu a cabeça.

— Eu sei. O que é isso! Saunas são cheias de germes. Ninguém vai a uma sauna, a não ser os gays velhos.

— Saunas são legais, Callie — Brett contradisse do closet.

— O Easy foi à sauna nessa viagem.

Callie corou e esticou o lábio inferior.

— De qualquer forma — sussurrou ela para Jenny. — Onde estávamos mesmo? Ah. Easy. E aí, o que você acha?

— Bom, eu acho... — começou Jenny. Ela meio que queria perguntar, *Quer que eu dê mole mesmo para o Easy?* Mas talvez essa fosse uma pergunta da Velha Jenny. E ele tocara as costas da Nova Jenny...

— Do que vocês estão falando? — quis saber Brett, saindo do closet.

— Nada! — responderam Callie e Jenny em uníssono.

— Que legal — continuou Callie, virando-se para Jenny. — Vai ser divertido. O Easy é um doce. E vai acabar tudo logo. Jenny mordeu o lábio. Não tão cedo, esperava ela.

**UMA WAVERLY OWL DEVE SER
FIEL A SUAS ORIGENS.**

Alguns minutos mais tarde, depois que a chuva passou e o céu de final de verão começou a assumir um tom alaranjado, os alunos andaram em grupos pequenos de seus alojamentos para o salão de jantar e Brett desceu o caminho de pedra para a recepção da Waverly. Um vento gelado de repente levantou a beira do cachecol de seda pura cinza Hermès, o que fez Brett pensar no inverno. A maioria dos garotos odiava o inverno na Waverly, porque você ficava preso entre quatro paredes e não tinha nada para fazer a não ser assistir a filmes velhos na biblioteca e ir para as aulas. Mas Brett adorava. A diretora do alojamento acendia lareiras nas salas de uso comum e os professores cancelavam as aulas no primeiro dia de neve. Às quatro horas já estava escuro e ela e Callie tomavam chocolate quente com menta enquanto fofocavam

sobre as mais recentes paixonites. Brett tinha certeza de que não ia tomar chocolate com Callie neste inverno — elas mal estavam se falando —, mas talvez ela tivesse outra pessoa com quem dividir o chocolate. Nua.

Enquanto ela se desviava de alguns esquilos gordos que brigavam por um Cheeto, o celular de Brett bipou com uma mensagem de texto. *Desculpe ter desligado antes*, dizia. *Te amo, Maninha!*

Brett rapidamente retornou a ligação para Bree e caiu na caixa postal.

— Estou prestes a sair para jantar com um *Dalton* — sussurrou ela deliciada ao telefone. — Fique com inveja. Muita inveja. — Depois desligou.

Brett entrou na recepção, uma sensação de vertigem e acidez inflamando a boca do estômago. O saguão estava vazio e exemplares de *The New Yorker*, *The Economist* e *National Geographic* estavam arrumados com elegância na enorme mesa de centro de teca. Uma sinfonia de Vivaldi tocava no aparelho de som. O piso de cerejeira antigo guinchava sob suas botas Jimmy Choo pretas de salto 7 centímetros enquanto Brett se aproximava da recepcionista cinquentona, a Sra. Tullington.

— Preciso de um passe para a noite — disse Brett casualmente. E, porque sempre se precisava de um motivo adequado: — Vou acompanhar meu tio em um leilão de artefatos russos antigos e ovos Fabergé em Hudson.

Brett sabia que uma mentira era mais convincente quando você atirava um monte de detalhes ridículos.

A Sra. Tullington olhou para Brett por sobre os óculos de aro de tartaruga. As rugas em volta da boca aumentaram de

desaprovação. Brett vestia uma saia Armani preta risca-de-giz aberta na lateral. Os lábios pintados de Vincent Longo estavam de um vermelho vivo, os braços pálidos estavam nus e o decote em V da blusa de seda preta era tão baixo que quase era possível ver a renda preta do sutiã Eres.

Por fim a Sra. Tullington assinou o passe.

— Divirta-se com os ovos — disse ela toda empertigada. — E com seu tio. É bom saber que vocês, meninas, mantêm contato com a família.

O caso era que se a Sra. T se incomodasse em olhar pela janela do prédio, teria visto Brett entrar em um Jaguar 57 verde — um carro que definitivamente não pertencia ao tio de Brett, um misto de ator-desempregado-com-personal-trainer quarentão que fazia malhar novas mamães flácidas na academia Body Electric em Paramus. Eric estava de jeans azul-escuro True Religion apertado e camisa branca. Brett cobriu os joelhos com a saia, sentindo-se meio produzida demais.

— Você está linda. — Eric sorriu, pegando a alavanca de câmbio de um jeito sexy.

— Ah. Obrigada.

Uma música de Sugir Rós tocava no CD player Bose. As janelas estavam arriadas e uma brisa fria de final de verão entrava no carro. À medida que eles desciam suavemente a colina da frente da Waverly e passavam pelos campos de treino, Brett sentiu um estremecimento súbito e desnoriente. Talvez eles estivessem deixando a escola para sempre — e nunca mais voltassem. *Manés*. Ela pensou em todos os outros sentados para jantar agora no salão. Às quintas-feiras era massa com molho de tomate agudo e um frango frito nojento.

Ela deu uma espiada no perfil de Eric — o nariz meio arrebitado e o queixo perfeito, com uma barbinha, e depois olhou a pulseira de correntinha de platina que ele usava no pulso direito. Parecia uma coisa que uma garota teria dado a ele.

— É de meu trisavô — explicou ele, percebendo que ela olhava. Ele sacudiu a pulseira. — Gosta?

— Sim — respondeu ela sem fôlego. A pulseira era praticamente um tesouro americano. — É linda.

Eles saíram do terreno da Waverly e entraram na cidade, que era essencialmente uma rua principal com postes pequenos de ferro batido, uma loja de arte, uma floricultura, uma barbearia com o poste giratório e algumas casas no estilo Federal. Brett imaginou que eles iam para o Le Petit Coq. Era o lugar para onde a família dela sempre a arrastava durante o Fim de Semana dos Pais porque era arrogante e francês e era o único em quilômetros que servia *foie gras*. Mas o Jaguar passou direto, sem sequer reduzir. Ele passou voando pelo shopping nos arredores da cidade, e também pelo McDonald's e pelo cineplex.

— Acho que eu devia ter perguntado. — Eric se virou para Brett. — Até que horas pode ficar fora?

— Meia-noite — disse Brett. Agora eram seis horas.

Eric sorriu.

— Isso nos dá seis horas.

Ele entrou em um estacionamento espaçoso, desceu por uma ruela e depois contornou um prédio grande e achatado de concreto. Era o aeroporto de Waverly, o lugar onde ela chegara no pequeno avião dos pais alguns dias antes. Na pista,

havia um pequeno Piper Cub. Um homem de casaco verde e boné dos Boston Red Sox estava parado ali, mascando um charuto apagado na pista, ao lado do avião. Ele acenou e Eric retribuiu o aceno.

— Aonde vamos? — quis saber Brett. Seu coração batia veloz. Ela não sabia o que esperar, mas sabia o suficiente para ficar excitada. Se esta saída envolvia um avião — ela não conseguia imaginar aonde eles poderiam ir. Mas que merda, porra!

Eric desligou o motor do carro.

— Eu estava pensando que talvez a gente pudesse comer alguma coisa melhor do que o galeto especial do Little Rooster.

— Indo para Lindisfarne? — gritou o cara de casaco de aviador.

— É isso mesmo — gritou Eric em resposta.

É claro. Eles iam par a propriedade da família em Newport. Brett mal conseguiu se conter. Parecia aquele filme meloso, *O diário da princesa*. Só que ela era muito mais descolada do que aquela magricela da Anna Hathaway, e ele era um Dalton!

Brett só havia visto Lindisfarne no especial do *E! True Hollywood*, então, quando o Piper Club tocou a pista da propriedade, uma sensação irreal de resplendor tomou conta dela. A mansão de frente para o mar era um castelo de pedra coberto de hera, com torreões, um fosso e tudo o mais. Ela até se lembrava do especial do *E!* de que cisnes raros nadavam no fosso que circundava a mansão em vez de crocodilos, embora Brett não os visse agora. Talvez estivessem dormindo. E enquanto ela saía do avião para o gramado macio e perfeitemen-

te bem-cuidado, até o ar salgado do mar parecia aristocrático. Brett e Eric levaram dez minutos andando da pista de pouso até a mansão. Foram recebidos pelo labrador amarelo gorducho e amigável do zelador, Mouse, antes que fosse chamado por seu dono à distância, que acenou para Eric.

Primeiro Eric mostrou a propriedade a ela, levando-a para a casa por uma das pesadas portas de carvalho escuro e entrando na sala francesa, que era redonda, com uma rotunda alta e detalhes brancos. Brett mal conseguia respirar. Tudo na vida dela que podia acontecer depois deste momento — digamos, ir para uma universidade da Ivy League, ou se mudar para um loft em Tribeca, ou conhecer o presidente da França — era pálido em comparação a ficar parada na imponente sala francesa azul, admirando os Monets grandes e fora de foco nas paredes.

Brett estava tão sobrepajada, que mal conseguia se concentrar enquanto ele a levava de uma sala a outra. Depois ele a guiou de volta ao lado de fora até a casa de hóspedes, um chalé verde desbotado com um enorme deque nos fundos e escada de madeira dando pra o mar. A maioria das casas de hóspede consistia em um quarto e uma pequena sala de estar. A casa de hóspedes de Lindisfarne era quase do tamanho da casa não-tão-pequena dos pais de Brett. Lá dentro, Brett se sentou em um sofá enorme de *chintz*, olhando as paredes brancas cobertas de Warhol enquanto Eric mexia na cozinha. Se os Dalton tinham empregados — e Brett tinha certeza de que eram muitos — eles certamente sabiam quando deixar os membros da família a sós.

Eric serviu L'Evangile Bordeaux 1980 como um especia-

lista em duas taças Riedel gigantes. Ele não pareceu se importar que Brett fosse patentemente menor de idade.

— É onde eu fico, principalmente, quando estou aqui — explicou ele, girando o vinho na taça enquanto eles saíam para o deque de madeira que cercava a casa.

Só a alguns metros de distância, as ondas se quebravam nas rochas. Brett tomou um longo gole de vinho. Que vidão.

— E então — começou Eric. — Brett Messerschmidt. Quem é você?

Ele olhou para ela, mas não daquele jeito que os adultos olham quando acham que você é uma adolescente boba que pode amadurecer e ser alguém sério. Em vez disso, ele a olhava intensamente, como se ela realmente *importasse*. Brett tomou um gole de vinho, tentando desesperadamente pensar em uma resposta brilhante e sucinta. Quem era Brett Messerschmidt?

— Bom, eu gosto de Dorothy Parker — respondeu ela, e depois quis esmurrar a si mesma por parecer tanto uma *estudante* convencida, idiota e imatura.

— É mesmo? — perguntou ele, mordendo o lábio como quem diz, *Não era isso que eu queria saber*. — O que mais? Me conte alguma coisa de sua família.

— Minha família? — Ela engoliu em seco, as palavras agarradas na garganta. Provavelmente era a pior pergunta que Eric podia fazer. Ela sentiu o rosto ficar vermelho. — Eu não gosto muito de falar deles.

— Por quê? — Ele tomou um gole de vinho. — Posso me arriscar a adivinhar?

Ela deu de ombros.

— Como quiser. — Ela esperava ter parecido tranqüila, embora estivesse enlouquecendo por dentro.

— Seus pais a tratam como uma princesa. Você é mimadinha.

Brett tomou outro gole de vinho.

— Acho que sim — disse ela cautelosamente. — Você não?

Eric sorriu.

— Acho que sim.

— Mas sim, a resposta à pergunta é sim, eu fui mimada — começou Brett. A história falsa da família que morava em uma fazenda orgânica em East Hampton e dava festas beneficentes para aves ameaçadas de extinção parou na ponta da língua, pronta, mas ela se conteve. Alguma coisa no modo como Eric a olhava a fez sentir que talvez ela pudesse contar a verdade a ele, por mais constrangedora que fosse. Ela estava tomada de uma sensação de calma. — A casa dos meus pais... Minha mãe baseou em Versalhes — começou ela devagar. — Só que fica em... Bom, em Rumson, Nova Jersey.

— Eu conheço Rumson — interrompeu Eric. — Velejei por lá algumas vezes. Parece um lugar legal para viver.

Brett o olhou com cuidado. Ele não parecia estar se divertindo à custa dela. Ela tomou outro gole de vinho e depois respirou fundo.

— Então você deve ter visto a casa dos meus pais — prosseguiu ela. — É a maior da praia. Meus pais são meio como a *Família Soprano*. Sabe como eles transpiram dinheiro, mas só usam de formas muito estúpidas? Eles são assim. Só que não são ilegais. E têm menos gosto, se é que isso é possível.

— Então a padronagem preferida da sua mãe é leopardo?
— espicou Eric.

— Ah, muito pior. Zebra. Em tudo. Na calça. Nas meias. Banquetas de bar. É um horror. Minha irmã... ela é editora de moda... por várias vezes ameaçou abandonar nossa família.

Eric riu.

— Minha mãe gosta de estampados escoceses. Parecem uns espermatozoidezinhas.

— Eca! — guinchou Brett.

Ela se sentia tonta, embora tivesse tomado menos de uma taça de vinho. Conversar sobre os pais com Eric não parecia nada estranho. Ela se perguntou por que pensou, em todos esses anos, que as coisas seriam melhores se ela tivesse uma casa de campo em Cape Cod de tamanho normal e algumas Toyotas em vez de dois Hummers dourados e iguais com interior em couro, estampa de zebra e um *M* grande em ouro (de Messerschmidt) incrustado nos apoios de cabeça. Abrir-se desse jeito era contagiante. Ela queria continuar.

— Minha mãe usa diamantes cor-de-rosa e só come trufas Lindt e Zoloft, e tem sete chihuahuas pequenos com coleiras de zebra iguais. Ela os leva a toda parte. E meu pai, ele é cirurgião plástico. — Brett soltou tudo isso num jato. Ela não conseguia acreditar nas coisas que estava contando a Eric.

— Sim. — Eric pousou o queixo na curva da mão. — Me conta mais.

— Tudo bem — continuou ela, ansiosa. — Às vezes, no jantar, meu pai leva umas clientes famosas e elas falam de coisas bem revoltantes. Tipo como os peitos eram antes da cirurgia. E o que acontece com toda a gordura que eles aspiram das

pessoas. — Ela se sentia libertada. Era como nadar nua.

Eric se curvou para a frente.

— E o que é que *fazem* com ela?

— Usam as células dela — sussurrou ela. — Sabe como é, para pesquisa.

— De *gordura*? — sussurrou ele também, parecendo meio aterrado.

Ela assentiu.

— Bom, humm, er, mas às vezes eles só jogam fora.

Ele recuou e olhou para ela cuidadosamente com um sorriso de diversão na cara.

— Meu Deus, isso é um alívio.

— Alívio?

Ele mudou de posição na cadeira e olhou para a água. Um veleiro branco pequeno e gracioso oscilava na frente da casa de hóspedes, a uns 150 metros da margem.

— Todo o mundo está sempre tentando se vangloriar... Até o pessoal da Waverly, que é muito mais privilegiado do que a maioria. Quer dizer, ninguém é sincero sobre quem é ou sobre sua família. Quem liga se seu pai ganhou o prêmio Nobel ou se aspira gordura da bunda de umas mulheres de Nova Jersey? O que isso tem a ver com você?

Ela o encarou.

— É — concordou ela. — É verdade.

Ele a encarou também.

— Você é diferente — concluiu ele.

Brett olhou nos olhos dele e tudo dentro dela parecia prestes a explodir.

— Pode me dar licença? — Ela deu um pigarro. — Te-

nho que dar um telefonema.

— Claro. — Eric recuou a cadeira e, enquanto ela se levantava, ele até tocou de leve o quadril esquerdo dela. Ela parou por um segundo enquanto o cabelo caía nos olhos. A mão dele ainda estava ali. Depois um relógio do vovô em alguma sala distante soou e ele afastou a mão.

Ela saiu para o gramado molhado de orvalho, acendeu um cigarro e subiu a escada de um gazebo de madeira cercado de lírios. Ela respirou o aroma doce, desejando não perder a coragem. Brett discou e, depois de um único toque, a voz de Jeremiah apareceu na caixa postal. “Oi, não estou aqui. Deixe seu recado, mané!” *Bip*

— É a Brett — disse ela com a voz rouca, fervilhando com o som da gravação meio canalha dele. — acho que a gente não deve se ver de novo. Então, humm, não vá à festa do Sábado Negro depois do jogo. Não posso explicar agora, mas é o que eu quero. Eu, humm, lamento muito. Tchau.

Brett voltou pelo gramado. Eric tinha saído da casa e estava girando conhaque distraído em uma taça, o jeans escuro enrolado até os joelhos. O céu amplo estava escuro e roxo, e luzes pequenas cintilavam na água. Ela podia ouvir as ondas batendo na praia e o rugido suave de uma buzina de farol distante.

— Está tudo bem? — perguntou ele, pegando o cigarro dela para dar um trago.

Ela assentiu. Depois, sem dizer nada, ele apontou para a luz verde que cintilava no meio do mar.

— É o meu barco. Eu não tenho aula às sextas-feiras, então estava pensando em velejar até a Waverly.

— Eu gosto da luzinha verde — refletiu Brett. — me lembra *O grande Gatsby*... Sabe como é, quando Gatsby olha no pír de Daisy para ver se a luz está acesa?

— Claro — disse ele. — Talvez eu vá deixar a luz acesa um dia quando aportar na escola.

Brett tentou não sorrir.

— Quem você acha que estará procurando por ela? — perguntou ela. Mas, pela expressão dele, Brett suspeitava de que ele queria dizer uma garota muito especial de Rumson, Nova Jersey.

**A AULA DE ARTE É O MELHOR LUGAR PARA OS
WAVERLY OWLS CONTAREM SEGREDOS.**

A aula de retratos só acontecia duas vezes por semana, às terças e quintas-feiras, e Jenny esperava ansiosamente pela primeira aula do ano letivo. A Waverly tinha um programa de belas-artes estelar e uma galeria envidraçada de frente para o rio com exposições públicas organizadas pelos alunos. Em geral as peças dos alunos eram vendidas por quantias surpreendentes. Normalmente, era preciso submeter o trabalho a avaliação para ser aceito na aula de retratos, mas como Jenny fora admitida na Waverly com base em seu portfólio de arte, ela podia fazer o curso já no primeiro semestre. Belas-artes era sua matéria preferida e ela estava louca para sentir o cheiro de tinta e se perder no processo de criação.

E sim, ver Easy Walsh também seria muito empolgante.

Em especial agora que ela tinha permissão para dar mole pra ele!

A aula acontecia em um prédio chamado Jameson House, um chalé irregular no estilo rural com sarrafos azuis, uma chaminé de pedra e um varal do lado de fora com bandeiras americanas tingidas em um dos projetos de fabricação de tecidos do ano anterior. Dentro, o piso inacabado estalava e todo tipo de desenhos e estudos de cor semi-acabados estavam presos na parede branca. As quatro salas enormes cheiravam a aguarrás, fixador em spray, argila úmida e o antiquado forno a lenha. Jenny ficou parada lá dentro, respirando aquele ar.

— Bem-vindos, bem-vindos — disse a Sra. Silver, a professora de arte. Ela era robusta e calorosa, com braços brancos e largos e cabelo grisalho empilhado no alto da cabeça num coque enorme e emaranhado. Estava com um monte de pulseiras no pulso esquerdo, um enorme macacão de listras amarelas e verdes e uma camiseta de *batik* extragrande com as cores do arco-íris que definitivamente foi ela própria quem fez.

A sala tinha o teto inclinado, mesas de arte oblíquas e uma parede com janelas do tamanho de janelas de catedral inundando tudo de luz. A mesa da Sra. Silver era uma bagunça de pincéis, frascos de vidro velhos, vidrinhos de aromaterapia, grossos livros de arte, cartões de ioga e um jarro de dois litros de Mountain Dew. A Sra. Silver era ainda mais bagunceira do que o pai de Jenny. Ela apostava que os dois realmente se davam muito bem.

— Ah, Easy! — chamou a Sra. Silver. — Estou tão feliz em vê-lo! Teve um verão agradável?

Jenny se virou. Easy Walsh foi até a Sra. Silver e a beijou

com ternura no rosto. Hoje seu casaco da Waverly estava pendurado no braço e ele vestia uma camiseta amarelo-mostarda com a bainha esfarrapada e uma calça Levi's cinza que se ajustava com perfeição em seu traseiro musculoso. O cabelo ondulado estava em toda parte e Jenny percebeu que uma folhinha amarela de bordo estava presa atrás da orelha direita.

Easy olhou a sala de aula. Os olhos azuis-claros pararam nela por um segundo. Jenny percebeu que a única mesa vazia na sala ficava à direita da dela.

— Muito bem, gente — anunciou a Sra. Silver. — Vamos direto ao que interessa, porque eu sei que vocês estão ansiosos. Agora vou passar os papéis de desenho e os espelhos. Vamos começar fazendo esboços de nossos auto-retratos.

Houve um gemido coletivo. Não havia nada pior do que auto-retratos.

Easy lentamente andou até a mesa ao lado da de Jenny, os olhos concentrados nela o tempo todo. Ele atirou a mochila de couro caramelo debaixo da mesa e se sentou no banco de metal adjacente. Depois, lentamente retirou os fones Bose do pescoço e enrolou o fio no iPod branco fino. Ele se curvou e escreveu na mesa de Jenny com um pedaço de carvão, *Oi*. A letra dele era infantil e pontuda.

Olá, escreveu Jenny bem embaixo em uma caligrafia elegante.

A Sra. Silver passou carvão, marcadores Prismacolor, espelhos e rolos de papel a cada aluno. Jenny olhou seu reflexo. Os olhos desmentiam o mar de nervos dentro dela. *Está tudo bem*, disse ela a si mesma. *Callie disse para você paquerar*. Mas será que Callie tinha dito para ela ter palpitações cardíacas?

— E aí, o Dalton deu uma dura em você? — cochichou Easy.

— Na verdade, não — cochichou Jenny em resposta. Ela se perguntou se Callie tinha dito a ele que ela não tomou uma decisão sobre assumir a culpa ou não.

— A Callie está criando problemas?

— Callie? Er, não... — Jenny pôs a ponta do marcador na boca. — Ela tem sido legal.

— Bom, espero que ela não esteja te obrigando a fazer muita merda. Às vezes ela faz isso.

Jenny se perguntou o que ele queria dizer com isso. Ela se virou para a folha de papel em branco, ciente de que Easy parecia estar olhando de lado para ela, pelo canto do olho. A Velha Jenny podia impedi-la e dizer que embora Callie tenha falado que ela *podia* paquerar, ela não devia fazer isso, e a Nova Jenny riu e cutucou Easy com o marcador Prismacolor, deixando uma grande marca vermelha no antebraço dele.

— Pra que isso? — cochichou ele, examinando a marca.

— Eu queria te fazer uma tatuagem. — Ela concluiu que a marca era um nariz e acrescentou dois olhinhos e uma boca.

— É bonita — declarou ele. Depois, ele pegou o Prismacolor azul e escreveu no braço dela, *OI, JENNY*, e desenhou um personagem de quadrinhos de sobancelhas franzidas e dentes quebrados, completo, com uma tufo de cabelo crespo no alto da cabeça.

— É meu retrato? — Jenny riu.

— Não... O seu é um retrato meu?

— Nããão. Mas um vez eu pinteí meu namorado em seis estilos diferentes, de Pollock a Chagall.

— Meu pai tem um Chagall no estúdio dele — disse Easy a ela. — Acho que é tipo *Eu e a aldeia*. Eu costumava ficar olhando essa tela horas seguidas quando era pequeno.

Jenny pestanejou, pega de guarda baixa. *Eu e a aldeia* era a tela preferida dela.

— Você... Você tinha um gosto ótimo, para uma criança.

— E aí, ainda está com esse namorado? — murmurou Easy, virando-se timidamente enquanto falava e olhando-se atentamente no próprio espelho de mão. Ele traçou linhas grossas de carvão na folha em branco diante dele. Era empolgante vê-lo desenhar.

— Ah, não — respondeu Jenny rapidamente. Ela e Nate só ficaram juntos por umas três semanas, e depois ele deu um grande fora nela na festa de Ano-novo. Ele era mais velho e provavelmente só a estava usando para voltar para a namorada de verdade.

— Mas você devia gostar dele. Pintou o retrato dele seis vezes.

Jenny sombreou uma área em volta do nariz do autorretrato, analisando a leve mentira na cabeça antes de dizê-la em voz alta.

— Bom, ele gostava mais de mim do que eu dele.

— Tenho certeza de que sim — disse Easy com delicadeza.

Jenny respirou fundo e deu outra olhada no adorável perfil dele. Enquanto trocava de carvão, ela o viu olhar para ela também. Então não era exatamente direito, mas ela não conseguia se conter. Além disso, não foi Callie que pediu a ela para fazer isso?

— E aí, Jenny, sabe de algum segredo bom?

A mão dela deslizou e fez uma grande linha preta atravessando a bochecha do auto-retrato. Que tal Brett chegando às 3 da manhã depois de Jenny ter visto a garota sair do *campus* com o Sr. Dalton mais cedo? Esse era um segredo dos grandes. Também havia a queda gigantesca de Jenny por Easy — outro segredo picante.

— Humm, na verdade, não — respondeu ela em voz baixa.

— Eu tenho — ofereceu-se Easy.

Jenny sentiu o coração martelar na garganta.

— O que é?

Ele baixou os olhos, depois olhou para ela de novo.

— Vou escrever, mas você tem que ler mais tarde.

— Por que não pode falar?

— Porque é segredo. — Ele escreveu uma coisa em carvão em um pedaço de papel, dobrou três vezes e passou a ela.

Jenny pegou o bilhete e enfiou no bolso. Depois alguma coisa de repente ocorreu a ela. Callie lhe dissera sobre como devia dar mole para Easy, mas talvez Callie tenha dito a Easy para fazer a mesma coisa. *Seja legal com a Jenny: saia com ela um pouco, dê a impressão de que vocês se gostam.* Jenny podia ver exatamente o que estava acontecendo.

O coração dela afundou. Então era isso, e nada mais?

Assim que soou a sineta, ela correu para o primeiro reservado do banheiro feminino da Jameson House e abriu o bilhete. Em garranchos a carvão borrados, dizia:

Os corujas da Waverly conversam. Talvez elas vejam nós dois juntos um dia.

Jenny rasgou o bilhete em pedacinhos cada vez menores e o atirou na bolsa. Não havia como negar que ela estava seriamente a fim de Easy Walsh. De tudo nele, do cabelo escuro e embaraçado à boca singular e suntuosa, até o amor dele por Chagal e suas mãos manchadas de tinta azul-marinho.

Ela por fim saiu do reservado e olhou-se no espelho da pia. Não sabia o que estava procurando — talvez provas, tipo um sinal físico, de que alguma coisa monumental estava acontecendo.

Porque Jenny tinha certeza absoluta de que Easy a estava paquerando com sinceridade. Não porque Callie disse a ele para fazê-lo, mas porque ele queria isso. Ela não sabia bem como sabia, mas ela *sabia*.



Para: BrettMesserschmidt@waverly.edu
De: EricDalton@waverly.edu
Data: Sexta-feira, 6 de setembro, 15:33h
Assunto: En: Audiência do Comitê Disciplinar

Brett,

Estou te encaminhando este e-mail de Marymount, abaixo, uma vez que está chegando o dia da audiência do CD. Achei que você devia saber.

E obrigada por jantar comigo ontem à noite. Foi um grande... alívio.

A gente se vê,

ED

Mensagem encaminhada:

Para: EricDalton@waverly.edu
De: ReitorMarymont@waverly.edu
Data: Sexta-feira, 6 de setembro, 2:20h
Assunto: Audiência do Comitê Disciplinar

Prezado Eric,

Como deve saber, o primeiro caso do CD do ano, envolvendo Easy Walsh e Jennifer Humphrey, está agendado para segunda-feira. Gostaria de me certificar de que teremos um precedente de tolerância zero neste caso.

Porém, o Sr. Walsh é um legado e os pais dele são doadores, o que obviamente cria algumas complicações. É uma pena, porque eu pessoalmente analisei a candidatura da Srta. Humphrey e acho que ela é um ótimo acréscimo ao programa de belas-artes da Waverly, mas alguém precisa ser responsabilizado por isso. Se ela for considerada culpada, temo que teremos de expulsá-la.

Vamos cuidar para começar o ano com o pé direito.

Desde já agradeço,

Reitor Marymount

EM MATÉRIA DE ESPORTES, UMA WAVERLY OWL
SEMPRE DEVE JOGAR EM EQUIPE.

Sexta-feira à tarde, Brett estava sentada no vestiário antes do primeiro dia de treino de hóquei, puxando o anel *étoile* Tiffany de prata que Jeremiah dera a ela no verão. A coisa estava presa em seu dedo, mas ela queria que saísse. Assim que ela afundou nas macias poltronas de couro preto da limusine da família de Eric — ele mandou levar o carro à Waverly, uma vez que ia voltar de barco — ela sentiu falta de Eric. Eles nem se beijaram, mas ela sentia que ainda podia sentir o cheiro dele nela. Aquele delicioso Acqua di Parma. E este *café au lait* de manhã teve gosto de L'Evangile Bordeaux.

— Oi — chamou uma voz timidamente.

Brett se virou e viu Jenny sentada ao lado dela no banco comprido e verde, puxando as meias sobre as caneleiras. Seu cabelo castanho e rebelde estava puxado para trás num rabo-

de-cavalo e ela usava uma bermuda cinza Champion e uma camiseta curta lavanda com um logo da Les Best em laranja, que era uma etiqueta moderninha de patricinha-que-pirou do Meatpacking District de Manhattan. Brett se sentiu mal por Jenny quando recebeu o email de Eric, mas isso era o que se conseguia por se meter na cama com Callie... e Easy.

— Oi — respondeu Brett.

Jenny se retorceu, juntando as pernas, como se quisesse fazer xixi.

— E aí, eu acho que tem uma coisa que você precisa saber.

Brett encarou Jenny. Será que ela ia confessar o que aconteceu à noite com Easy? Ou talvez Callie tivesse confessado alguma coisa sobre a expulsão de Tinsley? O que quer que fosse, Brett definitivamente queria saber.

— O que é?

— Eu... Eu te vi chegando. No meio da noite. E sei onde você estava.

Brett a encarou, sentindo os lábios franzirem como sempre acontecia quando ela ficava com medo.

— *Como é?* — A voz dela mal era audível.

— Está tudo bem — disse Jenny rapidamente. A cara de Brett foi ficando cada vez mais branca, deixando seus olhos enormes e escuros. Jenny tinha pensado se faria sentido ou não dizer tudo a Brett. O caso era que Jenny não era tão boa para guardar segredos. Ela não era uma pessoa que contaria ao mundo todo, mas sempre tinha que contar a pelo menos uma pessoa. Tornava mais leve o fardo de carregar o segredo. Então por que não contar o segredo de Brett à própria Brett?

— Você não sabe de nada — murmurou Brett, virando-se para olhar o campo recém-limpo.

— Olha, por favor, não se preocupe, *por favor* — pediu Jenny, a voz se tornando um guincho. — Seu segredo está seguro comigo. Sinceramente. De repente eu nem devia dizer nada.

Do meio do campo, a treinadora Smail soprou o apito.

— Meninas! Reúnam-se aqui!

Brett encarou Jenny. Será que ela estava falando sério, ou era uma espécie de tramóia? Jenny seria de confiança? No ano passado, Brett, Callie e Tinsley costumavam se sentar no quarto à noite e conversar sobre cada detalhe de seu dia, quer fosse comum ou espetacular. Elas eram o tipo de grandes amigas que são quase irmãs, porque se adoravam tanto que até quando estavam chateadas uma com a outra sabiam que ainda seriam madrinhas de casamento de uma delas um dia. Mas o fiasco Tinsley/Ecstasy deixara Brett muito mais desconfiada. Se Callie podia trair Tinsley desse jeito — não que Brett soubesse exatamente o que acontecera, mas ainda assim — quem poderia saber o que ela faria com Brett?

— É melhor você não contar a ninguém — alertou Brett, ignorando a expressão irritante de inocente de Jenny. Ela não podia ser assim tão inocente, em especial se era da capital.

— Olha, no que me diz respeito, nós nunca tivemos essa conversa — insisti Jenny com lealdade. — Mas... Eu só queria ter certeza... Você está bem? Porque você parece, tipo assim, meio distraída.

Brett pegou o bastão de hóquei e se levantou. Ninguém nunca perguntou a ela se ela estava bem, nem os pais dela, e

ela não tinha certeza de como responder.

— Humm, não sei. Posso responder a você depois?

Jenny sorriu ansiosa.

— Claro. A gente se vê! — Ela pegou seu bastão e foi para o meio do campo, onde o time estava esperando.

— Ei! — gritou Brett. Jenny se virou e Brett percebeu aquele brilho estranho e familiar em Jenny de novo — como se ela estivesse incorporando a Tinsley, como se elas tivessem a mesma coisa especial vazando pelos poros.

Jenny se virou e viu Brett correndo na direção dela.

— Olha, sabe o que aconteceu entre você e, humm, Easy? — disse Brett em voz baixa. — Eu não devia te contar, mas Marymount quer fazer de você um exemplo, tipo assim, criar um precedente este ano. Então... Eu vou tentar ao máximo evitar que você seja expulsa, mas, bom, não sei o que vai acontecer.

— Oh. — Os ombros de Jenny arriaram. *Expulsa?* — Humm, obrigada.

Celine Colista, que tinha a pele cor de azeitona, cabelo preto liso e lábios cheios cobertos de batom MAC Rabid, correu para elas, levantando grama atrás de si com as travas dos tênis.

— Jenny, a Callie já te deu o grito da torcida?

Jenny sacudiu a cabeça.

— Grito da torcida? — perguntou Brett.

— É. A Jenny vai participar do nosso *grito de torcida* — explicou Celine bem devagar.

Brett assentiu inquieta. Então Celine se virou para Jenny de novo.

— Vem. Vamos falar com a Callie.

Callie estava sentada no banco de metal comprido na lateral do campo, passando fita adesiva no bastão de hóquei. Ela olhou para cima a tempo de ver Celine e Jenny se aproximando. *Que merda*. Benny e Celine não iam desistir da história do grito.

— Callie — piou Celine. — Já escreveu a letra?

— Estou trabalhando nisso.

— Bom, você tem que se apressar! — gemeu Celine. — Tudo bem, tá legal, a gente pode terminar na festa hoje à noite. — Celine piscou para Callie e depois trotou para o meio do campo.

Jenny se virou para Callie.

— Festa?

— É — respondeu Callie, olhando o bastão de hóquei. — É um negócio pré-Sábado Negro. Só para meninas. Você precisa ir. Todas fantasiadas!

— De quê?

— Bom, é segredo até o último minuto. Mas vai ser hoje à noite, provavelmente na sala de estar do segundo andar do Dumbarton.

— Hoje à noite? — Jenny parecia de crista caída. — Tenho que ir a um negócio de sorvete social dos novos alunos.

— Deixa isso pra lá. Pode se livrar dessa.

— Não, o e-mail dizia que era obrigatório. — Jenny deu de ombros. — Eu devia ir. Mas estou muito animada com o Sábado Negro. Vai ter uma festa secreta também, né? E esse grito de torcida parece legal.

— Bom, o grito não é grande coisa. Você não precisa fa-

zer, se não quiser.

— Não, eu quero! — Jenny mal conseguia evitar o tremor na voz. Todas as meninas estavam falando com ela e ela se sentia mais incluída do que nunca na vida, mas ela também estava a ponto de ser expulsa.

Callie ficou tentada a confessar que o grito era uma piada nada engraçada, mas alguns anos antes, quando Tasha Templeton, então capitã do time, contou à garota nova, Kelly Bryers, que ela estava a ponto de levar um trote, todo o time caiu em cima de Tasha. Fizeram buracos em seu sutiã, bem no lugar dos mamilos. E ninguém falou com ela por meses. O namorado dela terminou tudo e ela perdeu todo o seu poder. Callie não ousaria fazer isso.

De repente, Callie olhou para os braços magrelos de Jenny e percebeu as letras aparecendo por baixo da manga direita. Parecia que Jenny tinha esfregado o próprio braço por algum tempo para tirar a tinta do marcador, mas Callie ainda podia reconhecer a familiar letra infantil e desordenada e aquela carinha idiota de dentes tortos que Easy sempre desenhava. De imediato, um nó se formou em seu estômago e ela sentiu o cabelo da nuca eriçar. *O que foi que Easy estava fazendo, escrevendo no braço dessa piranha?* Mas depois ela se conteve. *Fica fria. Você pediu a ele para fazer isso.*

— E como está o Easy? — perguntou ela, engolindo a preocupação.

— Ah — guinchou Jenny.

— Vocês estão se dando bem?

— Er, estamos.

— Que bom. — Com alguma sorte, os professores pensa-

riam o mesmo. Mas por que Easy estava escrevendo coisas no braço de Jenny? Isso não era realmente necessário. Em especial aquele personagem de dentes quebrados dele. Era um personagem para ela: ele o fez no dia em que eles escapuliram para o Brooklyn e passaram o dia todo em Williamsburg, comprando roupas moderninhas e arte de vanguarda. Eles foram ao Schiller's Liquor Bar no Lower East Side depois, e ele desenhcou a carinha idiota no verso do cardápio. Depois eles se meteram no banheiro minúsculo e se beijaram, irritando todos os turistas franceses impacientes.

Só o que Callie queria era uma paqueradinha, e, como sempre, Easy tinha extrapolado. Mas *que seja*. Se isso significava que Jenny assumiria a culpa por ela no CD, então Jenny podia ter a carinha de dentes quebrados.

— Vamos. — Ela apertou o braço de Jenny, tentando ao máximo não parecer ciumenta. — A Smail está olhando feio pra gente.



Para: EasyWalsh@waverly.edu
De: CallieVernon@waverly.edu
Data: Sexta-feira, 6 de setembro, 16:15h
Assunto: Saudade!

Oi, amorzinho,

Estou com saudade! Me encontre na escada da biblioteca às 5 da tarde, hoje, por favor. Urgente!

Bjs

C

P.S.: Como está a Jenny?



Para: JenniferHumphrey@waverly.edu
De: CustomerCare@rhinecliffwoods.com
Data: Sexta-feira, 6 de setembro, 16:23h
Assunto: Tratamento de spa

Cara Jenny Humphrey,

Callie Vernon lhe mandou um certificado de presente para um tratamento de spa relaxante em nossas instalações. Você receberá uma massagem de *shiatsu* e uma massagem facial oxigenada. Por favor, telefone ou mande um e-mail para marcar seu horário.

Atenciosamente,

Bethany Bristol

Gerente da Rhinecliff Woods Spa

OS WAVERLY OWLS DEVEM USAR A SALA
DE LIVROS RAROS SÓ PARA ESTUDOS.

— Não estou enxergando nada — murmurou Easy enquanto Callie o levava vendado pela escada de mármore da biblioteca.

— A intenção é essa mesmo. Quero te fazer uma surpresa.

Ela empurrou a pesada porta de carvalho imaculada. Além dela, havia paredes e mais paredes de livros, caixas de vidro com pergaminhos, poltronas de couro e um vitral minúsculo no padrão de Mondrian. *Tão* romântico. Ela tirou as mãos dos olhos dele.

— A biblioteca? — Ele olhou em volta, confuso.

— Não é só a biblioteca. — Ela dobrou a máscara de cetim vermelho que tinha trazido do voo de primeira classe da Iberia. — Não se lembra? É a sala de livros raros! Foi aqui que a gente... — ela se interrompeu, empurrando uma mecha de

cabelo louro para trás dos ombros. O que dizer? Onde eles consumaram seu amor? Eles não consumaram nada. Eles se agarraram. Ela passou as mãos pelo lado de fora das calças dele. Ela traiu Branson, seu namorado na época.

— É, entendi — respondeu Easy, andando pela sala, passando a mão em uma fila de livros raros e empoeirados. Havia primeiras edições de romances de Steinbeck, Faulkner e Hemingway em uma grande caixa de vidro, graças a um certo J. L. Walsh e um R. Dalton. Havia quatro grandes Rothkos na parede, todos estudos em quadrados pretos e vermelhos de tamanhos diferentes.

Callie se sentou em uma das poltronas de couro. Sentiu o frio atrás das pernas e de imediato teve arrepios.

— Talvez a gente possa repetir aquela noite — disse ela delicadamente, puxando a camiseta cinza-clara de Easy. — Olha, por que não fica mais à vontade?

Callie se levantou e gentilmente empurrou Easy para uma poltrona de couro marrom. Ela se sentou no colo dele e começou a beijar seu pescoço. Easy passou a mão por baixo da camiseta branca fina como papel e os dedos no sutiã branco la Renta.

Isto era *perfeito*. O cheiro de mofo dos livros antigos, o brilho sensual do abajur de aço Tiffany no canto, a quietude de tudo. Callie sentiu como se estivesse sendo desobediente na sala de leitura do pai, ou como se fosse uma baronesa frustrada dos anos 1700 que queria um pouco de ação antes que todos fossem tomar chá. Parecia uma cena saída de um romance de D. H. Lawrence. *Mulheres apaixonadas*, talvez.

Depois ela percebeu que os olhos de Easy estavam aber-

tos. Bem abertos.

— Que foi? — perguntou ela, recuando.

— Acho que é a primeira edição de *V* — murmurou ele, curvando-se para a frente para ver melhor. — Eu não tinha percebido isso aqui antes...

Callie soltou um guincho de frustração e puxou os joelhos até o queixo, atingindo Easy na mandíbula ao fazer isso.

— Que foi? — Easy rebateu.

— Deixa pra lá — disse ela em voz baixa, percebendo que a mágoa estava transparecendo na voz mais do que ela pretendia. Ela tentou não deixar que o sentimento deste momento perfeito com Easy fosse estragado em sua consciência. Tarde demais. Ela tentou estabilizar a voz para não ficasse tão trêmula. — Eu percebi que você andou azarando a Jenny...

Easy recuou um pouco.

— Percebeu? Como assim?

— Bom, você escreveu no braço dela.

Ele lambeu os lábios.

— Ah.

— E aí? Está tudo bem?

— Acho que sim.

— Algum professor viu vocês, sabe como é, paquerando?

— Humm, só a Sra. Silver, eu acho... — Easy se levantou e coçou o queixo.

Não era assim tão bom. Não importava se a Sra. Silver os vira — ela não era amiga da Srta. Emory.

— Talvez vocês dois possam paquerar perto da sala de ensaio da orquestra. — A Srta. Emory regia a orquestra da Waverly, os Fermatas, aos domingos, terças e quintas.

Seguiu-se um longo silêncio. Callie podia ouvir os galhos das árvores roçando as janelas.

Por fim, Easy falou.

— Você só se importa se vai se meter em problemas ou não, não é?

— Não! — gritou ela. — É claro que não. Eu só...

Ele ergueu a mão.

— Isso não está certo. Não foi culpa da Jenny. Não acho que a gente deva arrastar a garota para isso e não acho que ela deva levar a culpa por você.

— O que você está dizendo? — quis saber Callie. — Você não liga se eu for expulsa? — Ela sentiu as lágrimas saindo de seus olhos e rapidamente colocou o dedo na boca. Mordeu com força, quase tirando sangue.

— Não, claro que eu ligo, mas...

Callie sacudiu a cabeça. Ela podia sentir a pulsação no pescoço.

— Não. É óbvio que você não liga. Se ligasse, ia fazer de tudo para me manter aqui.

— Bom, por que eu ia querer manter você aqui se só o que você quer é me manipular? — respondeu Easy num tom alto, a voz ecoando pela biblioteca silenciosa.

A boca de Callie se abriu.

— Como é?

— Você me ouviu — sussurrou ele feroz.

— Retire o que disse.

Easy suspirou.

— Callie... — Ele se interrompeu, olhando para ela como se não fizesse idéia do que fazer com ela.

Ela não tinha certeza do que a possuía para dizer o que disse em seguida, mas ela disse assim mesmo:

— Sabe de uma coisa, o Brandon faria isso por mim.

— Brandon? — perguntou Easy. — Brandon... Buchanan?
— zombou ele.

Callie aproveitou.

— É, o Brandon! Pelo menos o Brandon...

— Pelo menos o quê?

Prestava atenção em mim, pensou Callie. Pelo menos eu sabia onde estava pisando. Ela engoliu em seco e se virou para a janela. Do lado de fora, duas corujas se aninhavam em um galho de árvore. Pareciam estar se beijando.

Easy andou pela sala.

— E aí, quer terminar comigo para ficar com o Brandon de novo?

Callie arfou.

— Eu não disse isso! Você quer terminar? — O coração dela começou a martelar pra valer. Então era isso? De repente ela se sentiu tonta e enjoada, como se estivesse prestes a cair de um penhasco infundável e lutasse para se agarrar a sua encosta rochosa.

— Só pare de me manipular — disse Easy com severidade. — Se você acha que o Brandon... que, aliás, é muito gay... faria isso por você, talvez devesse ficar com ele, afinal de contas.

— Pelo menos ele me amava! — insistiu ela. — Pelo menos o Brandon queria transar!

As palavras dela ficaram suspensas no ar por um momento. Os lábios de Easy se separaram, como se estivesse prestes

a dizer alguma coisa. Mas depois houve uma batida na porta de carvalho. Os dois congelaram.

— Olá? — chamou uma voz baixa. Era o Sr. Haim, o bibliotecário irritadiço de voz anasalada. — Algum problema aí?

Callie olhou para Easy, mostrando os dentes antes de responder com doçura:

— Só estamos estudando!

— Têm que falar baixo — sussurrou o Sr. Haim. Ele abriu a porta e enfiou a cabeça de cabelo de Bombril pela fresta. — Não toleramos barulho nesta sala.

— Tanto faz — gritou Easy, erguendo o dedo médio e endireitando a camiseta. — Vou sair daqui. — Ele passou pelo Sr. Haim sem sequer olhar para Callie para se despedir.

— Este é um lugar de pesquisa tranqüila — recitou o Sr. Haim, apertando a gravata da Waverly quase ao ponto da asfixia. — Não toleramos gritos.

— Eu já pedi desculpas! — gritou Callie.

— Você ainda está gritando.

Ela revirou os olhos. O que *diabos* tinha acontecido? Ela desceu a escada de mármore que levava ao saguão principal da biblioteca. Por uma janela alta e estreita, viu as mesmas corujas aninhadas, desta vez em um galho mais baixo. Ela parou e bateu na janela, levando as corujas a bater as penas e voar para árvores separadas.

— Vão pro motel! — gritou ela.



Para: Undisclosed recipient
De: CelineColista@waverly.edu
Data: Sexta-feira, 6 de setembro, 21:02h
Assunto: CONFIDENCIAL

Festa pré-Sábado Negro do Dumbarton:

BEM-VINDAS A AGRABAH, Cidade de Mistério e Encanto.

SÓ PARA MULHERES!

DEZ MINUTOS!

ANDEM LOGO!

UMA WAVERLY OWL NUNCA DEVE ATENDER
AO CELULAR DA COLEGA DE QUARTO
QUANDO ESTIVER BÊBADA.

Callie estava com o novo vestido verde Prada de franja que ela comprou na Pimperl, um lenço de cabeça multicolor e Manolos prata de salto 10. O cabelo louro-arruivado e comprido estava preso em um coque sexy de inspiração asiática e ela passou delineador em volta dos olhos. Ela sabia que as outras meninas iam ficar com inveja, mas a intenção era essa mesma. Às vezes era mais divertido se fantasiar quando *não havia* homem nenhum por perto.

A festa pré-Sábado Negro era uma tradição para as meninas do Dumbarton. Era incrivelmente legal, porque havia uma lista de convidados seletos e sempre havia um tema louco. Benny Cunningham e Celine Colista saíram mais cedo do treino de hóquei para converter a sala de estar do segundo

andar em uma terra das Mil e uma Noites. Elas fecharam a cortinas da vidraça gigantesca para que toda a sala ficasse escura e misteriosa. Depois acrescentaram pisca-pisca, velas, almofadas, incenso, vodca Grey Goose, minibaseados, fotos de elefantes e deuses com muitos braços na parede, e cuidadosamente colocaram exemplares do *Kama Sutra*, que todo o mundo sabia que era um manual do sexo antigo da Índia, e uma música Bhangra estranha que Benny recebeu por FedEx da Amazon.com na noite anterior. Toda a sala estava montada para uma orgia louca, a não ser pelo fato de que não haveria homens.

Callie chegou cedo e estava bebendo com rapidez e constância, tentando tirar da cabeça todo o pesadelo Easy-na-sala-de-livros-raros. Ela se serviu de mais bebida e foi para o banquinho da janela no canto e de repente esbarrou em Brett, que tinha acabado de chegar.

— Oh! — Elas se olharam intensamente. Brett ainda estava com a roupa que usara na aula, uma calça marrom Katayone Adeli que era um tédio e blusa Calvin Klein branca. *Acordaaaa!* Era totalmente contra as regras vestir esse tipo de coisa na festa pré-Sábado Negro! — E aí, como está o Jeremiah? — perguntou Callie.

— Jeremiah? — Brett olhou para ela sem expressão.

— Seu namorado?

— Ah, sim.

— Que foi, ele não é mais seu namorado?

— Não, ele... — Brett estava se retorcendo de verdade.

Callie se perguntou se Sage estava errada, talvez, em vez de Brett gostar de um veterano, ela e Jeremiah já tenham feito

um sexo mais ou menos. Ou talvez um sexo *dos bons*. Terra chamando Brett: não revelar qualquer tipo de sexo a sua dita melhor amiga não era legal.

E então Brett semicerrou os olhos sutilmente para Callie.

— E como está o Easy?

— Está bem.

Elas se sentaram desajeitadas no banco, desviando os olhos uma da outra, bebendo de suas canecas da Waverly cheias de bebida alcoólica. No ano passado, Callie, Brett e Tinsley se sentaram na festa pré-Sábado Negro nesta mesma sala, conversando de seus namorados e se revezando para encher as canecas. Que diferença fazia um ano.

Callie atirou o cabelo por trás do ombro, olhando a amiga. Seria possível que Brett só estivesse esperando que ela falasse no assunto Tinsley para que Brett pudesse se desculpar por conseguir a expulsão da amiga? Uma coisa em que Brett não era boa era bancar a vulnerável.

— Aposto que a Tinsley teria curtido essa festa.

Brett vacilou, depois murmurou.

— É, ela teria sim.

— É péssimo que ela não esteja aqui — continuou Callie em voz baixa. *Tá legal, agora chegamos a algum lugar.*

Brett se endireitou.

— É, é péssimo que ela não esteja aqui, não é?

Peraí, como é que é? Não era isso que Callie esperava que Brett dissesse. Cadê o *Desculpe, deixe-me contar o que realmente aconteceu* ou pelo menos um *Vamos esquecer tudo o que aconteceu e tomar um porre no nosso quarto e botar a vida em dia?* Em vez disso, as duas meninas se encaravam como dois cães se farejan-

do, tentando deduzir se queriam latir ou não. De repente, uma música tecno hindu berrou do sistema de som. O resto das convidadas tinha chegado e a sala estava apinhada de meninas vestidas de forma estranha e fedendo a Poison de Dior.

— Conga! — gritou Benny. Ela vestia um turbante de toalha laranja na cabeça e um cachecol Pucci caleidoscópico em volta da cintura. Sage pegou sua cintura e riu, uma grande bandeira da Waverly em volta do corpo, como um sari. Elas passaram por Callie e Brett e riram.

— Vamos, senhoras! — gritou Celine. — Chega dessas caras de irritadinhas!

Brett, que normalmente teria dançado *O lago dos cisnes* usando uma pele de bicho hidrófobo se isso significasse a vida da festa, levantou-se, espanou o colo e deu de ombros.

— Tô fora. — Depois ela se virou e saiu marchando da sala.

Callie pegou um fio de franja verde no dedo médio e a observou sair. Alguma coisa buzinou ao lado dela. Era o Nokia pequeno de Brett. O identificador de chamadas dizia Brianna Messerschmidt. Callie olhou para cima e ia atender ao telefonema, mas se conteve. No ano passado, ela sempre atendia aos telefonemas de Brett quando ela estava fora. Será que as coisas estavam tão diferentes este ano que ela não poderia atender? Ela abriu o telefone de repente.

— Oi, é a Callie!

— Onde você está? — gritou Bree numa voz sexy e rouca de fumante. — No mercado árabe? Parece incrível!

Callie afundou na cadeira.

— Não. É só uma festa no alojamento.

— Eu *tenho* que dar um pulo na sua escola um dia desses.

— Seria demais. — Callie queria que Bree passasse um pouco de seu entusiasmo à chata da irmã mais nova. — Quer que eu procure a Brett?

— Não, diz a ela para me ligar. Vou visitar nossos pais em Jersey neste fim de semana.

Jersey? De Nova Jersey? Ela sempre pensou que Brett fosse de East Hampton...

— Olha só, Callie. Sabe aquele professor com quem minha irmã está saindo? Tipo para ir jantar e essas coisas?

— Er... — Callie praticamente sufocou com um enorme gole de ponche. *Como é que é?*

— Eric Dalton. Ela te contou dele, não contou?

— Hum, claro que sim. — Todo o corpo de Callie começou a suar. Ela só tinha tomado algumas colheradas de iogurte de baunilha Stonyfield esta manhã. Uma caneca de ponche de vodca, e ela estava bêbada. Sua cabeça girava: Brett estava guardando mais do que alguns segredos dela, tudo bem.

Bree respirou fundo do outro lado da linha.

— Então, olha só. Quando eu era aluna da Columbia, uma amiga minha era meio que namorada do Eric Dalton. E ela me contou que ele é bem sério. Sabe do que estou falando?

— Claro — respondeu Callie automaticamente. Talvez Brett não estivesse avoada porque tinha dormido com Jeremiah. Talvez ela estivesse avoada porque tinha dormido com Eric Dalton. Callie vasculhou a bolsa em busca de cigarros. Como Brett ousou não contar a ela essa novidade! *Oi-êêê*, elas agora não eram estranhas *completas*?

— Mas que engraçado — continuou Bree, fungando de

rir. — Talvez eles se casem na St. Patrick! Minha irmã vai ser uma Dalton!

Esquecendo-se da tonteira, Callie tomou outro gole da bebida.

— Não acha que ela é nova demais para ele?

— Ah, claro que sim. Eu preferia que ele ficasse a 15 metros de distância dela o tempo todo, mas a Brett tem boa cabeça. Mas dê o recado a ela, tá legal? E diga a ela para me ligar. Tchau.

— Humm, tá bom, tchau.

Callie encarou o visor minúsculo do celular por um longo tempo, os lábios apertados. Por fim, ela olhou para cima. A fila de conga ainda estava serpenteando pela sala.

Foda-se. Com o ponche de vodca ardendo na barriga, ela soltou um uivo, pegou Alison Quentin, que estava com um vestido Alexander McQueen e folhinhas de oliveira no cabelo, e seguiu a fila de meninas lindas e bêbadas que dançavam para o corredor.

UM WAVERLY OWL SEMPRE DEVE
RESISTIR AOS AVANÇOS DA
EX-NAMORADA BÊBADA.

Brandon estava atravessando o gramado do Dumbarton em direção ao alojamento Richards quando viu uma garota num vestido verde cheio de pontas fumando um cigarro e chutando o ar feito uma fã de rock.

— Ei, gatinho! — gritou ela. — Vem dançar comigo.

Brandon se aproximou e semicerrou os olhos na luz. Era Callie. Ela estava de porre?

— Oi — gritou ele.

Assim que ele chegou mais perto, ela se curvou para ele e enterprou a cara no pescoço dele.

Ela cheirava a ponche de frutas, cigarros e aquele xampu de camomila fresco que sempre usava. Brandon sentiu um tremor percorrer o corpo. Sentir o cheiro do cabelo de Callie

conjurava lembranças do ano passado. Eles se despiram debaixo de uma manta na sala de estar numa madrugada e desenharam mensagens sexuais na barriga um do outro. Ela olhou para ele com aqueles olhos enormes e aguados.

— Brandon. *Oiiiiii*.

Foi aí que ele sentiu uma lufada do bafo de Callie.

— Caraca. — Ela *definitivamente* estava de porre. — Você bebeu toda uma garrafa sozinha?

Callie se endireitou e sorriu.

— Eu estou legal — piou ela. — Quer um dos meus cigarros?

— Não, obrigado.

Callie deu de ombros e recolocou o cigarro na boca.

— Então olha só — balbuciou ela, passando as unhas compridas e feitas pelo braço despido dele. — Por que você foi tão mau comigo depois da aula de biologia ontem?

Na luz da varanda, Brandon podia ver pequenos arrepios na pele lisa das pernas de Callie.

— Sobre Easy e Jenny? Eu estava dizendo a verdade.

— Não estava não — disse ela, tocando alegrinha o nariz dele. — Ninguém está roubando ninguém de mim. Eu estou por trás da história toda.

Brandon franziu o cenho.

— Não, Callie. A Jenny *gosta* dele. Eles se gostam.

Callie riu.

— Isso porque eu disse aos dois para se gostarem.

— Hein?

— Eu disse a eles para se gostarem. — Ela cobriu a boca e riu. — Êpa. Era para ser segredo.

Brandon sacudiu a cabeça.

— Mas a Jenny *gosta mesmo* dele. E ele gosta dela.

— Isso é o que eles querem que você acredite! — gritou Callie e depois cobriu a boca. — Entendeu? — Ela balbuciou mais baixo e explodiu numa gargalhada bobalhona. — Eles estão fingindo para que eu não tenha problemas por que o Easy foi no meu quarto!

Brandon recuou e pensou por um momento. Ontem, na quadra, Jenny parecia autêntica demais para estar fingindo. — E os dois estão juntos nisso?

— É.

— A Jenny também?

— Claro. A Jenny é legal. — Callie bateu a cinza do cigarro, mas estava bêbada demais e ela caiu direto no dedão do pé, sujando-o de preto.

Brandon sacudiu a cabeça. Ele olhou para Callie, que, embora de porre, parecia ter chorado escondida no banheiro das meninas por horas. Ele queria aninhá-la e embalá-la até que ela dormisse.

— Quer dizer, *você daria* em cima de outra garota se eu te pedisse, não daria? — perguntou ela, arrastando as palavras.

— Er... não? — Brandon enfiou as mãos nos bolsos.

Ela olhou para baixo, frustrada.

— Não?

Brandon baixou os olhos.

— Se eu estivesse com você, não ia olhar para outra garota.

— Ah, Brandon — ela suspirou. — Você é tão piegas.

Que engraçado. Ele achava que as meninas *gostavam* de

romance.

Ela estalou os dedos, iluminando-se.

— Ei! O que você acha de Brett dormir com o Sr. Dalton?

— Como é? Eu não sabia disso.

Callie atirou as mãos na boca e depois lentamente as retirou.

— Talvez eu não devesse ter dito isso... — Ela mordeu o lábio. — Êpa.

— É, tipo assim, uma novidade pública? — Brandon ainda não conhecera o Sr. Dalton, a não ser na capela no primeiro dia, mas parecia altamente desprezível um professor pegar uma aluna, que dirá dormir com uma.

— Não sei. — Ela olhou para a grama. — Sei lá, mas a Brett não fala mais comigo, então... — Ela se interrompeu.

Brandon não tinha certeza, mas parecia que ela estava prestes a irromper em lágrimas.

— Ei... — Ele estendeu a mão para ela. — Você está bem?

De repente, Callie atirou o cigarro na grama, agarrou Brandon e lhe deu um beijo enorme e molhado na boca. No início ele resistiu, mas depois de sentir o gosto do brilho labial menta DuWop, ele não conseguiu deixar de se derreter para ela. O beijo era tão bom. Quente, macio e doce, como há um ano. Ele pensou nos jogos de futebol enrolados debaixo de cobertores, o trem Metro-North balançando para a capital, onde ela dormiu no colo dele, e nos pés se cruzando no jantar formal.

Mas depois ele a empurrou. Ele queria isso — sonhou tantas vezes em beijar Callie novamente — mas agora era um erro. Totalmente errado.

— Qual é o problema? — guinchou Callie numa voz de bêbada, cambaleando para trás.

— Você está totalmente de porre. — Brandon sacudiu a cabeça. — A gente não devia fazer isso... agora.

— Vou te contar um segredo — cochichou ela, curvando-se para ele. — Easy e eu brigamos feio. Acho que a gente pode ter acabaaaaaado.

Ele ficou mudo por um longo tempo. Novamente, ele esperou uma eternidade para ouvir estas palavras. Mas não, agora não. Não desse jeito. Brandon sabia que era piegas, mas isso porque ele era romântico. E transar com a garota que ele amava enquanto ela estava doidona e no rebote era de uma burrice completa.

— Isso é... Deixa pra lá. — Ele se afastou dela.

— Ah, sem *essa* — gritou Callie. — Não quer transar comigo?

— Você está bêbada. Devia dormir para se recuperar.

E foi assim, ele limpou a boca e se afastou.



BennyCunningham: Oi. Já mandou as palavras do grito?

CallieVernon: Ainda não.

BennyCunningham: Bom, faz logo!

CallieVernon: Vou fazer. Ei, qual é o grito das outras?

BennyCunningham: Sei lá. Que tal “Seja Agressiva”?

CallieVernon: Tá.

BennyCunningham: Não se esqueça de mandar o grito a ela, a não ser que vc queria um sutiã com buraco nos mamilos!



Para: JenniferHumphrey@waverly.edu
De: CallieVernon@waverly.edu
Data: Sábado, 7 de setembro, 10:05h
Assunto: Grito de torcida

Oi, Jenny,

Perdeu uma festa ótima ontem. Como foi o negócio dos alunos novos?

Mas aí, a Benny me pediu para te mandar as palavras do grito. Envolve um pouco de dança — sensual! E você canta com a música de “Sounds Off”. Estou anexando um arquivo do Word da letra e vou mostrar os movimentos a você no quarto, tá?

C

P.S.: Recebeu a cesta de beleza KissKiss! que chegou hoje? Aproveita!

P.S.2: Tem alguma idéia do que vai dizer no CD? Me conta!

AS WAVERLY OWLS SABEM COMO —
E QUANDO — SER AGRESSIVAS.

Todo o mundo estava no vasto e verde campo de hó-
quei, que era cercado por um bosque denso. O sol
estava diretamente acima deles e o céu era de um azul
impecável, com um toque de frio no ar. Pais, alunos e ex-alu-
nos enchiam as arquibancadas. As meninas do St. Lucius des-
filavam de seu lado do campo. Estavam vestidas com suéteres
e saias roxos e brancos e com caneleiras roxas. O mascote do
St. Lucius, um ganso-do-canadá branco e preto gigantesco,
seguia atrás delas, batendo as asas de uma forma ameaçadora
para a coruja de óculos da Waverly.

Brett tirou umas folhas de grama da sola de um de seus
tênis Nike com travas e bufou para a aparência idiota da coru-
ja. Ela não conseguia deixar de pensar na citação de Dorohty
Parker: “Os homens raras vezes tomam liberdades com mu-

lheres que usam óculos.” Uma coruja de óculos parecia a mascote mais nerd do mundo.

Jenny estava sentada ao lado dela, enrolando e desenrolando tensa a fita adesiva no bastão de hóquei.

— E aí, como foi a festa ontem à noite? — perguntou Jenny. — Eu soube que vocês ficaram até bem tarde...

— Essa foi a Callie, e não eu — corrigiu-a Brett. — Eu tentei entrar sem que você percebesse. Mas você não perdeu grande coisa. Eu é que perdi meu celular. Você o viu?

— Não. — Jenny deu de ombros.

Brett trincou os dentes. Não ter o celular — ela o perdia *sempre* — significava que ela não fazia idéia se Jeremiah ou Eric tinham telefonado. Ela se perguntou se Jeremiah estava aqui no meio da multidão. Ela olhou o grupo de pessoas do outro lado do campo, mas não viu um cara alto e bonito com cabelo ruivo e macio em lugar algum. Ela se perguntou como ele teria recebido o recado dela na outra noite.

— Ai, estou tão animada com o grito. — Jenny sorriu. — Parece que vai ser bem divertido.

Brett se virou para ela de repente.

— Você sabe que é tudo armação, não sabe? — *A Callie que se foda.*

— Armação? — Os olhos de Jenny se arregalaram.

— É, isso é... — começou Brett, mas justamente aí Callie apareceu atrás delas e colocou a cabeça no ombro de Jenny. Brett desviou os olhos.

— Oi, garota — disse Callie com doçura a Jenny. — Você está uma gracinha hoje. É meu gloss Stila que está usando?

— Er, não. É meu. É MAC.

— É tão lindo. — Brett percebeu que Callie estava meio estranha, provavelmente por ter exagerado no ponche na noite anterior. Era legal que ela nem desse um oi a ela. Estava ocupada demais puxando o saco da Jenny.

Benny se aproximou do grupo.

— Prontas para o grito?

— É — concordou Callie. Ela olhou nervosa para Jenny. Jenny olhou nervosa para Brett. Brett deu de ombros. Elas que se virassem com essa merda.

— Então vamos! — gritou Benny.

Todas as meninas do banco se levantaram e ficaram pulando. Elas pediram a Devin Raunsch, um veterano cujo pai era um famoso produtor de discos, para tocar bateria e fazer o papel de DJ. Callie assentiu para ele. A agulha estalou em um antigo disco do Funkadelic. Ele arranhou algumas vezes e depois o batidão saiu pelo alto-falante. As meninas começaram a bater os pés.

— Seja. Agressiva. SE-JA a-gres-si-va...

Brett, que estava atrás da turma, dublava as palavras. Isso era tão imbecil. Ela olhou para Jenny, que se atirou na sua parte do grito.

— A galera do St. Lucius acha que detona, mas ninguém quer uma garota que é sem-sal e bobalhona!

Jenny ouviu sua voz relinchar sozinha e de imediato cobriu a boca. Infelizmente, ela também estava na parte da dança onde tinha que empinar o peito. Ela olhou e percebeu que *ninguém mais* lançou os peitos para a frente.

As colegas de time bufaram de rir. Jenny congelou, os peitos ainda empinados. Então era essa a armação. Rá, rá. *Não*

foi *nada* engraçado.

As coisas começaram a se mover em câmera lenta: as meninas rindo, o idiota do Heath Ferro batendo na coxa na fila da frente, toda a escola encarando seus peitos gigantescos. Depois ela percebeu uma coisa. Ela sabia que ou podia se sentir uma merda total e agir como a Velha Jenny, que, mortificada, voltaria a se sentar no banco e nunca mais falaria com ninguém. Ou ela podia tentar transformar a situação em alguma coisa interessante. Afinal, este podia ser seu último fim de semana na Waverly. Então, antes que conseguisse se conter, Jenny foi para a frente do time e começou a berrar a letra do grito que Callie tinha passado a ela por e-mail em tom de voz ainda mais alto.

— A galera do St. Lucius acha que detona, mas ninguém quer uma garota que é sem-sal e bobalhona! — começou Jenny, empinando os peitões novamente. — As garotas da Waverly pegam todos os gatos! Vamos nessa, todo o mundo vai batendo os sapatos! — Ela fez um movimento de assovio com os lábios.

— Nós tiramos sobancelha e as suas são peludas; nossa bunda é bonita e a sua é cabeluda! — Depois ela bateu com força em sua adorável bundinha redonda. As outras meninas escancararam a boca. — Nossa mascote é uma coruja e o seu um ganso é! Todo mundo aplaude a gente e vocês são as manés! — Novamente empinando os peitos. — Então sai dessa, St. Lucius, ou vai se arrepender. A coruja vai botar todo mundo pra correr! — Depois Jenny, como fora instruída, correu loucamente pelo campo e deu três saltos mortais, o melhor que pôde, mostrando a todos o que quer que ainda não tives-

sem visto de seu short azul-bebê.

Seguiu-se um silêncio aturdido. Embora as palavras fossem totalmente ridículas, cada garoto solteiro da Waverly e da St. Lucius — para não falar dos pais e professores homens — estava olhando para ela.

Depois, do outro lado do campo, Lance Van Brachel, um dos astros do futebol americano da Waverly, começou a aplaudir.

— Éééé! — gritou ele. — Aí! É isso aí!

Outro garoto aplaudiu devagar. Alguém assoviou. Depois todo o outro lado do campo irrompeu num aplauso. Todos começaram a pirar.

Brett encarou Jenny, que estava parada com os braços esticados, olhando tonta para a multidão, um sorriso enorme na cara. Jenny tinha revertido a manipulação de Callie em favor dela, uma coisa que nem Tinsley conseguira fazer. Jenny parecia não ter medo algum de que as pessoas a colocassem na berlinda, e seu corpo pequeno e curvilíneo ficava ótimo dançando. E tinha uma boa voz quando gritava, rouca e meio sexy.

Jenny olhou para os fãs do outro lado do campo. Caraca, isso era divertido! Então ela teve um lampejo de inspiração.

— Essa escola tem um Pônei, sujeitinho muito eca! Ele é sempre indecente e não se agüenta na cueca! — gritou ela a plenos pulmões. — Ele pensa que tem muito volume lá embaixo, mas é tão pequenininho que se eu procurar não acho!

As arquibancadas da Waverly enlouqueceram. Um bando de garotos cobriu a boca e gritou um “Oh!” coletivo na direção de Heath. Todos estavam rindo. Jenny olhou para Heath na fila da frente — a cara dele estava vermelha de raiva. *Tê*

peguei.

— Vamos lá, de novo! — Jenny partiu novamente para o grito, mal dando pela presença das outras meninas. Todas eram expectadoras. Se não quisessem gritar com ela, ela não ligava. Ela se sentia livre e doida.

Brett estava confusa. De repente, ela sorriu e correu para se juntar a Jenny.

— A galera do St. Lucius acha que detona, mas ninguém quer uma garota que é sem-sal e bobalhona! — gritaram as duas juntas. Jenny sorriu e bateu o traseiro no quadril de Brett. No final do grito, ela até levantou a blusa. Os meninos do outro lado do campo ficaram loucos.

Depois Celine também se juntou a elas. E em seguida Alison, depois Benny. Depois o resto das meninas. E por fim, porque parecia estranho que fosse a única jogadora de hóquei a *não* participar do grito da torcida, Callie começou a gritar também.

UMA WAVERLY OWL DEVE SABER
QUE DIVERTIDAÇA É UMA PALAVRA
QUE NÃO EXISTE.

Estimuladas pelo grito, as Waverly Owls derrotaram as St. Lucius Geese por 6 a 3. Assim que tocou o apito final, Brett correu para o quarto no alojamento. Ali, na cama, estava seu celular. Será que ela o deixara na cama esse tempo todo? Havia três chamadas não atendidas — todas da irmã — e uma mensagem de texto: *Estou no porto. Vénha se quiser.* — ED.

Ela rapidamente vestiu a calça vai-ficando-melhor-com-o-passar-da-noite, a Joseph que mais a valorizava, e o top de seda Diane von Furstenberg mais fino e sem mangas e fechou o zíper das botas pretas mais pontudas. Ela foi correndo para a beira da água.

Eric estava parado no pequeno convés do veleiro branco

vestido em calças cáqui e uma camisa pólo verde de manga comprida. Ele segurava um binóculo nos olhos e olhava para alguma coisa nas árvores. Uma vara de pesca estava apoiada na amurada do barco. Quando a ouviu atrás dele, ele se virou, o binóculo ainda nos olhos. Brett cobriu o peito por instinto, como se o binóculo fosse uma lente de raio X.

— Não teve jogo de futebol para você? — perguntou ele, baixando o binóculo.

— Não.

— O jogo de futebol americano não é a melhor parte do dia?

É, só que o ex-namorado dela por acaso era quarterback do outro time. Brett não tinha muita certeza se Jeremiah recebera o recado de preciso-terminar que ela deixara na caixa postal, mas ela meio que não se importava.

— Eu não gosto mesmo de futebol americano — respondeu ela timidamente. — Posso subir a bordo?

Ele riu.

— Claro que sim.

— E aí. — Ela passou as mãos na amurada cromada do barco. — Essa coisa tem nome?

— Ainda não. É novinha em folha — respondeu Eric, os olhos cinzentos e penetrantes nela. — Eu estava pensando em alguma coisa de Hemingway.

Brett se revirou por dentro. *Tipo talvez alguma coisa de O sol também se levanta?*, ela queria saber.

— Em que posição do hóquei você joga?

— Meio-campo — respondeu ela, como se isso não tivesse importância, embora ela jogasse hóquei desde que ti-

nha sete anos e tenha marcado dois dos seis gols de hoje.

Ele riu, depois pegou a vara de pesca.

— Por que isso é engraçado?

— Não é. É só que eu não consigo imaginar você num uniforme de hóquei.

— Já tentou? Imaginar, quero dizer. — Brett sorriu toda vaidosa. Ela estava sendo ousada, até para os padrões dela.

— Talvez. — Os olhos de Eric não saíam dela. — É uma saia bem curta. Vocês encurtam, não é?

— Claro que não! — mentiu Brett. — Sempre foram curtas!

Ela se sentou em uma das cadeiras de capitão e olhou a água cintilante. O pináculo da capela da Waverly se projetava ao longo do bosque verde-azulado e elegante, e as corujas voavam por cima, como se atraídas magneticamente pelo barco. Até a água tinha um cheiro sensual.

— Então, eu queria te agradecer pela outra noite — arriscou-se ela por fim. — O avião. O jantar. Ver a casa da sua família. Foi bem divertido.

Dalton retirou o binóculo do pescoço.

— Fico feliz com isso.

Um grito surgiu do estádio de futebol na distância e a banda começou a tocar. Brett olhou naquela direção, perguntando-se quem tinha marcado pontos. Jeremiah provavelmente estava em campo neste segundo.

Brett olhou para Eric. Mordendo o lábio, ela se levantou e deu um passinho na direção dele.

— Então, é, foi divertido, mas...

— Mas o quê? — Eric fez uma pausa.

Brett pensou ter detectado alguma coisa estranha na voz dele. Ela se sentia como se estivesse parada na beira de um penhasco que dava para o mar turquesa do Caribe. Era ou se virar e seguir direto para o bangalô para tomar um Red Stripe duplo na rede ou mergulhar do penhasco. Ela tomou uma golfada de ar.

— Você acha que havia alguma coisa que talvez pudesse ser *divertidaça*? — perguntou Brett, tombando a cabeça de lado.

— *Divertidaça* é uma palavra que não existe. — Eric sorriu com malícia. A água batia na lateral do barco.

— É, eu sei — sussurrou ela, baixando os olhos, sentindo-se nova e burra. *Vólte para o bangalô! Agora!* Lutando para se decidir, ela bateu as pestanas e empinou o peito. Ela não fazia idéia de onde tirara esses movimentos. Jenny, quem sabe? Ela ouviu Eric respirar.

Foda-se. Ela ia mergulhar. Ela foi direto para onde ele estava, ainda pescando. Ele era alguns centímetros mais alto do que ela. O cabelo alourado dele caía desordenado sobre os olhos e ele tinha um pequeno arranhão ao lado do nariz. Ele apoiou a vara de pesca na amurada de novo.

— Talvez *isto* possa ser... *divertidaço*? — Depois ela jogou o corpo no dele e o beijou. *Ahhh, isso.*

A boca de Eric era maravilhosa. Brett tentou se conter, mas parte dela queria devorá-lo, como se ele fosse caviar Beluga. Ela continuou beijando-o, delicadamente no começo, querendo que os lábios dele se separassem, até que finalmente as mãos fortes de Eric cingiram sua cintura e os lábios se misturaram com os dela. Ele a puxou para mais perto. A boca de Brett se abriu. Brett se preocupou com a possibilidade de estar com

gosto do suor do jogo, mas ela não se importava. Nem ligava que eles estivessem em plena luz do dia, no *campus* da Waverly, no Sábado Negro, e toda a escola estivesse a menos de um quilômetro de distância.

Ela parou de beijá-lo e deu um passo para trás, sorrindo timidamente.

Eric lambeu os lábios. Parecia que estava tentando esconder um sorriso.

— Humm, então. Isso é, er, definitivamente... — Ele pegou a mão dela e seus olhos encontraram os de Brett. Ele mordiscou o lábio inferior. — Então eu acho... Acho que devia voltar para minha sala por um tempo.

— Ótimo. Vamos — respondeu Brett sorrindo. — Agora. Dalton enrijeceu na amurada.

— Quero dizer, acho que eu devia voltar para minha sala e eu acho que *você* deve voltar para seu jogo de futebol americano — sussurrou ele, a mão afagando a orelha dela.

Brett se afastou dele e olhou freneticamente na direção do estádio. Eric saiu do barco. Ele estendeu a mão para ela e a ajudou a desembarcar.

— Se eu for a sua sala, você não vai se arrepender. — Ela nunca disse nada parecido com isso a ninguém em toda a vida.

— Eu sei disso. — Eric suspirou. — Acredite em mim. Eu sei muito bem disso. Mas, humm... — Ele olhou para os Docksiders azul-marinhos. — Eu acho... Acho que devo ir. Mas obrigado.

E com essa, ele ergueu o polegar, tocou o queixo de Brett e se virou, deixando Brett com suas lindas botas pretas e pontudas parada em um convés de um barco idiota, sozinha.

AS WAVERLY OWLS JAMAIS REJEITAM UM
JOGO DE “EU NUNCA” — MESMO QUE ISSO
SIGNIFIQUE BEIJAR HEATH FERRO.

Brandon estava de pé, um gim-tônica na mão, conversando com Benny Cunningham na festa Sábado Negro, que acontecia, surpresaaaaa!, na casa de campo de Heath Ferro, em Woodstock, a cerca de uma hora da Waverly. Ele viu Jenny descer de um Hummer com um grupo de meninas do hóquei. Todas estavam vestidas com um suéter desleixado de *chashmere* e gola em V cor-de-abóbora, mas o suéter de Jenny revelava sua linda pele de porcelana e expunha parte dos ombros nus e ele podia perceber uma alça de sutiã larga e de cor creme.

Depois do jogo de futebol americano, Heath distribuiu passes para passar a noite fora do *campus* à elite da Waverly e conduziu todos a uma frota de limusines Hummer que ele

pegara emprestada da empresa de I-banking de Wall Street do pai. Brandon ficou olhando à distância enquanto Heath se aproximou de Jenny, que era flanqueada por uma turma de admiradores, deu-lhe um beijo educado no rosto e entregou um passe a ela. Até ele teve que dar os parabéns a ela pelo grito de torcida.

A festa acontecia no enorme gramado dos fundos da casa. Estava quente e silencioso ali fora, e Heath conseguira que o jardineiro instalasse uma tenda branca enorme e fileiras de pisca-piscas de Natal. Ele também pegou seis esculturas gigantes da crescente coleção dos pais de compras aleatórias em galerias para decorar a tenda cara. As esculturas eram lírios enormes em flor. Suas pétalas lustrosas lembravam a todos, não tão inconscientemente, de sexo. Como se alguém precisasse de algum lembrete. Depois de ver o peito de Jenny, era a única coisa em que todo mundo pensava.

Jenny viu Brandon e correu para ele.

— Oi! Aonde você foi depois do jogo? — exclamou ela animada.

— Acho que vim para cá um pouco mais cedo — respondeu ele, depois desviou os olhos rápido. Ele ainda se sentia perturbado com a história Callie-Easy-Jenny.

— Qual é o problema? — perguntou ela.

— Nenhum.

— Jenny, aquele grito foi totalmente divertido. — Benny apertou a mão de Jenny. Os brincos de pérolas Mikimoto de Benny eram tão grandes que os lóbulos das orelhas estavam caídos.

— Obrigada! — gritou Jenny.

— Brandon, você viu?

— Vi. — Teria sido difícil não ver. Foi meio vulgar, mas meio sensual ao mesmo tempo. E o cérebro dele parecia que ia explodir, vendo Jenny e Callie empinando os peitos e batendo a bunda ao mesmo tempo. E é claro que ele adorou ver Heath tremer de constrangimento quando Jenny falou de seu pinto pequeno.

Jenny o olhou atentamente.

— É sério, você está bem?

— Er — murmurou Brandon.

— O que foi? — perguntou ela novamente. Benny tinha se afastado para falar com outra pessoa. — Pode me contar.

Ele apertou os lábios. Ele não sabia o que estava sentindo. Será que estava confuso a respeito de Callie? Irritado com Jenny por estar a fim de Easy? Chateado por voltar à escola, e ponto final? De repente uma voz alarmanamente aguda se destacou na multidão.

— Jenny! — Brandon e Jenny viraram a cabeça. Celine estava sentada do outro lado, em um sofá de couro branco. Brett, toda de preto, estava sentada no braço do sofá. Callie estava de pé do outro lado, fumando em uma piteira prateada. O coração de Brandon começou a martelar. — Jenny, vem cá! — gritou Celine.

Jenny olhou de novo para Brandon.

— Tem certeza de que está tudo bem? — perguntou ela.

— *Jen-ny!* — berrou Celine novamente.

Jenny olhou para ele de um jeito indagador por mais um momento e Brandon percebeu que ele estava sendo meio babaca. Então Callie estava ferrando com as emoções dele. E

Jenny não gostava dele. E daí? Ela ainda era doce e carinhosa. E neste exato momento, ela parecia tão *feliz*.

— É sério — ordenou ele. — Vai.

Ao se virar para ir até o sofá das meninas, uma veterana alta e convencida chamada Chandler pegou o braço de Jenny.

— Grito legal.

— Obrigada!

Outra loura parada ao lado de Chandler, que vestia um top fino e prateado e calça listrada de rosa e cinza, semicerrou os olhos para Jenny.

— Você já foi modelo? Você me parece familiar.

— Acho que ela parece a Tinsley — acrescentou Chandler.

— Na verdade, fiz um anúncio da Les Best. Mas foi só uma vez — disse Jenny, reluzente.

— Então, é isso! — gritou a menina. — Eu adoro aquele anúncio. Você está tão linda nele, toda doida na praia. Quem foi seu cabeleireiro?

— *Jenny!* — gritou Celine do sofá novamente.

— Tenho que ir — explicou Jenny a Chandler e à outra garota. — Foi um prazer conhecer vocês — Enquanto ia para o sofá novamente, algo lhe ocorreu de repente. Ela não se sentiu compelida a inventar uma história maluca sobre um desfile de moda seminua ou uma noite pervertida com os Raves. Nada disso. Jenny, não a Velha Jenny, nem a Nova Jenny, mas esta Jenny, era boa o bastante para essas meninas do jeito que ela era. *Eu adoro a Waverly!*, pensou ela, com um estremecimento momentâneo de prazer. Meu Deus, ela simplesmente não podia ser expulsa. Agora não!

Ela se juntou às outras no sofá. Celine de imediato passou

a ela um martíni de Grey Gosse com Red Bull.

— Então não está chateada com a gente? — perguntou Celine. — Com o grito de torcida?

— É. — Callie sacudiu a cabeça. — Eu queria contar a você...

— Não se preocupem — Jenny as tranqüilizou. Embora tivesse sido meio cruel, ela agora se sentia parte de alguma coisa, uma tradição verdadeira e *exclusiva* da Waverly. Isso não era incrível?

— Mas aquele grito foi demais — comentou Celine. Ela estava fumando um Dunhill Ultra Light e mordendo seu colar de contas ao mesmo tempo.

Jenny se aproximou de Brett, que estava sentada na ponta do sofá e parecia estar ali há 96 horas.

— Você sumiu depois do jogo. Está tudo bem?

— Sei lá — respondeu Brett mecanicamente.

— É o... — começou Jenny.

Brett pôs o dedo nos lábios mas assentiu infeliz.

— O que aconteceu?

Brett sacudiu a cabeça.

— Não posso falar sobre isso — cochichou ela entre goles de bebida.

— Tudo bem.

Callie pegou o braço de Brett.

— Eu vi o Jeremiah quando eu estava chegando. Ele está procurando por você.

Os olhos de Brett se arregalaram de medo.

— Você disse a ele que eu estava aqui?

— Er, disse. Por quê, existia algum motivo para eu não

dizer? — perguntou ela, obviamente fingindo distração.

— Merda — murmurou Brett.

— Qual é o problema? Até parece que você está saindo com outro, né?

Brett sacudiu a cabeça febrilmente.

— Você não devia ter contado a ele que eu estou aqui.

— Bom, desculpa! Como é que eu ia saber? — perguntou Callie. — Você não me conta mais nada mesmo.

— Você só... não devia.

As outras meninas olhavam de Callie para Brett, como se assistissem a uma partida final de Wimbledon. Jenny se perguntou se Callie sabia de Brett e o Sr. Dalton. Callie apagou o cigarro com o salto do mule de crocodilo azul.

— Então, por que não quer ver o Jeremiah, afinal?

— Eu só... não quero. E pronto.

— Ele não é legal o bastante para você? *Nós* não somos legais o bastante para você? — perguntou Callie, rolando a língua na bochecha.

— O que é isso — retorquiu Brett. — Eu não disse...

— Você está querendo namorar um cara *mais velho*?

Jenny congelou.

Brett franziu o cenho.

— O que isso quer dizer?

Callie tombou a cabeça de lado.

— Você achou seu celular?

— Achei. — Brett acendeu um cigarro. — E daí?

— Daí que... nada. Eu o achei. Só queria ter certeza de que você o encontrou.

— Você viu minhas mensagens? — A voz de Brett ficou

aguda.

— Não! — Callie parecia magoada. — Eu não faria isso!

— Uma ova que não faria. Deixa pra lá. Tenho que ir embora dessa merda.

— Do que ela está falando? — perguntou Celine enquanto Brett disparava para fora.

Callie encarou fulminando a figura de Brett que se afastava e não respondeu.

— Parece que ela está tendo problemas com os homens... Ela nem quer ver o Jeremiah! — acrescentou Celine. — E ele é tão gato!

— Ah, não é com o Jeremiah que ela está tendo problemas — cochichou Callie. — É com, sabe quem... o *Sr. Dalton*.

A boca de Jenny se escancarou. Ai. Meu Deus. Que amiga era a Callie.

— Dalton? — repetiu Celine. As meninas a olharam num silêncio aturdido.

— Total. Eles realmente estão... — Callie começou a cochichar, mas foi interrompida por Heath Ferro. Estava com um capacete viking falso, à la Flava Falv, e tinha tirado a camisa para revelar uma tatuagem celta temporária no peito.

— Oi, meninas. — Ele passou os braços em Jenny e Callie. *Acho que ele gosta de mim de novo*, pensou Jenny pervertidamente. Não que ela se importasse. — Estou cheio de idéias. — Ele apontou para os chifres.

Celine riu.

— Eca!

— É claro que está, Pônei — disse Benny, que tinha aparecido atrás deles.

— É verdade. Então, querem jogar “Eu Nunca?” — Heath pegou uma garrafa de Cuervo de uma mesa próxima.

— Claro que sim — concordou Callie rapidamente, desviando os olhos de Brett, que parou na porta da tenda, todo o corpo tremendo.

— Tudo bem, mas regras novas: se vocês nunca transaram vão ter que tomar um gole e beijar alguém — anunciou Heath, afagando um dos chifres do capacete.

— Você é inacreditável. — Benny riu.

— Tá bom. — Callie suspirou. — Mas nada de língua.

Jenny, Heath, Sage, Teague Williams e Benny se organizaram no gramado molhado do lado de fora da tenda. O ar estava frio e úmido, mas Jenny sentia um calor vindo da barriga. O martíni de Red Bull fez com que se sentisse meio estranha.

— Quem quer ser o primeiro? — perguntou Heath, dando um gole longo na Heineken.

— Eu vou. — Jenny levantou a mão. Ela serviu a bebida em pequenos copos de plástico. — Tudo bem. Então. Humm... Eu nunca transei num campo.

Callie, Celine e Benny deram de ombros. Jenny, Heath e Teague tomaram um gole.

— Vamo lá, Jenny — chamou Heath, arrastando-se pela roda na direção dela. — Vamos ver se você se lembra como se faz.

Eca, eca, eca. Jenny deu um selinho de bêbada na boca de Heath e depois lhe deu um beijo brincalhão na barriga.

— Jóia! — guinchou ela. E em vez de rir dela, todo o mundo gritou e tomou outro gole, só para se divertir.

NEM TODAS AS WAVERLY OWLS
PRECISAM DE ÓCULOS.

Easy puxou o baseado com força e o passou a Alan St. Girard. Eles estavam sentados em um pequeno nicho que os separava do resto da tenda com aquelas cortinas de contas que uma vovó podia ter na casa de jogos.

— Esta festa está um saco — Easy conseguiu grunhir enquanto tentava prender a fumaça da maconha nos pulmões.

— Mas não são sempre assim? — respondeu Alan.

Eles conversaram por alguns minutos sobre que festa tinha sido a melhor e concluíram que foi a que Tinsley Carmichael dera na enorme cabana de madeira dos pais dela no Alasca um ano e meio antes. Aconteceu nas férias de primavera e a maioria dos meninos tinha ido com os pais para Park City ou Monte Carlo, então nem todos foram ao Alasca. A casa ficava na beira de um lago de gelo, perto de uma monta-

nha roxa gigantesca. Todos beberam tanto vinho tinto que ficaram completamente desinibidos. Isso foi antes de Easy e Callie ficarem juntos, e ele convenceu Tinsley a ficar nua com ele e se sentar na hidro externa da casa, onde eles conversaram a noite toda. Foi o tipo de festa onde tudo é sereno e perfeito — ninguém ficou chateado com ninguém e todo mundo tomou um porre divertido sem desmaiar nem vomitar no piso de teca.

A cortina de contas se abria e Brett entrou de repente. Estava toda de preto e parecia áspera e amuada, como aquela bruxa velha e má da maçã em *Branca de Neve*.

— O que é que tá pegando? — perguntou Easy enquanto ela se jogava ao lado dele.

— Posso me esconder aqui com vocês? — Ela pegou o baseado, que tinha queimado até uma guimba pequena e nodosa, deu um longo trago e soprou a fumaça pelo nariz.

— Claro.

— Vocês, homens, não têm sentido nenhum — disse ela por fim depois de uma longa pausa, passando as mãos no cabelo insanamente ruivo.

— Quem, eu e Alan?

— Não. — Brett se virou para Easy, e Easy se lembrou do motivo para ele gostar tanto dela. Brett tinha queixo largo, olhos grandes, um rosto bonito, meio como o de Mandy Moore. — Quer dizer... Por que é que quando vocês querem uma coisa, e quando conseguem, quando nós *damos* a vocês, vocês estragam tudo?

Alan deu um tapa e se recostou, passando a mão no cabelo castanho muito curto.

— Isso é meio profundo demais para mim, cara.

Brett pegou os cigarros e acendeu um.

— Deixa pra lá — disse ela num tom de zombaria, levantando-se novamente. Ela semicerrou os olhos para Easy. — Você ainda está com a Callie?

— Sei lá.

Ela deu uma risadinha.

— Foi o que eu pensei. Vou dar o fora daqui. Boa festa para vocês, meninos.

— Ela é tão estranha — murmurou Alan. — Sabe o que eu soube? Ouvi dizer que ela está trepando com um dos professores. Aquele cara novo.

— A Brett? — perguntou Easy, procurando por ela. — Não.

— Não sei não, cara. Olha só pra ela. Ela está um lixo.

Easy grunhiu e rolou uma das cortinas de contas bege entre os dedos. Seu cérebro de chapado tentou processar o que tinha acontecido com Callie. Eles estavam juntos ou não?

Ele se levantou e separou as contas com a mão, sentindo-se totalmente confuso. Ele esperava que o amor fosse uma coisa estupenda, talvez meio dolorosa. Como o jeito dolorido e gasto como ficavam suas costas e pernas depois de cavalgar em Credo o dia todo. Ou a sensação de quando ele estava em Paris, parado no Sena, vendo as pessoas passarem, e de repente percebeu que ele estava *exatamente ali* naquele momento e não preso em algum lugar do passado ou do futuro. Mas ele não tinha certeza se sentia a mesma coisa com Callie. Onde estava ela, aliás?

E foi aí que ele a viu.

Heath Ferro beijava Callie em todo o rosto. Ela baixou tanto a calça jeans dele que ela caía abaixo dos quadris. Ele podia ver um pedaço do traseiro dele. Como sempre, Heath estava no comando.

Easy voltou para o esconderijo. Bom, aí estava a resposta dele.

UMA WAVERLY OWL SABE QUE ÀS
VEZES É UMA BOA IDÉIA FICAR
SENTADA NAS SOMBRAS.

— Parece que estou toda solta e sacudida. — Jenny agitou os braços em volta do corpo. Ela foi para o gramado surpreendentemente silencioso atrás da tenda. Havia um pequeno jardim japonês de rochas, um banco de pedra com musgo e um espelho d'água ladeado por ladrilhos cor de jade. Um peixe dourado gigante nadava devagar no espelho d'água redondo. Depois de algumas rodadas de “Eu Nunca”, Brandon lhe deu um tapinha no ombro e perguntou se ela queria tomar um pouco de ar.

— Você estava ficando meio verde lá dentro — disse ele.

— Eu estou bem. Mas obrigada por me tirar de lá. Estava ficando meio esquisito. — Ela não ficou realmente entusiasmada por ver um pedaço da bunda de Heath Ferro, que tentava

aparecer ao máximo.

— Tudo bem.

— Por que é que não jogou com a gente? Você tem alguma coisa contra jogos de beijar?

— Eu... — Ele hesitou. — É complicado.

Jenny virou a cabeça.

— Tá legal — respondeu ela. Ela estava feliz que Brandon se sentisse bem só de ficar sentado com ela em silêncio, sem explicar nada. Os amigos ficavam juntos sem dizer nada, afinal, e embora ela estivesse se divertindo muito na festa, alguma coisa nela parecia vazia, agora que estava bêbada. Com quantas pessoas dali ela realmente se sentia ligada? Brandon era um amigo de verdade e eles podiam ser sinceros um com o outro. Ela pousou a cabeça no ombro dele e olhou para o reflexo dos dois no espelho d'água.

— Você nunca me contou que ficou com a Callie no ano passado. — Ela olhou para ele.

Ele olhou para baixo.

— É.

— É por isso que você odeia tanto o Easy?

Ele assentiu.

— Bom. Isso faz sentido.

— Mas é tão confuso — começou Brandon devagar. — Eu ainda gosto de verdade dela. Tentei não gostar, mas... Não consigo.

— Eu entendo perfeitamente — disse ela, pensando em Easy.

Outro reflexo apareceu no laguiinho. Era de um cara de cabelo desgrenhado e irresistivelmente bonito que, apesar de

estar em uma festa, ainda tinha manchas de tinta no pescoço. Jenny prendeu a respiração. Era como se ela tivesse conjurado Easy só de pensar nele.

Ou talvez ela só estivesse meio de porre.

— Oi. — Ele a cumprimentou com delicadeza.

Jenny piscou. Ele vestia uma camiseta preta desbotada NASHVILLE MUSIC FESTIVAL e jeans sujos e manchados de tinta. O cabelo basto, brilhante e quase preto, que precisava com urgência de um corte, enroscava no pescoço dele.

Brandon fechou a cara de frustração, depois apertou a mão dela.

— Eu preciso ir — anunciou. Ele se curvou e cochichou no ouvido dela. — Boa sorte.

Brandon passou roçando por Easy sem cumprimentá-lo, depois lentamente se afastou. Easy se sentou ao lado de Jenny.

— O que vocês estavam fazendo aqui fora? Tem todo tipo de merda doida acontecendo neste lugar.

— É, eu participei de uma merda doida, mas decidi sair e olhar o espelho d'água.

— Uma beleza — murmurou Easy.

— É, não é?

— Eu quis dizer você, e não o lago — sussurrou ele.

As palavras de Jenny ficaram presas na garganta. Ela também estava muito, muito bêbada. Mas de repente ela também se sentiu muito, muito sóbria. Easy acendeu um cigarro e o fumou em silêncio, deixando uma faixa fina de fumaça cinza vagar pelo jardim e formar um halo sobre as árvores de origami.

— Eu vi seu grito no jogo de hoje. — Easy quebrou o si-

lêncio. — Foi... Qualquer coisa de impressionante.

— Ah — ela conseguiu dizer, olhando para baixo, constrangida. Quanto mais bêbada Jenny ficava mais ela se perguntava se realmente pertencia a este lugar. Então ela transformou o grito de torcida hoje, mas e se ela não conseguisse manter esse tipo de raciocínio rápido o tempo todo? Ela tentava não pensar nisso, mas pensamentos horríveis sobre a audiência do Comitê Disciplinar ficavam se esgueirando para dentro de sua mente. É claro que ela foi popular esta noite, mas que importância tinha isso se ela fosse expulsa da Waverly na segunda-feira? Ela podia dedurar Callie, mas todo o mundo definitivamente a odiaria se ela conseguisse a expulsão de Callie. Não havia jeito de sair ganhando nessa.

— Onde você aprendeu aquilo?

— Na verdade... É esquisito demais pra explicar.

— Sei — respondeu Easy. — Mas aí, sabe quando te falei das corujas naquele bilhete?

— Sei. — Jenny olhava para o perfil dele pelo canto do olho. A noite estava ficando mais fria e ela podia ver o orvalho se formando na grama ao redor deles. Ela se perguntou que horas seriam.

— Você acha que foi totalmente idiota?

Jenny cruzou as pernas.

— O quê? Não. Por quê?

— Porque... Eu te disse que eu achava que elas conversavam.

— Não. Na verdade, eu achei um doce.

— Achou? — Ele sorriu timidamente para o chão.

— É. — Ela sorriu também, agora olhando para ele.

Easy se aproximou aos poucos de Jenny.

— Por quê?

Jenny pensou no motivo. *Porque você é um gato? Porque você é lindo? Porque eu não consigo deixar de pensar em como você é perfeito para mim?*

Jenny se aprumou.

— Easy? Você está me dando mole porque a Callie te pediu para fazer isso?

Ele deu um trago no cigarro.

— Eu ia te perguntar a mesma coisa.

— Ah — disse ela, confusa. Ela encarou o próprio reflexo na água. — Bom, está?

— Não — respondeu ele por fim. Jenny percebeu que a mão dele estava tremendo. — E você?

— Não — respondeu Jenny rapidamente. — É claro que não estou.

— O que você vai fazer no CD? — perguntou ele depois de alguns segundos, apagando o cigarro numa pedra. — Vai dizer que foi culpa da Callie?

— Eu ainda não decidi. — Jenny sentiu o rosto se enrugando. Ela não queria estragar a vida de Callie, mas também não queria ser expulsa da Waverly. E se ela soubesse do CD e nunca mais visse Easy?

— Olha — Easy suspirou. — Eu não acho que nada disso é certo, e eu não acho que você deva se meter em problemas. E além disso, eu nem estou mais com a Callie.

Jenny prendeu a respiração.

— É estranho que ela esteja manipulando a gente, né?

Ela assentiu imperceptivelmente.

— E mais do que isso... As coisas não estão certas — sussurrou ele, como se estivesse falando consigo mesmo.

— Como assim? — perguntou Jenny, desejando que ele olhasse nos olhos dela e depois, talvez... para sua boca.

— Bom... — Easy se recostou na grama e olhou o céu. Jenny se lembrava de como ele apontou as Sete Irmãs no teto e se perguntou onde estava a constelação esta noite. — Sabe aqueles comerciais de diamante De Beers que mostram o amor como... como uma coisa cintilante e louca?

— Sei — disse Jenny, deitando-se de costas também.

— Bom, eu quero isso — explicou Easy, falando para a frente. — Eu não tenho isso agora, mas quero. Não de um jeito idiota, mas quero tudo isso.

Jenny tremeu por dentro. Ela entendia completamente o que ele queria dizer. E enquanto eles olhavam o céu, as estrelas no alto piscaram, cintilantes. Como se fossem diamantes.



Para: "galera da festa" (27 membros na lista)
De: HeathFerro@waverly.edu
Data: Domingo, 8 de setembro, 11:40h
Assunto: Demais, demais, demais

Pessoal. A festa Sábado Negro foi superquente. Alguns números interessantes:

6: Número de meninas com quem fiquei ontem à noite. (Esse é o número de que eu me lembro, é claro.)

11: Garrafas de Cuervo que secaram. Caraca!

1: Cara estranhamente elegante parado na margem do jogo "Eu Nunca", olhando ansioso para uma certa deusa loura de Atlanta.

2: Pares de sapatos femininos perdidos. Um par de Manolos, um par de Tod's. Quem é que ficou tão mal que foi para casa descalça?

2: Pessoas sentadas no meu laguinho de peixes, olhando-se nos olhos amorosamente. Mas e não vou contar quem são. Só meu peixe dourado, Stanley, sabe disso.

Até mais, galera,

Heath

P.S.: Mal posso esperar pela próxima farra.

P.S.2: Só faltam três semanas. Tratem de descansar!

PRATICAR UM ESPORTE É UMA FORMA
SAUDÁVEL DE AS WAVERLY OWLS LIDAREM
COM SUA AGRESSIVIDADE.

As equipes esportivas da Waverly eram tão cruéis que obrigavam todo o mundo a ir ao treino de esportes no Domingo Mais Negro (assim chamado por motivos óbvios). Todos chegaram ao campo com bafo de martíni, olheiras nos olhos ainda manchados nas pálpebras superiores e a língua rosa, cortesia de duas doses de Pepto Bismol para acalmar o estômago revoltado.

Callie estava sentada no banco de hóquei com a cabeça entre as pernas. Estava com um chupão no pescoço e tinha certeza de que não era de Easy. Ela tentou cobri-lo com o bastão Joey New York, mas a grande mancha roxa ainda estava lá. Na verdade, ela não dava a mínima para isso, queria se enroscar de novo no cobertor de *cashmere* e chupar o dedo. Ela olhou

Jenny e Brett sentadas na grama, alongando-se, como se não tivessem tomado uma gota de álcool na noite anterior. Desde quando elas eram tão boas amigas?

A Sra. Smail soprou o apito e chamou as meninas para o início da partida. De todas as coisas a fazer em um treino pós-festa Sábado Negro, elas iam realmente *jogar*? Por que todo o mundo não dava só umas voltas e ia para a cama?

— Callie Vernon, Brett Messerschmidt, vocês no meio-campo — instruiu a Sra. Smail.

Um arfar coletivo surgiu do banco. Todas viraram a cabeça de um lado para o outro, do rabo-de-cavalo louro de Callie para o cabelo ruivo de Brett. Callie se levantou do banco, sentindo-se inchada e nauseada. Ela viu Brett correr para o meio do campo. A frustração cresceu dentro dela novamente. Como Brett *ousou* não contar a ela sobre o Sr. Dalton?

Assim que a Sra. Smail largou a pequena bola prateada, Brett bateu nela, girando o bastão com tanta estupidez que atingiu a caneleira de Callie.

Callie recuou de dor e raiva. Ela disparou atrás de Brett, que agora estava alguns passos à frente dela, conduzindo a bola. O gramado estava molhado debaixo de seus pés e as travas pretas e brancas do tênis Nike afundavam no chão. A saia de Brett se levantou tanto que era possível ver o fundo do short marrons STX e a bunda magrela. Callie a alcançou e desceu o bastão entre Brett e a bola. Depois as mãos de Brett giraram e ela bateu na bola com o lado redondo do bastão de hóquei, mandando-a para longe de Callie, para uma jogadora de meio-campo do time de Brett.

— Falta! — gritou Callie, parando no campo. — Sra.

Smail! Foi falta!

— Eu não vi — respondeu a Sra. Smail. — Continuem jogando. — Ela gesticulou para as outras meninas, que tinham pego a bola e a conduziam para um dos gols.

— Meu Deus! — Callie atirou o bastão no chão, de desgosto. — Ela bateu na bola com o lado errado do bastão!

— Tanto faz — disse a Sra. Smail. — É só um treino e eu não vi isso.

Callie se virou para Brett, os olhos estreitados.

— Não ensinam hóquei em Nova Jersey, né?

Callie observou enquanto a pele leitosa de Brett ficava mais branca.

— Vai pro inferno — murmurou Brett por fim.

— Aaaah, o grande retorno da monitora da turma, Brett Messerschmidt. Pensei que você tinha ótimas habilidades de debate! Pensei que podia se safar de tudo só no papo!

— Meninas — alertou a Sra. Smail —, joguem, Brett, seu time acaba de marcar um gol.

Brett contornou a Sra. Smail para encarar Callie.

— Que foi, Callie? Que coisa enorme é essa que você tem contra mim? Eu é que devia estar com raiva de você... E não o contrário!

— Ah, é? E por quê?

— Porque você é uma cretina manipuladora, é por isso!
— gritou Brett.

As outras jogadoras arfaram. A Sra. Smail tentou se meter entre elas, mas Callie lançou-lhe um olhar que dizia *Fique fora disso*. A Sra. Smail se virou e começou a andar rapidamente para a sede.

Callie se virou para Brett.

— Retire o que disse. Eu não sou manipuladora.

Brett deu uma gargalhada.

— Não? Então o que é toda essa história de Jenny e Easy? Como é que não é manipulação? — Ela olhou para Jenny, que estava parada perfeitamente imóvel, o bastão suspenso, vendo-as de sua posição no meio-campo.

Callie olhou para Jenny também. Ótimo. Que ótimo. Um comentário assim ajudaria muito a Jenny a livrar a cara dela no CD. Ela olhou para Brett.

— Você não sabe de nada.

— Eu não preciso saber de nada — rebateu Brett. — Eu conheço você e sei como age. Pelo que você fez com a Tinsley.

— Tinsley?! — A boca de Callie se escancarou.

— É isso mesmo. — A voz de Brett estava rouca. Ela se aproximou da ex-amiga, tão perto que as duas quase se tocaram pelo nariz. — Por que não abre o jogo? Você armou para a Tinsley levar toda a culpa. Você fez isso para não ficar encrencada.

Ah, isso já era alguma coisa.

— *Eu* armei? Quem disse que não foi *você* que armou? — gritou Callie.

As lágrimas corriam de seus olhos.

— Eu nem *falei* com a Tinsley antes de ela ir embora! Eu fui chamada no CD, saí, e ela já tinha saído!

— Ah, tá. Essa é uma boa...

— Por que eu ia armar pra cima da Tinsley? Nós éramos amigas!

Brett recuou um passo e olhou para Callie, confusa. As duas se olharam por longos segundos antes dos ombros de

Brett relaxarem um pouco.

— Está falando sério, não está?

Callie assentiu feroz.

— E você acha que *eu* meti a Tinsley em problemas?

— Bom, *eu* não fui, então deve ter sido *você* — explicou

Callie, mas Brett podia ouvir a bravura dela enfraquecendo.

— Eu nem tive a chance de falar com a Tinsley também.

Ela foi embora antes que eu conseguisse.

Callie olhou para baixo.

— É mesmo?

— É.

As outras jogadoras soltaram a respiração.

— Eu não entendo — conjecturou Brett. — A Tinsley simplesmente... Assumiu a culpa por nós, sozinha?

— Acho que sim. Mas por que ela fez isso?

— Sei lá.

Callie começou a rir.

— Isso está mesmo uma merda.

Brett começou lentamente a rir também.

— Meu Deus, eu pensei total que tinha sido você.

— E eu pensei que tinha sido *você*!

— E *eu* pensei que você estava pedindo transferência de quarto só para não ter que falar comigo sobre a Tinsley!

Atrás delas, a Sra. Smail corria com o Sr. Steinberg, o treinador de futebol masculino. Quando viu Callie e Brett rindo e depois se abraçando, ela parou, confusa.

— Eu juro que elas estavam a ponto de se matar.

— Mulheres — suspirou o Sr. Steinberg meio desanimado, sacudindo a cabeça.

UMA WAVERLY OWL DEVE TER O CUIDADO
DE NÃO SER FLAGRADA.

ASra. Smail passou os dedos no cabelo curto louro-mel.
— Sabe de uma coisa, por que vocês todas não vão
para o banho? — sugeriu ela depois de um momento.
Até que enfim.

Brett sentia-se como se tivesse corrido uma maratona, e era assim que sempre se sentia depois de uma briga violenta com alguém. Ela andou lentamente de volta às arquibancadas com Callie e nenhuma das duas falava. Mas era um silêncio agradável, e não um silêncio tenso. Ela atirou as caneleiras na bolsa de náilon cinza Hervé Chapelier e percebeu o celular vibrando. Era uma mensagem de texto: *Venha até o meu barco quando puder. Precisamos conversar.* — Eric

Ela pôs a cabeça entre as mãos. Aquele único beijo demorado. Os lábios macios dele. O modo como ele finalmente

colocou os braços em volta dela, puxando-a para mais perto. O cheiro dele, como menta, cigarro e sabonete de lavanda francesa. O modo como ele sorriu um pouco quando eles pararam. Ela se sentiu tão rejeitada depois do beijo dos dois ontem, mas quem sabe se ele mudou de idéia? Ela sabia que era perigoso, mas viver não era assumir riscos? Ela esperava que Eric sentisse a mesma coisa.

Ele estava esparramado em uma moderna espreguiçadeira branca no convés do barco, um saco de pretzels de mostarda com mel ao lado, quando ela chegou. Ele se levantou e espanou os farelos da calça.

— Oi.

— Oi — respondeu ela, parada na beira da água. Ela tinha se vestido rapidamente com uma camiseta C&C California preta e jeans Blue Cult de cós baixo, esperando parecer informal e modesta, mas agora a roupa parecia totalmente errada. A blusa dela era tão curta e as calças tão baixas que a maior parte de sua barriga acenava para ele. Era *déclassé* demais para Eric. Ela tentou cobri-la com a mão. Não ajudou em nada que ele estivesse absolutamente lindo, o cabelo castanho-alarado em cachos na beira da camisa pólo branca.

— Oi. — Ele sorriu para ela.

— Oi de novo — disse Brett em voz baixa.

Eles ficaram em silêncio, olhando-se à distância. Brett se sentia uma idiota — obviamente ele não sentia a mesma coisa. O estômago de Brett se espremeu dentro dela, irritado por ele tê-la feito vir aqui para dizer a ela o que ela já sabia: que eles não podiam se ver mais, blá, blá, blá. Tá legal, grande coisa. Ela queria que isso acabasse rapidamente. E não queria vê-lo

nunca mais. Ela podia se demitir do CD. Quem se importava se isso fosse importante para sua candidatura à universidade? Havia outras maneiras de entrar para a Brown.

— Mas então eu estava pensando no seguinte. — Ele interrompeu os pensamentos dela. — Você tem mais um ano aqui. E você tem 17 anos. Eu tenho 23. Isso dá seis anos.

— Arrã — respondeu Brett, torcendo um cabo que estava em um dos mastros do convés.

— Seis anos. Bom, quando estivermos os dois na casa dos vinte anos... você terá, digamos, 22 e eu, 28. E quando eu tiver cinquenta, você terá 44.

Brett bufou.

— Do que você está falando?

— Eu... — começou Eric.

— Sem querer ofender — respondeu Brett rapidamente, endireitando-se. — Mas eu não vou, tipo assim, esperar por você até que eu tenha 44 anos. Eu espero estar com um cara mais novo nessa época.

Eric a encarou atentamente.

— Eu não acho que possa esperar até que você tenha 44.

— Ah — respondeu ela, girando o cabo no dedo com tanta força que começou a cortar sua circulação.

Ele a encarou, depois suspirou.

— Quer entrar na minha cabine?

Brett parou. Ela não era otimista, mas desconfiava de que este seria o maior e mais importante momento de sua vida. Parada ali, com uma camiseta vulgar e o jeans mais vulgar ainda, em um domingo qualquer depois do treino de hóquei, meio de ressaca, com 17 anos, um cravo minúsculo no canto

da bochecha direita que foi coberto com MAC, o dever de casa de biologia avançada por fazer... Sua vida era um tédio. Mas se ela quisesse que acontecesse, os momentos seguintes podiam mudar sua vida para sempre.

— É, eu acho que posso fazer isso. — Ela sorriu para si mesma e pôs a mão na amurada do convés para subir a bordo.

ÀS VEZES UMA WAVERLY OWL
DEVE ASSUMIR RISCOS.

Ao contornar a esquina do Dumbarton, Callie viu Easy bloqueando a porta da frente. Seu primeiro instinto foi se virar na outra direção e voltar ao campo de treino.

Mas Easy a viu.

— Espera. — Ele desceu a escada de concreto. — Volta aqui.

Callie se virou relutantemente. Ela teve flashes de imagens borradas da festa da noite anterior: uma confusão de garrafas de tequila, a tatuagem celta horrorosa de Heath, Easy espiando através da cortina de contas, o e-mail infantil de Heath no dia seguinte. Até o começo do ano, todo o mundo se divertia em ver como Heath pegava todas as meninas; e é claro que ela estava bêbada, com raiva de Brett e com uma raiva ainda maior de Easy, mas por que ela precisava deixar que

Heath a pegasse também?

— Oi — respondeu ela num murmúrio.

— E aí. Se divertiu ontem à noite? — perguntou ele, as sobrancelhas erguidas.

— Desculpe. — Ela bateu as mãos na saia xadrez marrom e azul do hóquei. — Sobre o... Você sabe. Aquela coisa. Foi idiotice. Um jogo de bêbados.

— Definitivamente me pegou de guarda baixa. — Easy passou o pé em um seixo do passadiço. Ver Easy desajeitado daquele jeito fez Callie derreter.

— Foi uma festa esquisita. — Ela olhou para baixo.

Easy não respondeu.

— Não foi como no ano passado — prosseguiu Callie. — Eles só estavam se divertindo.

Ela se sentou no degrau da escada e reuniu os joelhos, combatendo o impulso dominador de fechar os olhos com força.

— Eu só quero que as coisas com a gente sejam também como no ano passado. A gente se divertiu tanto.

— É — disse Easy delicadamente.

— O que aconteceu com a gente?

— Não sei.

— Talvez a gente possa recuperar tudo. — Callie levantou a cabeça, esperançosa. — Talvez, se a gente só, sei lá. A gente pode ir a algum lugar longe do *campus* e conversar. Um lugar onde não tenha ninguém. Qualquer lugar que você queira. Eu até cavalgo com você — acrescentou ela impulsivamente. Easy sempre tentou conseguir que ela andasse a cavalo com ele e ela jamais quis.

— Você faria isso?

— Se não me expulsarem daqui, sim. — Ela se remexeu no degrau. — Eu ainda não sei o que a Jenny vai fazer. Quer dizer, não acho que ela queria me dedurar, mas ela não quer ter problemas.

Easy encarou os próprios tênis.

— Eu não acho que a Jenny *deva* ter problemas.

— É, você já disse isso. — Callie ouviu a tensão na própria voz.

— Acho que você devia assumir a culpa. Jenny não tem nada a ver com isso.

— Se eu assumir a culpa, vou ser expulsa. Você quer isso?

Easy sacudiu a cabeça.

— Não. Eu... Sei lá. Se pelo menos existisse um jeito de nenhuma das duas ter problemas...

— Não entendi. — Callie o encarou. — Por que você se importa tanto se ela vai ter problemas ou não? Vocês nem se conheciam até que eu... — De repente, foi como se uma lâmpada tivesse se acendido em sua cabeça. O que Brandon tinha dito a ela depois da festa pré-Sábado Negro. As palavras no braço de Jenny. O email de fofoca de Heath (*duas pessoas se olhando nos olhos amorosamente*). Os dois estavam receptivos demais à paquera quando Callie pediu isso a eles.

Easy gostava de Jenny. Não porque Callie disse a ele para gostar dela. Mas porque ele realmente gostava.

Callie enfiou o polegar na boca e se virou para que ele não visse sua expressão.

Easy a observou enquanto ela se virava, perguntando-se o que ela estava pensando. Como ele podia salvar Jenny e Callie?

A única coisa em que podia pensar era colocar em risco seu próprio lugar na Waverly. Será que ele seria homem o bastante para isso?

Callie se virou novamente.

— Acho que o que tiver que ser, será.

— Quem sabe? Eles ainda podem me expulsar.

Ela ficou em silêncio por um segundo.

— Eu só queria voltar no tempo.

Easy pôs a mão sobre a de Callie.

— Eu sei — respondeu ele, pensando. Isto... o que quer que fosse... com Jenny... parecia grande demais para ele entender. E talvez assustador demais. Olhando para Callie, sentada no degrau com sua saia de hóquei e chinelos depois do treino, o cabelo puxado para trás num rabo-de-cavalo embaraçado e sem um pinga de maquiagem, ela parecia uma criança. Não uma adulta do mundo, cheia de emoções. Ela era doce e segura, e era algo que ele entendia. Ele odiava pensar em deixá-la, quer isto significasse deixá-la pela Jenny ou deixar a Waverly completamente. — Talvez eu possa fazer com que isso aconteça — disse ele, apertando a mão dela com os dedos.

**AS WAVERLY OWLS DEVEM SE ESFORÇAR
PARA QUE OS NAMORADOS NÃO AS
PEGUEM COM OUTRO CARA.**

Uma hora depois, Brett descia a prancha do barco, maravilhada, a mente girando do que tinha acabado de fazer.

Eric Dalton tirara suas roupas e a beijara em toda parte. Depois ele tirou as próprias roupas lentamente, como se estivesse num clube de strip-tease. Brett nunca vira um cara tirar as roupas *à luz do dia*. Ele ficou olhando para ela o tempo todo. Eles se afagaram e depois se agarraram e, justamente quando as coisas estavam acontecendo, ela de repente disse a ele que precisava de ar fresco. Estar com Eric era mais do que esperava. Mais do que sua fantasia dele tinha sido. Parecia esmagador. E não necessariamente era bom de todo. Ela precisava pensar.

E então, quem ela viu parado na ponta das docas?

Que porra!

— Lá está ela — murmurou Jeremiah para si mesmo. — Eu achei que você não gostava de velejar.

Ele estava com olheiras enormes. Vestia jeans e uma camiseta branca que dizia CBGB OMFUG, aquele clube punk no East Village, em Manhattan, e levava uma bolsa gigantesca de viagem L. L. Bean com as iniciais bordadas de um lado. Brett sentiu uma pontada de culpa — alguma coisa em Jeremiah, duro e frio, andando com uma bolsa que sem dúvida a mãe dele tinha mandado monogramar para ele, parecia realmente vulnerável e doce.

— Ah. Oi.

— Oi? — Jeremiah sacudiu a cabeça. — É só o que pode dizer. Oi?

— Bom — Brett tentou passar por ele, mas ele a deteve com o braço. A mão pegou o bíceps dela com força. Por uma fração de segundo ela teve um pouco de medo e olhou para o barco procurando por ajuda. Depois ela entendeu, este era Jeremiah. Ela se livrou do aperto dele. — Não toque em mim desse jeito! Não recebeu meu recado?

— O quê, então você termina com alguém por caixa postal? — gritou ele. — Mas que classe a sua. Eu pensei que você fosse melhor do que isso.

Brett não queria ter essa discussão bem na frente do barco — Eric, que se despiu lentamente. Eric, que a tocara como um perito e de forma madura, e não do modo desajeitado e arrebatado como agiam os meninos da idade dela. Eric, que não ficou irritado quando Brett se cobriu com os lençóis Ralph

Lauren e disse que eles deviam parar. Ela começou a descer o caminho de volta para o *campus*.

— Tá legal. — Ela se virou. — Estou terminando com você pessoalmente, então. Está satisfeito?

— Você não acha que pode me dar pelo menos uma porra de um motivo?

— Claro — disse Brett. — Você realmente achou que era sério? Taí. Te dei um.

Jeremiah parou. Os olhos dele estavam inchados e vermelhos. Parecia que ele nem tinha dormido ainda.

— É. Eu *pensei* que era sério. Por que mais eu ia te convidar a ir a Califórnia comigo?

— Bom... — Ela olhou para o chão.

— Mas é óbvio que tem outro — arriscou ele. — Me disseram para te procurar aqui. Tem um homem no barco, não é? Você estava com um homem lá, no barco dele, na cabine dele? Vamos lá, Brett. Isso é meio vulgar, você não acha?

Brett se aprumou e semicerrou os olhos. Como se ele pudesse falar de baixa classe, usando esse sotaque idiota! Depois a ficha caiu.

— Peraí, quem disse a você que eu estava aqui?

Jeremiah deu de ombros.

— Por que isso importa? — Ele tirou um maço de Camel Lights da mochila. — A questão é que alguém me contou e você deixou tudo muito claro. Então, foda-se. Quem perde é você.

Ele se virou e pulou para o gramado, um cigarro apagado pendurado na boca.

— Peraí — gritou Brett com a voz rouca. Uma onda de

nervosismo percorreu seu corpo. — Quem te contou que eu estava...

Mas ele estava longe demais para ouvir e ela não queria gritar. Ela se virou e olhou para as docas. O barco de Eric oscilava placidamente na água, como se não tivesse acabado de testemunhar o momento mais transformador da existência de Brett. Com mais alguns passos, ela podia voltar para lá e subir na cama ao lado de Eric. Eles podiam tomar vinho e conversar sobre as coisas e ele a faria se sentir melhor com tudo isso. Depois ela podia transar com ele, pela primeira vez na vida.

Mas ela não devia. E não sabia bem por quê.

UMA WAVERLY OWL É SEMPRE SINCERA.

Na segunda-feira de manhã, Jenny estava sentada à grande mesa redonda de carvalho na sala do reitor Marymount, faltando só alguns minutos para a reunião do comitê disciplinar. A sala tinha cheiro de uma combinação de livros velhos e tinta nova. Easy sentava-se a algumas cadeiras de distância; Brett, Ryan, Celine e os outros membros do CD, bem como o Sr. Pardee, o Sr. Dalton e o reitor Marymount, estavam em fila do outro lado da mesa, as mãos cruzadas e os olhos fixos em Jenny. Como era só para membros do CD, Callie não teve permissão para assistir à audiência. Jenny imaginou Callie fumando nervosa todo um maço de cigarros dentro do Dumbarton agora, na expectativa do veredito.

Na parede de frente para Jenny havia pinturas emolduradas em prata criadas pelas turmas de formatura da Waverly, de

1985 até o presente. Eram impressões das mãos, em cores vivas diferentes, cada uma delas com o nome do aluno na base. Até as mãos dos alunos da Waverly pareciam ricas. Ela se perguntou como as dela ficariam junto com as dos outros ali. Depois ela se perguntou se ela ia ficar na Waverly por tempo suficiente para colocar as impressões da mão em uma tela de turma.

Mas isso é que era deixar tudo para a última hora. Ela ainda não tinha decidido o que ia dizer ao CD, e agora chegara o momento. Marymount, parecendo especialmente suburbano com um suéter azul-marinho por baixo do blazer marrom da Waverly e os óculos redondos de aro dourado, lambeu o dedo para virar a página de seu bloco.

— Muito bem, Sr. Pardee, as anotações aqui dizem que o Sr. Walsh foi pego no quarto da Srta. Humphrey. Eles estavam conversando e o Sr. Walsh estava praticamente nu. Isto é correto?

— É verdade — confirmou o Sr. Pardee. — Eu os flagrei e parecia que tinha acontecido alguma atividade sexual. — Ele olhou para a mesa, a cor subindo por seu pescoço. Jenny mordeu o interior da bochecha.

Marymount se voltou para Jenny.

— Srta. Humphrey?

Era agora. Hora de ou entregar Callie, ou se entregar e estragar a nova vida. Ela respirou fundo, embora não fizesse idéia do que estava prestes a dizer.

— Foi tudo minha culpa.

Todos na sala se viraram para Easy. Ele deu um pigarro.

— Perdão? — perguntou Marymount.

— Foi tudo minha culpa — repetiu ele. — Olha, eu estava procurando pela Callie. Eu ia dormir, de cueca, e saí do meu quarto desse jeito. Eu andei até o quarto dela, mas Callie não estava lá. Então eu comecei a conversar com a Jenny, mas ela não me convidou a entrar. Foi aí que Pardee nos pegou. Pode parecer que Jenny e eu estávamos juntos, mas não é verdade. Ela realmente não tem nada a ver com isso.

Jenny escancarou a boca.

— Eu me sentei na cama dela — continuou ele. — Ela não me convidou. Eu simplesmente fui em frente e sentei.

Marymount passou a mão no cabelo fino cor de areia.

— Você percebe as repercussões disso? Como é inadequado?

— É. — Easy tombou a cabeça.

Jenny mordeu o lábio e se sentou sobre as mãos. A parte de alunos do comitê a encarava com uma expressão vazia, o rosto totalmente sem emoção. Mais provavelmente porque ainda estavam de ressaca da noite de sábado. Embora ela tentasse ao máximo não transparecer emoção alguma, por dentro sentia-se uma máquina de pinball com defeito. Ela estava livre, mas agora Easy estava bem encrocado. E se ele fosse expulso? Será que todos a culpariam? Mais importante, será que Jenny corria o risco de perder o primeiro cara na vida que ela... amava?

Marymount se endireitou e passou os nós dos dedos na mesa.

— Srta. Humphrey? Foi isso que aconteceu?

Jenny assentiu devagar. Era verdade, afinal. Mais ou menos.

— Bom, mesmo assim, esta não é a melhor maneira de começar o ano, em especial com seu grito de torcida no jogo de hóquei. Quero que vá à minha sala na semana que vem. — Marymount franziu o cenho. — Acho que temos que pensar em alguma coisa para mantê-la longe de problemas.

Jenny assentiu.

— Tudo bem.

Marymount virou-se para Easy.

— Só para que fique claro, Sr. Welsh, está assumindo toda a culpa por isso?

Easy respirou fundo. Ele sonhava com esse momento, o *exato* segundo em que o expulsariam da Waverly. Em algum lugar em seu íntimo, ele sempre soube que era inevitável. Ele imaginou o que ia dizer, o que estaria vestindo. Imaginou loucamente que estaria com o uniforme vermelho dos Power Rangers que tinha quando criança e portaria um dos rifles descarregados do pai, só para deixar todo o mundo meio nervoso. Ele estaria com os óculos *Terminator* Dolce & Gabbana enormes na testa. E ia dizer a todos os funcionários da Waverly precisamente o que ele pensava deles e depois ia subir em Credo e cavalgar ao pôr-do-sol.

Mas as coisas nunca acontecem como a gente imagina. Agora ele suava profusamente na camisa branca Brooks Brothers e no blazer marrom da Waverly. Ele pensou em todas as coisas de que ia sentir falta se o expulsassem. As corujas. O modo como o sol se punha laranja e roxo sobre o Hudson. O vitral preferida da capela. A torta de cereja do refeitório e a alegre funcionária Mabel de lá, que era de uma cidadezinha perto de Lexington. Callie. Jenny. Ele ia sentir

saudade de tudo o que viu em Jenny.

— E então? — insistiu Marymount.

— Sim. — Ele assentiu. — Eu assumo.

— Bem, então — continuou Marymount numa voz suave e decepcionada. — Comitê, consideramos o Sr. Walsh culpado? Todos a favor?

Brett, o Sr. Dalton, o Sr. Pardee e Benny ergueram as mãos. Os membros do primeiro e do segundo anos no comitê deram de ombros como quem se desculpa, mas também levantaram a mão. Por fim, Alan relutantemente ergueu a mão, e o mesmo fizeram as duas meninas do terceiro ano.

Uma pausa pavorosa encheu o ar enquanto Marymount verificava a mão de cada membro do comitê. Easy olhava para o chão.

Por fim Marymount suspirou.

— Muito bem. É isto que vamos fazer. Sr. Walsh, esta é sua última advertência. Vamos colocá-lo de castigo. De novo. Duas semanas. Você não pode ir ao estábulo a não ser que haja uma emergência com seu cavalo. Nada de privilégios na cidade, e nada de visitas. Você irá à capela, às aulas e às refeições, mas só.

Ele continuou falando, mas ninguém o ouvia. Alan, Benny e as duas meninas do terceiro ano soltaram um suspiro coletivo de gratidão. Brett recuou na cadeira e cruzou os braços, tentando não sorrir.

— Peraí — sussurrou Jenny para ninguém em particular. — O que está acontecendo?

— Isto significa que o velho cretino me deixou ficar — murmurou Easy. Mas, na voz dele, ela pôde sentir como ele

estava feliz. E pelo olhar significativo que ele lhe deu, Jenny pensou que talvez, só talvez, tivesse alguma coisa a ver com ela.

MUITAS WAVERLY OWLS PODEM SER INCRÍVEIS...
MAS SÓ UMA PODE SER DEMAIS.

Brett vasculhou a bolsa de hóquei de náilon cinza Hervé e pegou uma garrafa de 150ml de rum Gosling. — Precisamos comemorar — anunciou ela teatralmente. As três meninas estavam sentadas exaustas no chão do quarto 303 do alojamento Dumbarton, Jenny e Brett de estresse do CD, e Callie de estresse de *não* estar no CD.

Jenny viu enquanto Brett servia lentamente cada um dos copos altos Crate & Barrel. Ela meio que se sentia como se estivesse na festa Sábado Negro — quente, pegajosa e incluída. Era esta a vida que ela sonhara ter na Waverly, e agora era real. Seus sonhos se tornando realidade.

Pelo menos, ela sentia isso com Brett. Callie ainda estava meio fria. É claro que assim que Jenny voltou ao quarto e contou a novidade a Callie, ela rapidamente correu e deu um

enorme abraço em Jenny, dizendo como estava eternamente grata porque ela não a dedurou. Mas ainda havia um assunto inacabado entre elas.

— Ao novo ano na Waverly — brindou Brett.

Elas bateram os copos.

— E — interferiu Callie — a nós, por deixarmos toda a história da Tinsley para trás.

— É verdade — concordou Brett.

— Eu nem sei o que é que perturbou tanto vocês — ariscou-se Jenny.

— É uma longa história.

— Rolaram uns boatos — explicou Callie. — As pessoas ficaram falando do motivo para a Tinsley ser expulsa. Alguns diziam que foi por minha causa, outros diziam que foi por causa da Brett. Nenhuma de nós sabia no que acreditar.

— E por falar em boatos — começou Brett. Jenny percebeu que os olhos de Brett estavam rosados e as unhas, normalmente com esmalte e tratadas à perfeição, estavam roídas até o sabugo. — Humm, uma de vocês ouviu falar alguma coisa sobre Eric Dalton e eu?

— Não — respondeu Callie meio rápido demais. Jenny olhou para ela meio confusa.

Brett revirou os olhos.

— Quer dizer, eu sei que as duas sabiam. De qualquer forma, eu estou tendo... Um lance com o Sr. Dalton.

— Você dormiu com ele? — perguntou Callie.

— Não. Mas quase dormi.

Elas ficaram em silêncio por um momento.

— Mas, humm, o Jeremiah me pegou saindo do barco

dele ontem — continuou Brett sem se alterar, colocando o cabelo atrás da orelha. Jenny percebeu um enorme chupão no pescoço dela. — E fico me perguntando como ele soube que eu estava lá.

Jenny juntou os lábios e percebeu que Callie estava fazendo a mesma coisa. Ela não disse uma palavra a ninguém, mas Callie certamente falou. Mas... Como foi que Callie descobriu? Será que a Brett pensava que Jenny tinha contado?

— Eu não tenho a menor idéia — repetiu Callie, sem olhar diretamente para Brett.

— Tudo bem — murmurou Brett.

— Você está bem? — perguntou Jenny. — Com o Sr. Dalton e tudo isso?

Brett deu de ombros. Ela não tinha certeza do que dizer. Queria poder ser mais adulta e contar a verdade a elas, que enquanto ela via Eric se despindo, ela realmente sentiu falta dos meninos de sua idade, com o apalpar nervoso, atrapalhando-se com as roupas, como se não acreditassem na sorte que tinham de ficar com uma garota como a Brett. A óbvia experiência de Eric a perturbava. Ela queria poder voltar até ele e dizer com confiança, *Oi, garotão, me pega agora*. Mas não conseguia. Não estava pronta. É claro que ela queria dizer a Callie e a Jenny tudo isso, mas já havia dito a Callie que tinha perdido a virgindade há anos com aquele suíço em Gstaad. O que ela ia pensar se Brett admitisse a verdade agora?

As meninas tomaram seus drinques em silêncio, esperando que Brett respondesse. Jenny se recostou. Ela se sentia com sorte. Não era namorada de Easy, mas sabia que se alguma coisa acabasse acontecendo entre os dois, não seria nada errado. Seria

exatamente o certo. Agora, se ao menos Callie voltasse para Brandon...

— Ei — Callie rompeu o silêncio. — Tive uma idéia. — Ela se levantou e saiu do quarto. Rapidamente, voltou trazendo um livro grosso de capa de couro vermelha. Dizia *WAVERLY OWLS*, 2000. — A sala de estar tem destes livros datando até os anos 1950.

— Um livro do ano? — perguntou Brett. — Nós ainda não estamos nele.

— Não, mas o Sr. Dalton está. — Callie sorriu maliciosamente.

— Ai meu Deus, abre aí — exclamou Jenny.

Elas abriram o livro dos veteranos, na letra *D*, de *Dalton*. Lá estava ele, num smoking de formatura, com o mesmo sorriso de estou-aprontando-uma-mas-você-não-vai-descobrir. Ele parecia cinco anos mais novo mas ainda era um gato. Elas olharam em silêncio.

— Achei que talvez a gente fosse descobrir que ele era um baita mongo obcecado por PlayStation e que tinha um monte de espinhas — admitiu Callie solenemente. — Achei que isso podia ajudar. — Ela deu de ombros. — Não parece ser este o caso de jeito algum.

— Ah, francamente — contra-atacou Jenny. — Só o que temos que fazer é descobrir o livro dos calouros. Garanto que ele vai parecer um anormal total. Quer dizer, todo o mundo parece monga quando é calouro.

— Até você? — perguntou Callie jovialmente.

— Ah, não. Eu nunca fui monga. Precisa ver minhas fotos da quinta série. Eu tinha aqueles suéteres Old Navy. Era

totalmente gata.

— Eca. — Callie riu.

— É. Quando você conhecer meu pai, ele vai te mostrar as fotos, sem dúvida alguma.

Brett bateu o travesseiro nela.

— Você é tão estranha.

Jenny começou a rir e bateu o travesseiro em Brett também. Uma pena voou do travesseiro e caiu no lábio com brilho MAC de Callie, fazendo Jenny rir ainda mais. Talvez fosse o rum, mas ela se sentia pirada.

De repente, houve uma batida na porta. As meninas congelaram.

— O rum — sussurrou Callie. — Debaixo da cama.

Elas lutaram para esconder os copos e, na pressa, não esconderam o livro do ano de 2000. Callie abriu a porta e viu Marymount, Angelica Pardee e o Sr. Pardee, todos apertados na soleira da porta.

Ai meu Deus, pensou Jenny. *Eles mudaram de idéia. Vamos todas ser expulsas. Merda, merda, merda.*

— Este quarto sem dúvida é grande o suficiente para quatro — refletiu Angelica, olhando em volta.

— Só precisamos de mais uma cama — acrescentou o Sr. Pardee. — Já tem uma mesa vaga.

Callie, Jenny e Brett se olharam. *Quatro?*

— Humm, podemos ajudá-los? — perguntou Brett. Ela tentou manter a boca fechada ao máximo enquanto falava, para que os professores não sentissem o cheiro de rum no bafo.

— Meninas — anunciou Marymount. — Tenho uma novidade interessante que acho que vai deixar vocês felizes.

— O que é? — Callie estava perplexa. — Vai colocar outra menina aqui com a gente?

— Não é uma menina qualquer. — O Sr. Pardee sorriu. — A sua velha amiga Tinsley.

Todas as três colegas de quarto caíram em silêncio. Callie e Brett se encararam, os olhos arregalados. Os olhos de Jenny dispararam de uma para a outra. *Tinsley?*

— Peraí — guinchou Callie. — Do que está falando?

— Você ouviu — ribombou Marymount. — O corpo docente decidiu reintegrar a Tinsley.

— E ela está voltando... pra cá?

— É isso mesmo.

— Caraca — foi só o que Brett conseguiu dizer. As outras meninas assentiram.

— Jóia — acrescentou Jenny.

Jóia simplesmente dizia tudo.



CallieVernon: Você está aqui no quarto, mas não quero que a Jenny ouça o que quero dizer.

BrettMesserschmidt: Tá, manda.

CallieVernon: Não sei se tem espaço nesse campus para Tinsley e Jenny.

BrettMesserschmidt: Como assim?

CallieVernon: Eu sei que você entendeu o que eu disse.

BrettMesserschmidt: Tá, tudo bem, elas duas têm... alguma coisa. Mas quem sabe ficam amigas?

CallieVernon: Ou arranquem os olhos uma da outra.

BrettMesserschmidt: Vai ser um ano interessante...

CallieVernon: Eu que o diga.

BrettMesserschmidt: Como vc acha que a Tinsley voltou?

CallieVernon: Talvez ela tenha feito um strip para Marymount... Soube que ele gosta disso.

BrettMesserschmidt: Mente poluída.

CallieVernon: Mas é por isso que vc me adora!

BrettMesserschmidt: Adoro mesmo. Mas só por enquanto...